



Câmpus  
Anápolis de Ciências  
Socioeconômicas  
e Humanas



Universidade  
Estadual de Goiás

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades:

Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER)

LARISSA FERREIRA DE SOUZA

**A PRESENÇA DA RELIGIOSIDADE NA TOPONÍMIA:**

Um estudo interdisciplinar sobre os bairros de Anápolis (GO)

Anápolis

2018

LARISSA FERREIRA DE SOUZA

**A PRESENÇA DA RELIGIOSIDADE NA TOPONÍMIA:**

Um estudo interdisciplinar sobre os bairros de Anápolis (GO)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação TECCER, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades, na área interdisciplinar, linha de pesquisa: Saberes e Expressões Culturais do Cerrado.

Orientador: Prof. Dr. Ewerton de Freitas Ignácio.

Anápolis

2018

Ficha catalográfica

S729p

Souza, Larissa Ferreira de.

A presença da religiosidade na toponímia [manuscrito] : um estudo interdisciplinar sobre os bairros de Anápolis (GO) / Larissa Ferreira de Souza - 2018.

113f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Ewerton de Freitas Ignácio.

Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado). Universidade Estadual de Goiás, Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, 2018.

Inclui bibliografia.

1.Linguística. 2.Onomástica - Religião. 3.Nomes de cidades - Anápolis(GO) - Religião e História. 4.Dissertações - TECCER - CCSEH/UEG. I.Ignácio, Ewerton de Freitas. II.Título.

CDU 81'373.2(817.3Anápolis)(043.3)

Elaborada por Aparecida Marta de Jesus Fernandes  
Bibliotecária/UEG/CCSEH  
CRB1/2385

LARISSA FERREIRA DE SOUZA

**A PRESENÇA DA RELIGIOSIDADE NA TOPONÍMIA:**

Um estudo interdisciplinar sobre os bairros de Anápolis (GO)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação TECCER, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades, na área interdisciplinar, linha de pesquisa: Saberes e Expressões Culturais do Cerrado.

Orientador: Prof. Dr. Ewerton de Freitas Ignácio.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Ewerton de Freitas Ignácio  
Presidente/UEG-TECCER

---

Prof. Dr. Ademir Luiz da Silva  
Membro/UEG-TECCER

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria Eugênia Curado  
Membro/UEG-IELT

Anápolis, 20 de março de 2018.

A Deus pela força.  
A minha mãe e Eudes pelo apoio.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus familiares e amigos por todo incentivo e amizade.

Ao professor doutor Ewerton de Freitas Ignácio pela orientação e companheirismo.

À CAPES, Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo oferecimento da bolsa de mestrado.

Aos funcionários da Mapoteca de Anápolis, seu Wandercy e William, por terem sido tão solícitos e gentis comigo durante a coleta de dados.

Aos professores do programa, os doutores Ademir Luiz da Silva, Eliézer Cardoso de Oliveira, Maria Idelma Vieira D'Abadia e Mary Anne Vieira Silva as sugestões dadas durante o Seminário de Aprimoramento do Projeto de Pesquisa do GT4.

A banca examinadora composta pelos professores doutores Ademir Luiz da Silva e Maria Eugênia Curado por terem aceitado o convite.

Enfim, a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a construção desta pesquisa.

“Desde os mais remotos tempos, o homem sempre deu nome aos lugares. E o sentido desses denominativos é o ponto de partida para investigações no campo da linguística, geografia, antropologia, psicosociologia, enfim, da cultura em geral”. (DICK, 1990b, p. 1).

## RESUMO

A Onomástica, campo da linguística responsável por estudar os nomes próprios, exige em sua essência, uma pesquisa interdisciplinar. A Toponímia, uma de suas ramificações, dialoga bem com disciplinas como a História, a Geografia e a Sociologia. O estudo dos nomes atribuídos a lugares é o objeto desta pesquisa, que visou estudar os duzentos e noventa e oito nomes de bairros da cidade de Anápolis (GO). Devido ao grande número de topônimos, um recorte temático foi necessário, dessa forma a motivação religiosa foi a escolhida, não por acaso. Sendo a religião uma das principais manifestações culturais de um povo, torna-se interesse vê-la refletida no processo denominativo. Como a proposta desta pesquisa é interdisciplinar, buscamos levar em conta não apenas aspectos linguísticos, mas também o contexto histórico-cultural em que os topônimos foram inseridos. A partir disso, o estudo orienta-se pelos princípios da ciência Onomástica. E os princípios teórico-metodológicos da Lexicologia e da Toponímia, em especial pelo modelo de Dick (1990b). O embasamento teórico sustenta-se também por meio dos estudos de três pensadores clássicos da Sociologia que deixaram sua contribuição para o estudo do fenômeno religioso: Marx (2006), Durkheim (1996) e Weber (2004), e do historiador da Mata (2004, 2005). Para este estudo, além da pesquisa bibliográfica, foi necessária uma pesquisa documental. Foram utilizados mapas dos bairros da cidade e documentos disponíveis em órgãos públicos de Anápolis (GO). Os bairros analisados compreendem o período de 1930-2017.

**Palavras-Chaves:** Onomástica. Desencantamento do mundo. Desencantamento da toponímia.

## ABSTRACT

The Onomastics, the branch of linguistics responsible for studying proper names, requires in its essence an interdisciplinary research. The Toponymy, one of its ramifications, dialogues well with disciplines such as History, Geography and Sociology. The study of names attributed to places is the object of this research, which aimed to study the two hundred and ninety-eight names of districts of the city of Anápolis (GO). Due to the large number of toponyms, a thematic clipping was necessary, so the religious motivation was chosen, not by chance. Since religion is one of the main cultural manifestations of a people, it becomes interesting to see it reflected in the word process. As the proposal of this research is interdisciplinary, we seek to take into account not only linguistic aspects, but also the historical-cultural context in which the toponyms were inserted. From this, the study is guided by the principles of Onomastic science. And the theoretical methodological principles of Lexicology and Toponymy, especially by the model of Dick (1990b). The theoretical basis is also supported by the studies of three classical sociology thinkers who have left their contribution to the study of religious phenomena: Marx (2006), Durkheim (1996) and Weber (2004), and the historian Mata (2004, 2005). For this study, besides the bibliographical research, a documentary research was necessary. Maps of the city districts and documents available in public agencies of Anápolis (GO) were used. The districts analysed comprise the period of 1930-2017.

**Keywords:** Onomastics. Disenchantment of the world. Disenchantment of the toponymy.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - FICHA MODELO.....	28
QUADRO 2 - LISTA DE BAIRROS.....	44
QUADRO 3 - FICHA 1 ARCO-ÍRIS.....	52
QUADRO 4 - FICHA 2 BATISTA.....	53
QUADRO 5 - FICHA 3 DOM BOSCO.....	53
QUADRO 6 - FICHA 4 DOM EMANUEL.....	54
QUADRO 7 - FICHA 5 DOM FELIPE.....	55
QUADRO 8 - FICHA 6 FREI EUSTÁQUIO.....	55
QUADRO 9 - FICHA 7 FREI EUSTÁQUIO.....	56
QUADRO 10 - FICHA 8 JOÃO XXIII.....	56
QUADRO 11 - FICHA 9 MENINO JESUS.....	57
QUADRO 12 - FICHA 10 MONTE SINAI 1ª ETAPA.....	57
QUADRO 13 - FICHA 11 NOSSA SENHORA APARECIDA.....	58
QUADRO 14 - FICHA 12 NOSSA SENHORA D'ABADIA.....	59
QUADRO 15 - FICHA 13 NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO.....	59
QUADRO 16 - FICHA 14 NOVA ALIANÇA.....	60
QUADRO 17 - FICHA 15 NOVO PARAÍSO.....	61
QUADRO 18 - FICHA 16 OLIVEIRAS.....	62
QUADRO 19 - FICHA 17 PARAÍSO “SS”1ª ETAPA.....	62
QUADRO 20 - FICHA 18 PARAÍSO “SS” 2ª ETAPA.....	63
QUADRO 21 - FICHA 19 PROMISSÃO.....	64
QUADRO 22 - FICHA 20 REVERENDO ARCHIBALD.....	64
QUADRO 23 - FICHA 21 RIO JORDÃO.....	65
QUADRO 24 - FICHA 22 SANTA CECÍLIA.....	65
QUADRO 25 - FICHA 23 SANTA CLARA.....	66
QUADRO 26 - FICHA 24 SANTA CRUZ.....	67
QUADRO 27 - FICHA 25 SANTA HELENA.....	67
QUADRO 28 - FICHA 26 SANTA ISABEL 1ª ETAPA.....	68
QUADRO 29 - FICHA 27 SANTA ISABEL 2ª ETAPA.....	68
QUADRO 30 - FICHA 28 SANTA MARIA.....	69
QUADRO 31 - FICHA 29 SANTA MARIA DE NAZARÉ.....	70
QUADRO 32 - FICHA 30 SANTA RITA.....	71

QUADRO 33 - FICHA 31 SANTA ROSA.....	71
QUADRO 34 - FICHA 32 SANTA TEREZINHA.....	72
QUADRO 35 - FICHA 33 SANTANA 1ª ETAPA.....	72
QUADRO 36 - FICHA 34 SANTANA 2ª ETAPA.....	73
QUADRO 37 - FICHA 35 SANTANA.....	74
QUADRO 38 - FICHA 36 SANTO ANDRÉ.....	74
QUADRO 39 - FICHA 37 SANTO ANTÔNIO.....	75
QUADRO 40 - FICHA 38 SANTO ANTÔNIO.....	76
QUADRO 41 - FICHA 39 SANTO ANTÔNIO.....	76
QUADRO 42 - FICHA 40 SANTO ANTÔNIO.....	77
QUADRO 43 - FICHA 41 SANTO EXPEDITO.....	78
QUADRO 44 - FICHA 42 SÃO CARLOS 1ª ETAPA.....	79
QUADRO 45 - FICHA 43 SÃO CARLOS 2ª ETAPA.....	80
QUADRO 46 - FICHA 44 SÃO CONRADO.....	80
QUADRO 47 - FICHA 45 SÃO JERÔNIMO.....	81
QUADRO 48 - FICHA 46 SÃO JOÃO.....	82
QUADRO 49 - FICHA 47 SÃO JOÃO.....	83
QUADRO 50 - FICHA 48 SÃO JOÃO.....	84
QUADRO 51 - FICHA 49 SÃO JOAQUIM 1ª ETAPA.....	85
QUADRO 52 - FICHA 50 SÃO JOAQUIM 2ª ETAPA.....	85
QUADRO 53 - FICHA 51 SÃO JORGE.....	86
QUADRO 54 - FICHA 52 SÃO JOSÉ.....	87
QUADRO 55 - FICHA 53 SÃO JOSÉ.....	87
QUADRO 56 - FICHA 54 SÃO LOURENÇO.....	88
QUADRO 57 - FICHA 55 SÃO MARCOS.....	88
QUADRO 58 - FICHA 56 SÃO PAULO.....	89
QUADRO 59 - FICHA 57 SÃO SEBASTIÃO.....	90
QUADRO 60 - FICHA 58 SÃO VICENTE.....	90
QUADRO 61 - FICHA 59 SÃO VICENTE.....	91
QUADRO 62 - FICHA 60 VERA CRUZ.....	92
QUADRO 63 - FICHA 1 ANA PAULA.....	107
QUADRO 64 - FICHA 2 GRANVILLE.....	108
QUADRO 65 - FICHA 3 CENTRAL.....	109

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 ESTUDOS ONOMÁSTICOS TOPONÍMICOS E SUAS INTERSECÇÕES E INTER- RELAÇÕES</b> .....	14
1.1 ONOMÁSTICA E TOPONÍMIA: CONCEITO E DELIMITAÇÃO .....	14
1.2 ESTUDOS ONOMÁSTICOS TOPONÍMICOS: UM ESTUDO INTRA E EXTRALINGUÍSTICO.....	19
1.3 TAXIONOMIA TOPONÍMICA E AS FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS: QUADRO TEÓRICO E MODELO METODOLÓGICO .....	24
<b>2 ANÁPOLIS: O NOME QUE REFLETE O ESPÍRITO RELIGIOSO DA CIDADE</b> ...	29
2.1 PATRIMÔNIO DE SANT'ANA .....	29
2.2 RELIGIOSIDADE: TRAÇO HISTÓRICO E REALIDADE EM ANÁPOLIS .....	37
2.3 A CIDADE DE ANA E OS NOMES DE SEUS BAIRROS .....	42
2.4 TOPÔNIMOS DE MOTIVAÇÃO RELIGIOSA: OS HIEROTOPÔNIMOS E OS HAGIOTOPÔNIMOS .....	52
<b>3 RELIGIÃO E SOCIEDADE</b> .....	96
3.1 SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO .....	96
3.2 O DESENCANTAMENTO DA TOPONÍMIA .....	104
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	112
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	114

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasceu da curiosidade e por meio da observação foi detectado que vários bairros da cidade de Anápolis (GO) refletem algum tipo de motivação religiosa, no que diz respeito ao processo do qual resultou seus nomes. Portanto estudar os topônimos, os nomes de bairros, de Anápolis (GO) quanto a motivação de caráter religioso, suas relações com a história e a cultura da cidade, tendo em vista sua taxionomia toponímica e reflexão sobre o princípio norteador das denominações, ou seja, a religiosidade presente na cidade se tornou o objetivo geral desta pesquisa.

A religiosidade é uma das expressões da cultura de um povo. E vê-la no processo denominativo dos bairros sugere que ela possui grande força dentro da cidade pesquisada. O geógrafo francês Claval (2014, p. 210) afirma que “nomear os lugares é impregná-los de cultura e poder”. E que “a toponímia é um traço da cultura e uma herança cultural (NÈGRE, 1963 apud CLAVAL, 2014, p. 209)”. Devido a isso, esta pesquisa se insere na Toponímia e pretende estudar os topônimos, nomes de bairros, da cidade de Anápolis (GO).

Este estudo se justifica na medida em que os estudos onomásticos toponímicos apresentam caráter interdisciplinar, pois o ato de nomeação dos lugares se estabelece intrinsecamente vinculado a outras áreas do conhecimento humano tais como: além da Linguística, é claro, se vincula à História, à Geografia, à Antropologia, à Sociologia, à Ecologia, à Literatura, fato que também acarreta intersecções e inter-relações, que podem estar explícitas na transparência semântica (PIEL, 1979) ou obscurecidas na expressão toponímica. A elucidação desses fatores transdisciplinares pode conseqüentemente, trazer à tona inúmeras questões que estão na base dos processos de nomeação que, por sua vez, se encontram revestidos, quase sempre, por uma diversidade de fenômenos das mais diferentes esferas das atividades humanas.

Dito isso, o caráter interdisciplinar desta pesquisa se encaixa de forma coerente no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades: Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER). E também na linha de pesquisa ‘Saberes e expressões culturais do cerrado’, pois dentro da cultura além das manifestações artísticas, sociais, e comportamentais de um povo, existem as manifestações linguísticas. Nesse aspecto ressalta-se que a língua falada e escrita se constitui como uma das expressões culturais de um povo, na medida em que espelha e veicula linguisticamente, não só a ideologia e a cosmovisão, mas os valores sociais de um povo.

Optamos neste estudo pela pesquisa documental e bibliográfica. Para a pesquisa documental foi necessário ir à Mapoteca para a obtenção do *corpus* do trabalho. Os mapas e documentos utilizados na pesquisa virão em anexo em formato digital. Para a pesquisa bibliográfica utilizamos fundamentalmente contribuições de autores de diversas áreas do conhecimento: tais como Dick (1975, 1990a, 1990b, 1996a, 1996b, 2004, 2007) da Linguística, da Mata (2000, 2002, 2004, 2005, 2006a, 2006b, 2014) da História e Marx (2006), Durkheim (1996) e Weber (2004) da Sociologia, só para citar os principais.

No primeiro capítulo, serão explicados detalhadamente os conceitos linguísticos usuais nesse tipo de pesquisa. O surgimento do estudo toponímico e quem foram seus precursores no Brasil e no mundo serão relatados. Ainda nesse capítulo, reconheceremos a importância das relações entre os estudos onomásticos toponímicos e outras áreas do conhecimento humano. A parte teórica e metodológica também será devidamente elucidada nesse capítulo.

No segundo capítulo, será verificado o contexto histórico, geográfico e religioso de Anápolis. Aspectos pertinentes da história inicial da cidade (1870-1907), sua estreita relação com a religiosidade presente desde sua criação até os dias atuais. Será descrito como se deu a obtenção do *corpus* da pesquisa. Serão realizadas a análise de documentos oficiais, mapas e serão elaboradas fichas lexicográfico-toponímicas dos bairros e verificada as motivações religiosas presentes nos topônimos.

Por fim, no capítulo 3, analisaremos a estreita relação religião-sociedade por meio do processo denominativo. A princípio, será apresentado um resumo das três perspectivas clássicas da Sociologia acerca do fenômeno religioso, e depois os dados serão analisados numa perspectiva sociológica utilizando os conceitos de dois teóricos, Weber e da Mata.

Com esses três capítulos esperamos responder a seguinte problematização: Que aspectos religiosos permeiam as motivações para escolha das designações toponímicas dos bairros da cidade de Anápolis (GO)? Quais as implicações desse processo denominativo na sociedade local? O primeiro problema é de caráter linguístico, dessa forma a teoria será apresentada no primeiro capítulo e o problema respondido no capítulo seguinte. Por sua vez, o segundo problema que é de vertente sociológica será teorizado e respondido no último capítulo.

## 1 ESTUDOS ONOMÁSTICOS TOPONÍMICOS E SUAS INTERSECÇÕES E INTER-RELAÇÕES

Neste capítulo os objetivos são reconhecer as relações entre os estudos onomásticos toponímicos e outras áreas do conhecimento humano e explicar a parte teórica e metodológica desta pesquisa no que diz respeito à Linguística. Os teóricos utilizados neste capítulo serão em sua maioria linguistas.

### 1.1 ONOMÁSTICA E TOPONÍMIA: CONCEITO E DELIMITAÇÃO

Quando se fala em cultura logo vem à mente as manifestações artísticas, sociais, e comportamentais de um povo. Dessa forma, atividades e expressões, tais como a música, o teatro, as danças, as crenças, os mitos, a culinária, a arquitetura, as invenções e as formas de organização social passam a preencher nosso imaginário. Porém, dentro da cultura existem ainda as manifestações linguísticas. Sendo a língua falada e escrita uma das expressões culturais mais significativas de um povo. Pois é por meio dela que nos comunicamos, verbalizamos nossos pensamentos, expressamos nossos sentimentos e emoções. Neste tópico, por meio de levantamento bibliográfico serão apresentados alguns conceitos linguísticos importantes para o entendimento da pesquisa e discutiremos acerca do surgimento dos estudos toponímicos no Brasil.

A Ciência que tem por objeto a língua denomina-se Linguística. Cabe a essa área do estudo científico estudar a linguagem em seus vários aspectos, inclusive semântico. Dentro da Linguística existem as Ciências do Léxico, dentre elas, a Lexicologia. E dentro da Lexicologia se insere a Onomástica, responsável por estudar os nomes próprios. Faggion e Misturini (2014) explicam detalhadamente esse fato:

Encontram-se, dentro da Linguística, ciência que estuda a linguagem, as Ciências do Léxico. Estas se subdividem em Lexicografia, Terminologia e Lexicologia. Enquanto a primeira é utilizada na construção de dicionários, a segunda estuda termos específicos das ciências, em determinada língua; já a última estuda o léxico, ou seja, as palavras da língua. Inserida na Lexicologia, encontra-se a Onomástica, que estuda os nomes próprios. Esta se divide em Antroponímia (estudo dos nomes de pessoas) e Toponímia (estudo dos nomes de lugares). (FAGGION; MISTURINI, 2014, p. 142).

Melo (2013, p. 40) elucida ainda que a Onomástica vem do grego antigo ὀνομαστική, ato de nomear, dar nome. Já Eckert e Frosi (2014, p. 231. Grifos dos autores) detalham que “O termo onomástica é de origem grega, formado pelos elementos *onoma* (nome) e *tékne* (arte), cujo resultado é *onomastiké*, que significa *a arte de nomear*”.

A Onomástica sendo entendida como o ‘ato de nomear’ ou a ‘arte de nomear’, qual seja, divide-se em duas áreas de estudo: a Antroponímia (do grego *antropos*, ‘homem’), que se dedica ao estudo dos nomes próprios atribuídos a pessoas e a Toponímia (do grego *topos*, ‘lugar’), que se encarrega em pesquisar os nomes próprios atribuídos a lugares.

Portanto a Toponímia é uma disciplina científica responsável por estudar os nomes próprios de lugares, os conhecidos topônimos, que podem se referir tanto aos espaços físicos (lagos, córregos, rios, serras, montanhas, etc.), quanto aos denominados espaços humanos (bairros, cidades, municípios, estados, países etc.).

Em uma porção ainda menor, no microcosmo da toponímia, existe o hodônimo “nome próprio de uma feição do tipo via pública (logradouro, rua, estrada, praça, largo e assemelhados)”. (KADMON, 2009, p. 7). A pesquisadora Sartori (2010, p. 32) esclarece que “assim como a Onomástica, a toponímia também apresenta subdivisões. Nela, um estudo específico cabe à Hodonímia, [...] (do grego, *hodós* ‘via, estrada’ e *ònoma*, ‘nome’) compreende o conjunto dos nomes das ruas e praças e de todas as áreas de circulação de um centro urbano”.

O processo de dar nomes a lugares, a pessoas, a animais ou a qualquer coisa é antigo. Na verdade, vem desde a criação do mundo e foram registrados em relatos bíblicos:

Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles. Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea. (Gênesis 2: 19-20) (A BÍBLIA ..., 2003, p. 8).

Alguns estudiosos, como as linguistas Ananias e Zamariano (2014, p. 144) entendem que as primeiras explicações sobre a origem da linguagem tiveram seus fundamentos na religião. Para elas, nas religiões cristãs, Deus teria dado a Adão uma língua e a capacidade de nomear tudo o que existe. Faggion e Misturini (2014, p. 143) compartilham o mesmo pensamento, pois de acordo com eles os “topônimos são nomes de lugares, e nomear lugares é uma atividade muito antiga. Os relatos bíblicos já registram nomes de países, regiões, reinos, montes, planícies, cidades”. Já a pesquisadora Dick apresenta um ponto de vista diferente:

O livro sagrado dos cristãos até hoje suscita interesse dos pesquisadores no que respeita à identificação das regiões formadas do Caos, depois que se fez a Luz e depois que cada segmento cósmico recebeu uma designação, dia, noite, terra, mares, céu. [...] Nesse princípio formador, se constituiu a terminologia geográfica mais antiga, de origem judaica cristã, considerando-se que os locativos que surgiram não eram “nomes” ou unidades expressivas como entendemos hoje, e, sim, a designação do próprio objeto em questão, a “água corrente” (Giom, Pisom, Eufrates), o Éden (paraíso, lugar de delícias). (DICK, 2007, p. 460).

De qualquer forma, o homem nomeia os lugares desde o início da criação do mundo e esse processo de nomeação o tem auxiliado a se localizar no espaço. Mas não só isso, todo esse processo denominativo, como foi elucidado acima, é objeto de estudo da Toponímia.

A origem da Onomástica reporta-se às primeiras reflexões filosóficas acerca do nome e está associada a Dionísio da Trácia, considerado o responsável por sistematizar a primeira gramática ocidental e o primeiro gramático grego a se preocupar com o estudo do nome:

Segundo Dionísio, em informação trazida por John Lyons (1977), o termo lingüístico usado para definir o conceito equivalente a um nome era *onoma*. O *nomen proprium*, bem mais atual, remonta à idade média. Na época de Dionísio, ainda se cogitava em como as palavras se relacionavam às coisas e o *onoma* era utilizado para designar objetos, seres individuais e atividades humanas. (CARVALHINHOS, 2008, p. 2. Grifos do autor).

Embora o estudo sobre o nome seja antigo como relatado acima, a Toponímia só se tornou um estudo autônomo e sistematizado, uma disciplina científica, apenas no século XIX quando o estudioso francês Auguste Longnon introduziu seus ensinamentos toponímicos de modo regular na *École Pratique des Hautes-Études* e no Colégio de França, por volta de 1878. Após sua morte, em 1912, seus alunos publicaram a obra clássica *Les noms de lieu de la France* (*Os nomes dos lugares na França*), fruto das aulas ministradas por Longnon. (DICK, 1990b).

Posteriormente, em 1922, o linguista francês Albert Dauzat deu continuidade aos estudos onomásticos de Longnon em conferências na *École Pratique*, fundou a *Révue des Études Anciennes* (Revisão dos Estudos Antigos), publicou a *Chronique de Toponymie* (*Crônica da Toponímia*) e, em 1938, Dauzat coordenou o I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia. (DICK, 1990b). É importante explicar que Longnon se preocupou em estudar apenas a etimologia, enquanto Dauzat além da etimologia estudou o significado do topônimo.

No Brasil, os estudos nessa área são recentes e tiveram início somente no século XX e estudiosos, tais como o geógrafo e historiador Theodoro Sampaio, o militar Levy Cardoso e o professor Dr. Carlos Drumond se destacam:

No Brasil, segundo Sousa (2007), os estudos toponímicos tiveram início com Theodoro Sampaio, em 1901, com a obra *O Tupi na Geografia Nacional*. Em seguida, outros grandes estudos, que até hoje servem de referência, foram realizados, como o de Levi Cardoso, *Toponímica (SIC) Brasileira* (1961); o de Carlos Drummond, *Contribuição do Bororó à Toponímia Brasileira* (1965). No entanto, como bem destaca este último, faltava, aos estudos toponímicos brasileiros, uma sistematização metodológica para a orientação nas pesquisas toponomásticas. (SOUSA, 2007, p. 3. Grifos do autor).

O historiador e geógrafo Theodoro Sampaio é considerado o primeiro a se dedicar aos estudos toponímicos no Brasil e sua obra *O Tupi na Geographia Nacional* (1901) é considerada a mais antiga a tratar da toponímia brasileira. Considerado um tupinólogo, por seu trabalho, Sampaio fez uma análise criteriosa dos nomes indígenas de origem tupi presentes nos topônimos brasileiros. Sua pesquisa não foi somente etimológica, mas teve uma preocupação histórica com relação aos topônimos. Para ele “O estudo etimológico dos nomes tupis com aplicação na geographia ou na historia nacional é, a meu vêr, um trabalho mais de investigação histórica do que propriamente de lexicologia”. (SAMPAIO, 1901, p. 88). Para ele o topônimo apresentava um caráter descritivo, refletindo as características físicas e históricas do ambiente.

O general do exército Armando Levy Cardoso, em sua obra *Toponímia Brasileira* (1961) desenvolveu um estudo a respeito dos topônimos brasílicos de origem não tupi. Ele deu destaque aos topônimos de influência e origem caribe, arauaque e bororo e explica o porquê.

O principal motivo de meu interêsse pelos étimos não tupis da toponímia brasílica, sobretudo pelos seus étimos caribes, aruacos e borôros, foi o fato do quase absoluto desconhecimento, por parte de nossos estudiosos, dos dialetos brasílicos fora do grupo linguístico tupí-guarani, desconhecimento êsse que os têm levado, como veremos oportunamente, a querer explicar a etimologia de qualquer vocábulo de origem americana pelo tupí. (CARDOSO, 1961, p. 87).

Levy Cardoso participou da Comissão Brasileira de Limites do Setor Norte, que foi responsável por fazer demarcações nas fronteiras no norte do Brasil, e nela teve a oportunidade de conviver com velhas tribos brasílicas de onde extraiu o conhecimento a respeito de tais línguas indígenas:

Trabalhando, embora como um dos membros mais obscuros, na já lendária Comissão Limites do Setor Norte, integrada por uma plêiade de patriotas que fizeram do serviço de demarcação das ráias setentrionais do Brasil um verdadeiro apostolado cívico, tive oportunidades magníficas de conviver com velhas tribos brasílicas e de estudar, em contato com o próprio silvícola, dialetos quase completamente ignorados da maioria dos brasileiros. (CARDOSO, 1961, p. 13-14).

O professor Carlos Drummond também se dedicou aos nomes de origem indígena em sua tese de livre-docência intitulada *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira* (1965). Nela

ele apresentou a importância dos topônimos de origem indígena bororo. Magalhães (1967, p. 124) afirma que essa foi a primeira tese universitária integralmente dedicada a um estudo de onomástica brasileira. Carlos Drumond foi o responsável por impulsionar os estudos toponímicos no Brasil:

Foi só quando Carlos Drumond, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), pesquisou a relação existente entre as migrações indígenas e suas línguas e as designações dos acidentes geográficos a que os povos se depararam, que os estudos toponímicos brasileiros começaram a ganhar sistematicidade. (FILGUEIRAS, 2011, p. 35).

Mas é importante esclarecer que os estudos toponímicos já haviam sido iniciados na USP anteriormente pelo professor de Etnografia e Tupi-Guarani Dr. Plínio Ayrosa, de quem Carlos Drumond foi aluno, assistente e sucessor. Aliás, Plínio Ayrosa, em 1934, foi contratado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo para reger a Cadeira de Etnografia Brasileira e Língua tupi-guarani, o primeiro curso oficial desta língua no Brasil. (DRUMOND, 1964, p. 408). Essa cadeira foi extinta em 1962, após um ano de sua morte, e substituída pela Cadeira de Línguas Indígenas do Brasil, ocupada por Carlos Drumond integrando o antigo Departamento de Linguística e Línguas Orientais.

Na sequência vem mais um nome importante do estudo toponímico nacional, a também professora e pesquisadora, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, orientanda de Drumond. Dick é apontada como a mais importante pesquisadora de Toponímia do Brasil. Ela não só deu continuidade as pesquisas de Drumond ligadas a toponímia indígena como ampliou o estudo. Seus três livros publicados são de suma importância e oferecem valiosos subsídios aos estudiosos da área. Em *Toponímia e Antroponímia: Coletânea de Estudos*, cuja primeira edição data 1987, ela compila vários artigos de sua autoria, alguns publicados e outros inéditos a respeito da Onomástica. Sua obra *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira* (1990) se trata da sua tese de doutorado intitulada “A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxionômicos” (FFLCH/USP) defendida em 1980. Em *Dinâmica dos Nomes na Cidade de São Paulo: 1554-1897* (1996), Dick relata a evolução da toponímia da cidade de São Paulo.

Ela também desenvolveu as fichas lexicográfico-toponímicas também conhecidas como fichas de extração terminológica utilizadas para organizar informações a respeito dos topônimos. Essas fichas ajudaram a estruturar a pesquisa do Projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo).

O ATESP faz parte de um projeto maior nomeado o ATB (Atlas Toponímico do Brasil) também coordenado pela Dick. De acordo com Curvelo-Matos:

O Atlas Toponímico do Brasil: parte geral e variantes regionais – Projeto ATB, coordenado pela professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, tem como finalidade o conhecimento da Toponímia do País, inscrita na cartografia estadual, do ponto de vista lexical, etimológico, morfossemântico e etnolinguístico. (CURVELO-MATOS, 2014, p. 23).

Dentre as variantes regionais tem-se o: Projeto ATEMIG (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais), UFMG; Projeto ATEMT (Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso), UFMT; Projeto ATEMS (Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul), UFMS; Projeto ATEPAR (Atlas Toponímico do Estado do Paraná), UEL; Projeto ATITO (Atlas Toponímico de Origem Indígena do Tocantins) e Projeto ATT (Atlas Toponímico do Tocantins), UFT.

Além dos Projetos citados acima existem o Projeto ATAQB (Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira), UFAC; e o Projeto ATEC (Atlas Toponímico do Estado do Ceará), e apesar de não constituírem uma das variantes regionais do Projeto ATB seguem os princípios teórico-metodológicos fornecidos pela Dick (1990b, 1996b, 2004), aplicados nas pesquisas regionais.

Em Goiás existe o ATEGO (Atlas Toponímico do Estado de Goiás), coordenado pela doutora Kênia Mara de Freitas Siqueira, professora da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Pires do Rio. O objetivo desse projeto é

descrever e analisar os topônimos dos municípios goianos (em torno de 246), observando noções pertinentes à elaboração de taxionomias de natureza física e de natureza antropocultural e identificar os fatores que constituem a motivação por trás da escolha do nome do lugar o que requer a identificação de fatos sociais, culturais, acidentes geográficos (quando pertinente), fatos históricos e outras motivações de diferentes naturezas. (SIQUEIRA, 2017, *online*).

A conclusão à qual chegamos depois do que foi elucidado, foi que o estudo toponímico está a todo vapor e tem tido seus representantes em cada região do país. Isso demonstra o quanto este trabalho de pesquisa tem ganhado força e reconhecimento no Brasil nas últimas décadas.

## 1.2 ESTUDOS ONOMÁSTICOS TOPONÍMICOS: UM ESTUDO INTRA E EXTRALINGUÍSTICO

Será abordada neste ponto, a importância do caráter interdisciplinar dos estudos onomásticos-toponímicos. No decorrer deste tópico será discutida essa questão e um amplo levantamento bibliográfico referente aos estudos onomásticos constituirá a metodologia. A princípio é importante entender que o estudo toponímico se torna enriquecedor à medida que considera os aspectos intra e extralinguísticos do topônimo. Indo além da análise linguística, indo à busca das causas, dos motivos da denominação, ou seja, da motivação toponímica. Carvalhinhos explica que o topônimo só pode ser entendido em relação a três fatores:

É a articulação crítica do nome em relação a três fatores: o homem que o produz, dentro de determinada cultura (de acordo com sua cosmovisão), situado em determinado espaço e em certa temporalidade. Somente enquadrando o topônimo neste tripé é possível compreendê-lo e interpretá-lo como realmente é, e não apenas como componente de uma “lista de nomes seguida do provável significado”. (CARVALHINHOS, 2008, p. 12).

Por vezes o estudo dos nomes é puramente linguístico, mas como afirma Antiqueira (2011, p. 40) “um bom estudo toponímico é aquele capaz de equacionar os fatores internos e externos”. Ou seja, um bom estudo toponímico é aquele que não estuda apenas a etimologia, a origem linguística de um topônimo e sim aquele que estuda as características externas ou semânticas do topônimo, ou seja, a motivação toponímica, entre outras questões.

O professor Carlos Drumond, mencionado anteriormente, começou a se interessar pelo estudo dos aspectos extralinguísticos do topônimo em sua obra supracitada *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira* (1965). Seguindo os passos do mestre, Dick também desenvolveu vários estudos considerando os aspectos intra e extralinguísticos dos topônimos, a exemplo, escreveu a obra *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira* (1990a).

Dessa forma, esta pesquisa buscou estudar as duas motivações. Esclarecendo que:

Há a motivação do denominador, que é extralinguística, e há a motivação interna, que é linguística inerente à língua. É no motivo do denominador que se pauta a importância dos fatores extralinguísticos, pois se pode chegar aos aspectos culturais do povo que deu nome ao lugar estudado. (ANTIQUEIRA, 2011, p. 39).

As motivações internas são voltadas para a análise etimológica, morfológica, fonética, semântico-lexical, ou seja, a análise linguística do topônimo, sendo necessário recorrer a área das letras. Já as motivações externas do topônimo podem levar ao estudo de outras áreas do conhecimento humano. Quando o topônimo descreve as características físicas do ambiente, por vezes, temos que nos debruçar sobre a Geografia e a Biologia. Da mesma forma, que quando

um topônimo faz referência a uma figura histórica temos que nos ater a História. Mas, não só nesse momento se faz necessário recorrer a esse campo de estudo. Visto que

A toponímia e a história estão intimamente ligadas. Com o passar do tempo, novas cidades, distritos, bairros e ruas são criados, e seu surgimento evoca um novo acontecimento: a nomeação de tal lugar, o que demonstra que os topônimos acompanham a expansão territorial. Com isso, torna-se possível verificar que a toponímia anda em constante evolução. Assim, através do estudo toponímico, verificam-se elementos históricos e culturais de determinada região. (FAGGION; MISTURINI, 2014, p. 149).

A Toponímia possui uma forte ligação não só com a História, mas também com a Geografia. Lembrando que a primeira obra brasileira voltada ao estudo da Toponímia e considerada o marco inicial do estudo no país é de autoria não de um linguista e sim de um historiador e geógrafo, a lembrar, Theodoro Sampaio.

Nascida na metade do século XIX, a Onomástica possui fortes ligações com a História e a Geografia. Apresenta-se, por isso, como um campo rico para investigações, uma vez que o levantamento e a análise dos antropônimos e/ou dos topônimos constituem um resgate sóciohistórico, podendo refletir fatos e ocorrências de diferentes momentos da vida cultural de uma sociedade. (MENEZES, 2009, p. 20).

Com o propósito de reconhecer as relações entre os estudos onomásticos toponímicos e outros campos do conhecimento humano, este trabalho contará com estudiosos de diferentes áreas, dentre elas além da Linguística, da História, da Sociologia e da Religião. Isso porque

A Toponímia se caracteriza como uma área interdisciplinar, o acervo lexical toponímico de um determinado grupo humano consiste num imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente. Portanto, não devemos atribuir o entendimento à Toponímia como um mero diletantismo, sem vinculação com outras ciências do conhecimento humano. (MELO, 2013, p. 41-42).

A interdisciplinaridade é entendida como “troca de conteúdos e métodos entre diferentes disciplinas, ultrapassando a segmentação do conhecimento promovida pela multidisciplinaridade tradicional”. (SILVA; SILVA, 2012, p. 237-238). Tal conceito está ligado ao estudo onomástico-toponímico, no entanto, esse estudo também é constantemente associado a transdisciplinaridade.

Embora definida como um campo das ciências da linguagem, a Onomástica se constrói a partir do suporte de outros campos do saber, tendo o que atualmente se chama caráter inter ou, ainda, transdisciplinar. Logo, o seu conhecimento se relaciona ao de outras áreas, sem confundir-se com eles, nem negá-los. Ela assume, assim, uma perspectiva capaz de integrar métodos e um número considerável de conhecimentos

de campos muito diversos de maneira direta ou vertical e indireta ou horizontal, predominando, contudo, a perspectiva linguística, com valoração, em particular, da pesquisa etimológica. (RAMOS; BASTOS, 2010, p. 87).

A interdisciplinaridade, por vezes, é associada a transdisciplinaridade e a multidisciplinaridade, como se essas fossem sinônimas daquela, mas não podemos confundir tais conceitos, pois

a transdisciplinaridade é a consequência de uma síntese interdisciplinar, é um saber novo que se origina da interdependência de vários aspectos da realidade. Ou seja, é o resultado da interdisciplinaridade. Já a multidisciplinaridade, também chamada de pluridisciplinaridade, é a divisão do conhecimento em diferentes áreas, em diferentes disciplinas que apenas se sobrepõem. É o saber em seu estado tradicional. (SILVA; SILVA, 2012, p. 238).

Alguns estudiosos entendem que esses conceitos surgiram na pós-modernidade do saber, da abordagem holística.

A visão holística afirma que não há hierarquias entre as disciplinas, bem como que a própria separação do conhecimento em diferentes disciplinas científicas é falsa, sendo tarefa da interdisciplinaridade conectá-las para produzir um saber transdisciplinar, ou seja, um conhecimento que ultrapasse todas as barreiras entre as ciências, e mesmo entre a ciência e outras formas de saber, como a Religião e o senso comum. (SILVA; SILVA, 2012, p. 238).

A Toponímia é uma disciplina linguística que necessita de disciplinas auxiliares, o que torna qualquer pesquisa nessa área enriquecedora. Porém alguns estudiosos reclamam da falta de diálogo entre as disciplinas da área de ciências humanas.

O que identificamos é que particularmente as ciências humanas se comunicam muito mal: História, Geografia, Sociologia, Linguística, Antropologia são saberes que se convergem e confluem. Aparentemente esses fios que formam a trama das humanidades não compreende que a unidade gera/produz a diversidade. É, pois, a complexidade que se reduz ao pensamento simplificador. (NUNES; ANDRADE, 2012, p. 200).

A interdisciplinaridade não se faz necessária apenas no estudo toponímico, mas também no estudo do fenômeno religioso, objeto de pesquisa das ciências sociais e que também será estudado nesta pesquisa. Visto que iremos analisar a relação entre a religião e a sociedade por meio do processo denominativo dos bairros de Anápolis. O historiador brasileiro da Mata assevera que

Todo pesquisador envolvido com o estudo do fenômeno religioso está condenado a estabelecer um diálogo com disciplinas alheias à sua área de formação. A

interdisciplinaridade, nesse campo, não é apenas uma palavra da moda, e sim uma necessidade diante da qual, queiramos ou não, somos obrigados a capitular: uma imposição da realidade. Isto é, em parte, uma decorrência lógica da natureza do próprio fenômeno religioso. (MATA, 2005, p. 115).

O topônimo, primeiramente, possui a função de organização do espaço geográfico. Porém o ato de nomear vai além dessa demarcação territorial. O ato de nomear um lugar revela características do ambiente físico (vegetação, topografia, hidrografia, constituição do solo, fauna) e do ambiente antropocultural (crenças religiosas e ideológicas, fatos políticos, culturais e históricos). O interesse pelas motivações toponímicas não é à toa e o processo denominativo representa o lugar e os valores socioculturais da sociedade.

O estudo dos topônimos de uma determinada região pode constituir, ao mesmo tempo, um registro científico, um resgate e, até mesmo, a preservação da cultura e da memória dos povos que habitaram e que habitam um determinado lugar. No Brasil, existe atualmente um progressivo aumento nas pesquisas toponímicas e esses estudos demonstram a importância da disciplina no contexto acadêmico. (CARVALHO, 2013, p. 97).

Os nomes estão ligados a história do lugar, a vida dos homens que fundam e habitam esses lugares. Através do topônimo é possível estudar as motivações semânticas que influenciaram o denominador no ato de nomeação. Os topônimos são símbolos linguísticos representativos da cultura local. Quando alguém confere um nome a um acidente físico ou humano ele o impregna com sua cosmovisão.

O léxico toponímico é compreendido, então, como um indicador línguocultural, uma vez que o modo como a língua retrata a visão de mundo de um povo evidencia a inter-relação que se estabelece entre língua, meio ambiente e cultura". (MELO, 2013, p. 40).

Os topônimos são como documentos, fontes, que preservam fatos culturais em determinada área geográfica. Dentro da cultura uma das manifestações mais atuantes e representativas é a religiosa. Sempre que possível o homem deixa claro o seu posicionamento e pensamento religioso e não seria diferente no momento de nomeação. A ocorrência de nomes sagrados na toponímia pode ser um indicativo da presença da religiosidade naquela localidade.

No próximo tópico será exposta detalhadamente a taxionomia toponímica proposta por Dick, com ênfase nas taxas de motivação religiosa, objeto desta pesquisa. O interesse por analisar os topônimos, nomes de bairros, de motivação religiosa da cidade goiana de Anápolis surgiu depois de lermos a história a respeito do nome da cidade, fato que será contado

detalhadamente no próximo capítulo. Por enquanto, se faz necessário entender sobre a parte teórica das taxes.

### 1.3 TAXIONOMIA TOPONÍMICA E AS FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS: QUADRO TEÓRICO E MODELO METODOLÓGICO

Buscaremos neste tópico, explicar de forma detalhada o quadro teórico conhecido como taxionomia toponímica e o modelo metodológico, nomeado fichas lexicográfico-toponímicas. O principal referencial teórico relacionado aos estudos linguísticos são os trabalhos da pesquisadora Dick. Ela fundamentará grande parte da pesquisa através dos princípios teóricos da Toponímia, os quais foram por ela estudados e adaptados à realidade brasileira.

A construção do quadro taxionômico proposto pela Dick seguiu orientações do professor Drumond e as teorias de Dauzat e foi adaptado à realidade brasileira, visto que no Brasil a diversidade de nomeações geográficas diverge das da Europa e dos Estados Unidos.

Na década de 70, Dick criou o primeiro modelo taxionômico com dezenove taxes e, em 1986, o quadro ganhou mais oito taxes. Há duas informações sobre a data de criação do primeiro modelo. Em um de seus textos Dick afirma que as taxionomias foram propostas em 1975 e reformuladas em 1986. (DICK, 1996b, p. 37). Já em outro texto mais recente, de sua autoria, ela afirma que “as categorizações, na primeira versão, em 1978, foram agrupadas em dezenove (19) taxes e, na segunda versão de 1986, atualmente utilizada, ampliou-se para vinte e sete taxes”. (DICK, 2007, p. 466). Mas acreditamos que a data correta seja, 1975, pois nesse ano, essa pesquisadora publicou o artigo “O problema das taxionomias toponímicas. Uma contribuição metodológica” em que ela apresenta as dezenove taxes citadas anteriormente, sendo oito de natureza física e onze de natureza antropocultural.

Atualmente, as taxes são vinte e sete no total e são divididas em dois grupos, as taxionomias de natureza física ou motivações físicas, que se referem ao ambiente físico e são onze no total; e as de natureza antropocultural ou motivações antropoculturais referentes ao meio sociocultural em que o homem está inserido e são dezesseis na totalidade.

Devido à dificuldade em se encontrar material para consulta, no que tange aos estudos onomásticos toponímicos, especialmente com relação as obras da Dick, que vez ou outra são encontradas somente na seção de livros raros em algumas livrarias virtuais por altos preços. Seguem abaixo todas as taxes descritas no livro *Toponímia e Antroponímia do Brasil* (1990b) seguidas do primeiro exemplo dado pela autora na obra:

## **A. Taxionomias de Natureza Física**

1) Astrotopônimos: topônimos relativos aos corpos celestes em geral. Ex.: Estrela (AH BA); 2) Cardinotopônimos: topônimos relativos às posições geográficas em geral. Ex.: praia do Leste (PR); 3) Cromotopônimos: topônimos relativos à escala cromática. Ex. rio Branco (AM); 4) Dimensiotopônimos: topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos. Ex.: ilha Comprida (AM); 5) Fitotopônimos: topônimos de índole vegetal. Ex.: arroio Pinheiro (RS); 6) Geomorfotopônimos: topônimos relativos às formas topográficas. Ex.: Montanhas (AH RN); 7) Hidrotopônimos: topônimos resultantes de acidentes hidrográficos em geral. Ex.: serra das Águas (GO); 8) Litotopônimos: topônimos de índole mineral. Ex.: lagoa do Barro (BA); 9) Meteorotopônimos: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos. Ex.: serra do Vento (PB); 10) Morfotopônimos: topônimos que refletem o sentido de forma geométrica. Ex.: Curva Grande (AH AM); 11) e Zootopônimo: topônimos de índole animal. Ex.: rio do Boi (MG).

## **B. Taxionomias de Natureza Antropocultural**

1) Animotopônimos ou Nootopônimos: topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual. Ex.: Vitória (AH CE); 2) Antropotopônimos: topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex.: Abel (AH MG); 3) Axiotopônimos: topônimos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais. Ex.: Presidente Prudente (AH SP); 4) Corotopônimos: topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex.: Brasil (AH AM); 5) Cronotopônimos: topônimos que encerram indicadores cronológicos, representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha. Ex.: Velha Boipeba (AH BA); 6) Ecotopônimos: topônimos relativos às habitações de um modo geral. Ex.: Casa da Telha (AH BA); 7) Ergotopônimos: topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex.: córrego da Flecha (MT); 8) Etnotopônimos: topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex.: Guarani (AH PE); 9) Dirrematopônimos: topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos. Ex.: Há Mais Tempo (AH MA); 10) Hierotopônimos: topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças, às efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto. Ex.: Cristo Rei (AH PR). Os hierotopônimos podem apresentar, ainda, duas subdivisões: a. hagiotopônimos: topônimos relativos aos santos e santas do hagiologioromano. Ex.: São Paulo (AH SP); b. mitotopônimos: topônimos relativos às entidades mitológicas. Ex.: ribeirão do Saci

(ES); 11) Historiotopônimos: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes. Ex.: Independência (AH AC); 12) Hodotopônimos ou Odotopônimos: topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana. Ex.: Estradas (AH AM); 13) Numerotopônimos: topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex.: Duas Barras (AH BA); 14) Poliotopônimos: topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex.: rio da Cidade (RJ); 15) Sociotopônimos: topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, pátio, praça). Ex.: serra do Sapateiro (SP); 16) Somatotopônimos: topônimos empregados em relação metafórica às partes do corpo humano relativos ou do animal. Ex.: Cotovel (AH MG).

Além dessas taxes surgiram outras no decorrer dos anos. Segundo um levantamento feito por Silva e Silva (2016), outros pesquisadores inspirados no modelo de Dick lançaram novas propostas de ampliação das taxes:

Isquerdo (1996) propõe a seguinte ampliação à taxe dos animotopônimos: animotopônimos eufóricos (marca, *grosso modo*, uma impressão agradável) e animotopônimos disfóricos (marca, *grosso modo*, uma impressão desagradável). Lima (1997), a ampliação à taxe dos hagiopotopônimos: hagiopotopônimos autênticos (nomes de inspiração religiosa) e hagiopotopônimos aparentes (nomes de inspiração política). Anjos (2012), a ampliação à taxe dos hidrotopônimos, com seis subtaxes que permitam abarcar, como qualificadores da água, elementos como cromaticidade, salinidade, termalidade, aspectualidade, volume excessivo, volume reduzido: hidro-cromo-topônimo; hidro-hipertopônimo; hidro-hipo-topônimo; hidro-termo-topônimo; hidro-halo-topônimo; hidro-aspectotopônimo. (SILVA; SILVA, 2016, p. 74. Grifos dos autores).

Outros pesquisadores não só ampliaram, mas criaram novas taxes, como é o caso da seguinte pesquisadora:

Francisquini (1998), diferentemente das propostas anteriores, não propõe subdivisões, mas outras taxes: acronimotopônimos (topônimos formados por siglas); estamatotopônimos (topônimos relacionados aos sentidos); grafematopônimos (topônimos formados por letras do alfabeto); hígietopônimos (topônimos relativos à saúde, à higiene, ao estado de bem-estar físico); necrotopônimos (topônimos relativos ao que é ou está morto, a restos mortais). (SILVA; SILVA, 2016, p. 74).

Quando se estuda as motivações de um topônimo, se torna necessário classificá-lo em uma das taxes acima descritas e independentemente das novas propostas de ampliação e criação aqui apresentadas, torna-se necessário explicar que esta pesquisa se pautará na taxionomia toponímica proposta por Dick em 1990.

Ao classificar o topônimo pode surgir a dúvida sobre qual parte considerar nesse momento de classificação. Os topônimos do ponto linguístico são sintagmas toponímicos, ou seja, eles são constituídos por dois termos, o genérico e o específico:

Qualquer sintagma toponímico é composto por duas partes. A teoria convencionou chamá-los de termo genérico e termo específico. A divisão entre TG e TE deve permanecer clara o suficiente, pois é a partir do TE que se obtém a filiação semântica do topônimo (ANTIQUERA, 2011, p. 44).

O termo genérico (TG) é o termo que faz referência ao nome do acidente físico - AF (lagos, córregos, rios, serras, montanhas etc.) e ao nome do acidente humano - AH (bairros, cidades, municípios, estados, países etc.) a ser descrito ou já denominado; e o termo específico (TE) é o topônimo propriamente dito. Ou seja, o termo considerado durante a análise e classificação do sintagma toponímico (TG + TE) é o termo específico, dele que se absorve o campo semântico do topônimo.

Alguns dos termos genéricos da toponímia que serão recorrentes nesta pesquisa são: bairro, conjunto residencial, residencial, jardim, parque e vila. O termo ‘bairro’ vem do árabe vulgar *barri* ‘exterior’ e significa “cada uma das partes em que se costuma dividir uma cidade” (CUNHA, 1982, p. 93). Os demais termos citados são palavras sinônimas de bairro.

Após elucidar a respeito do quadro teórico desenvolvido pela maior representante dos estudos toponímicos no Brasil, vamos explicar o modelo metodológico utilizado recorrentemente pelos estudiosos da área para organizar as informações intra e extralinguísticas dos topônimos, a ficha lexicográfico-toponímica, que será utilizada nesta pesquisa.

A ficha lexicográfico-toponímica, conhecida também como ficha terminológico-toponímica, foi elaborada por Dick (2004) e utilizada no projeto coordenado por ela, o já mencionado Atlas Toponímico Brasileiro (ATB) e nas demais pesquisas vinculadas a esse projeto. Essa ficha de extração terminológica tem ajudado os pesquisadores interessados nos estudos onomásticos-toponímicos a organizar os dados de suas pesquisas referentes aos topônimos. A coordenadora do Atlas Toponímico do Tocantins (ATT) evidencia a importância desse processo:

O estudo desses dados pode auxiliar na criação da identidade local do município. Desse modo, a ficha tem uma relevância para os resultados da pesquisa, uma vez que, ao identificarem-se os signos motivadores, suas origens e sua evolução toponímica, resgatam-se os valores inseridos na base histórico-social da região estudada. (ANDRADE, 2013, p. 6-7).

O modelo de ficha desta pesquisa foi inspirado no modelo utilizado por Di Tizio (2009). Tal ficha é uma adaptação do modelo consagrado por Dick. Nela são apresentados os seguintes dados: topônimo, localização, elemento genérico, ano do loteamento, taxionomia, origem linguística, etimologia, histórico, designações anteriores e causa da designação.

#### QUADRO 1 - FICHA MODELO

<b>Topônimo:</b> ou termo específico. No caso dessa pesquisa corresponde somente aos nomes de bairros (AH).
<b>Localização:</b> São descritas nessa seção a área total do perímetro do bairro, seus limites e confrontações.
<b>Elemento genérico:</b> categoria do bairro, se ele é um Jardim, Vila, Parque, entre outros.
<b>Ano do loteamento:</b> não precisa de muitas explicações, o próprio nome já diz do que se trata.
<b>Taxionomia:</b> neste campo se registra a taxa do topônimo, ou seja, sua classificação segundo o modelo de Dick (1990b).
<b>Origem linguística:</b> se refere a origem do nome.
<b>Etimologia:</b> indica a procedência do topônimo.
<b>Histórico:</b> neste item serão apresentadas informações históricas do bairro estudado.
<b>Designações anteriores:</b> se trata do <i>continuum</i> histórico do topônimo, ou seja, a evolução do topônimo, suas outras denominações.
<b>Causa da designação:</b> campo relacionado à motivação para a nomeação.

Enquanto instrumento de pesquisa essa ficha auxilia o pesquisador a organizar as informações do *corpus* do trabalho e enxergar de forma clara a motivação toponímica dos topônimos e dessa forma a intenção do denominador. Para a confecção das fichas lexicográfico-toponímicas serão necessárias, a pesquisa em linha documental e a utilização de dicionários etimológicos. As fichas dos bairros estudados vêm a seguir, no capítulo 2. Mas, antes será narrada a história sobre o surgimento da cidade de Anápolis.

## 2 ANÁPOLIS: O NOME QUE REFLETE O ESPÍRITO RELIGIOSO DA CIDADE

Neste capítulo pretende-se identificar o contexto histórico, geográfico e religioso da cidade de Anápolis. Como se trata de um estudo local serão utilizados historiadores locais. Para tanto, um amplo levantamento bibliográfico foi necessário assim como a pesquisa documental na Mapoteca de Anápolis. Objetiva-se também, nesse capítulo, realizar a análise de documentos oficiais, mapas e elaborar fichas lexicográfico-toponímicas dos bairros com a finalidade de organizar as informações intra e extralinguísticas do *corpus* deste trabalho. Além de verificar as motivações religiosas presentes nos topônimos.

### 2.1 PATRIMÔNIO DE SANT'ANA

Anápolis assim como uma parcela das cidades brasileiras surgiu de um patrimônio religioso. O historiador da Mata (2005, p. 117) explica que os patrimônios religiosos são “chãos doados por um ou mais fiéis para uma capela (ou, mais precisamente, para o orago dessa capela) – na formação daquilo que Aroldo de Azevedo chamou de “embrião de cidade”.

O processo de fundação de Anápolis, que já contava com alguns poucos habitantes, se desenvolveu a partir da doação de terras feita por um grupo de fazendeiros em devoção a Sant'Ana. O arquiteto Marx (1991, p. 26) esclarece que no Brasil “A terra para o santo, seu patrimônio ou o da sua capela eram doados por um ou mais detentores de glebas vizinhas, sob determinadas condições”. Aliás, segue abaixo a transcrição daquele que é considerado o primeiro documento histórico escrito sobre Anápolis, de 25 de abril de 1870, o que alguns historiadores locais nomeiam de termo de “Doação do Patrimônio a Nossa Senhora Santana”:

Dizemos nós abaixo assignados que entre os bens que possuimos livres e desembargados como bem uma parte de terras que temos na beira do rio das Antas que divide pelo veio da água acima com os Nunes, estra, digo para baixo pela estrada para o campo com o Catingueiro Damos de nossa livre vontade para Nossa Senhora Santa Ana e por havermos dado mandamos passar este título que ficará pertencendo de hoje em diante a essa Santa e por havermos todo mandamos este. Sítio do Monjolo, 25 de abril de 1870. (aa) A rogo de Joaquim Rodrigues dos Santos – Elias Gomes da Paixão A' rogo de Ignácio José de Sousa – João Gomes de Moraes. A rogo de Manuel Roiz dos Santos – Damião Alves Peixoto Camilo Mendes de Moraes. A rogo de Pedro Roiz dos Santos – Joaquim Ignácio de Godoy. (BORGES, 2011, p. 27).

Como afirma Alves (2014, p. 30) “O processo de fundação de grande parte das cidades brasileiras se deu pela doação de terras a um santo padroeiro, que em seguida tinha a construção

de seu templo”. Ele também esclarece que “Anápolis se inseriu neste modelo, quando em 1870, um grupo de fazendeiros fez a doação de uma gleba de terras a Sant’Ana, o que configurou a primeira demarcação territorial, ou seja, da área que integraria o patrimônio de Sant’Ana”. (2014, p. 31).

Durante o período Imperial, a Igreja Católica era a religião oficial do Estado. Portanto, nessa época era comum o reconhecimento de um povoado por meio dos ‘chãos doados’ por fiéis a um determinado santo, que se tornaria o padroeiro daquela localidade. Lembrando que o período Imperial no Brasil se estendeu de 1822 até 1889 e a doação do patrimônio de Sant’Ana, data 1870. Anápolis se encaixa perfeitamente nesse modelo:

Para a época, a única via de reconhecimento da comunidade rural de Antas seria pela doação das terras ao padroeiro e pela construção da Igreja. Isso não se deu só em Anápolis, mais na maioria dos municípios que surgiram no Brasil Colônia e Império, dando motivo a que recebessem nomes de santos católicos. (ALVES, 2014, p. 19).

No período Imperial vigorava o Regime do Padroado em que a Igreja Católica era a religião oficial do Estado. A união indissociável entre Igreja Católica e Estado fazia com que essas duas entidades compartilhassem de poderes semelhantes. Ramos (2013, p. 19) explica que “sendo religião oficial do Império, a Igreja Católica possuía fé pública, ou seja, uma Certidão de Batismo equivalia a uma certidão de nascimento e a partir de 1.851 a igreja passou também a fazer escritura, ou registro de terras”.

Ou seja, a religião Católica sempre exerceu grande poder no Brasil, principalmente por esse ter sido colonizado por Portugal e ter herdado essa tendência para os sentimentos religiosos e para as coisas sagradas. Tendência essa corriqueira em várias situações sociais no Brasil e igualmente presente no ato de nomeação de lugares. A propósito, os portugueses, por onde passavam disseminavam a sua fé católica. Como atesta Dick (1996b),

a religiosidade se manifestou, de início, de forma muito particular, na toponímia que as expedições de reconhecimento da costa deixaram fixada nos acidentados avistados e que iam sendo nomeados segundo os preceitos católicos romanos. [...] Era o espírito religioso português acompanhando o navegante por todas as partes atingidas pela sua capacidade de caminhar por mares e oceanos desconhecidos. (DICK, 1996b, p. 148).

Após essa breve explanação, resta explicar que o intuito deste tópico será o de discorrer sobre a história inicial da cidade, que compreende o período de 1870-1907, da formação do núcleo urbano até a sua elevação a cidade, a partir de estudos de diferentes historiadores e estudiosos.

Desde a sua fundação, Anápolis carrega em sua história a forte presença da religiosidade. Não só em sua história, mas também em seu nome. Sendo uma referência clara a ‘Santa Ana’. Tal santa faz parte da história oficial da cidade, seja por meio do patrimônio de Santana ou pelo caráter mítico atribuído ao seu surgimento:

Dona Ana das Dores, natural de Jaraguá, perdeu ali uma das alimárias que conduzia uma imagem de Sant’Ana. Depois que encontraram a alimária, os tropeiros não conseguiram erguer a mala que continha a imagem, o que levou D. Ana a interpretar o fato ocorrido como um desejo da Santa de ali permanecer. Prometeu, então, doá-la à primeira capela que ali se viesse a erguer. Isso em 1859. Em 1870 mudou-se para o lugar um homem de espírito empreendedor, chamado Gomes de Sousa Ramos, filho de D. Ana das Dores. Católico fervoroso decidiu construir a almejada capela e fundar o local. (PRÓTTIS, s/d, p.01 apud CHIAROTTI; CHIAROTTI, 2011, p. 8).

De acordo com Polonial (2011) existem duas versões lendárias a respeito da origem de Anápolis. A primeira versão foi a narrada acima, já a segunda versão diz

que Ana das Dores, fazendo aquele trajeto, parou para descansar. Uma de suas bestas de carga perdeu-se, levando a viajante a prometer à Sant’Ana que mandaria construir uma capela no local, se encontrasse o animal extraviado. A promessa teria sido feita porque a carga era valiosa, sendo, provavelmente, uma carga de ouro. (POLONIAL, 2011, p. 19).

As duas versões miraculosas envolvem Ana das Dores, mãe do homem considerado o fundador do povoado que deu origem a cidade de Anápolis, Gomes de Sousa Ramos. Dona Ana das Dores de Almeida era natural de Arraias, filha do Alferes Antônio Gomes de Souza e de Ana Vitória do Nascimento. Foi casada com o Capitão Gomes Pereira Ramos, de Meia Ponte.

Gomes de Sousa Ramos, nasceu em 17 de setembro de 1837, em Jaraguá. Filho de Gomes Pereira Ramos e Dona Ana das Dores de Almeida. Foi casado por duas vezes, a primeira com Vitoriana Maria de Jesus, com a qual não teve filhos e a segunda com sua sobrinha, Messias Gomes Pereira da Silva, com quem teve sete filhos. Sousa Ramos morreu em junho de 1889. (RESENDE, 2007).

Essas lendas, de certa forma, se aproximam das lendas do mundo antigo. Para os gregos “a cidade era aquela reunião de homens, que tinham os mesmos deuses protetores e cumpriam o ato religioso no mesmo altar”. (COULANGES, 2004, p. 156). A propósito para eles o fundador era como um homem sagrado. Segundo a lenda “O fundador era o homem que realizava o ato religioso sem o qual a urbe não poderia estabelecer-se. [...] Era o fundador quem, pelas suas preces e os seus ritos, convocava os deuses e os fixava para sempre na nova urbe”. (COULANGES, 2004, p. 151). Mas é necessário esclarecer que no mundo antigo as palavras cidade e urbe não eram sinônimas. “A *cidade* era a associação religiosa e política das famílias

e das tribos; a *urbe*, o lugar de reunião, o domicílio e, sobretudo, o santuário desta sociedade”. (COULANGES, 2004, p. 142. Grifos do autor). Na urbe, a memória de sua fundação era importantíssima, tanto que era tema recorrente dos poemas gregos. Coulanges (2004, p. 152) afirma que “Não havia, talvez, uma única urbe que não possuísse o seu poema ou, pelo menos, o seu hino, celebrando o ato sagrado que lhe tinha dado origem”.

Deixando de lado as lendas, Polonial (2011) esclarece que três motivos favoreceram a criação do povoado de Santana: as condições geográficas favoráveis, à vocação comercial e o fervor religioso. Ou seja, a doação de vários alqueires de terras feita por um grupo de fazendeiros da localidade a Gomes de Sousa Ramos, para que esse construísse uma capela contribuiu de fato para o crescimento da localidade. Mas não foi o único motivo segundo a explicação desse historiador. O também historiador, Alves (2014) afirma que houve uma motivação religiosa para a vinda de Gomes de Sousa Ramos de Silvânia para a região, mas que em primeiro plano sua intenção era comercial: “De fato, sabe-se que ele era um católico fervoroso, entretanto, a motivação primordial de sua vinda para Antas devia-se às vantagens econômicas”. (p. 17).

Sendo o motivo principal ou um dos motivos, o fato é que o patrimônio de Santana favoreceu o crescimento do aglomerado urbano que se organizaria em 1873 em Freguesia de Santana das Antas, depois em Vila de Santana de Antas, em 1887 e por fim em Cidade de Anápolis, em 1907. Chiarotti e Chiarotti (2011, p. 8) consideram, a hoje, Igreja Sant’Ana o marco histórico oficial de Anápolis. Eles ainda afirmam que muitos estudiosos da história local elegem essa Igreja como o mito de origem, o marco zero oficial da história de Anápolis.

Voltando ao assunto nome, alguns fazem crer que a motivação para o nome ‘Anápolis’ faz referência tanto a Santa padroeira da cidade quanto a Dona Ana das Dores, mãe do fundador da cidade e devota de Sant’Ana:

Uma homenagem a Santa Ana, mãe de Nossa Senhora, avó de Nosso Senhor Jesus Cristo e padroeira do lugar e a Ana das Dores, mãe de Gomes de Souza Ramos e devota da Santa, que estava na origem histórica do lugar – foi assim que surgiu a idéia de se renomear a vetusta Santana das Antas para Cidade de Ana – Anápolis, que ao se aproximar dos seus 100 anos de emancipação política, é o segundo maior potencial econômico e tributário do Estado de Goiás e um berço de religiosidade cristã de diversas denominações. (AIRES NETO, 2006, p. 76).

Após essa citação é importante explicar que o nome dado ao patrimônio de “Nossa Senhora Santana” parece equivocado. Visto que a expressão “Nossa Senhora” se refere à Virgem Maria, mãe de Jesus, e Santa Ana é a mãe de Nossa Senhora. O certo, talvez, fosse patrimônio de Sant’Ana ou Santana, embora em todos os textos lidos em referência a essa Santa.

Em todas as vezes, o nome dessa santa, veio acompanhado do termo ‘Senhora’ ou ‘Nossa Senhora’.

Voltando a comentar sobre o nome da cidade, é importante citar que o nome ‘Anápolis’ é apontado como uma sugestão do deputado estadual Abílio Wolney. Embora tal termo tenha sido idealizado anteriormente pelo jornalista Moisés Augusto de Santana em um de seus artigos:

Em 1904, num artigo publicado no jornal “LAVOURA & COMÉRCIO”, de Uberaba, Minas Gerais, o jornalista Moisés Augusto de Santana, usou pela primeira vez, carinhosamente, a palavra **Cidade de Ana** – ANÁPOLIS – nome que lhe foi sugerido e a outros ANTENSES, inclusive no Plenário da Câmara na cidade de Goyaz, pelo então Deputado Estadual Abílio Wolney, quando de sua passagem por Santana das Antas, na campanha para Deputado Federal, em 1900. O nome agradou de tal forma que a Lei n.º 320, de 31 de julho de 1907, assinada pelo Presidente do Estado de Goiás, Miguel da Rocha Lima, rezou em seu único artigo: ‘A Vila de Santana de Antas fica elevada à categoria de cidade, com a denominação de Anápolis, revogadas as disposições em contrário’”. (ARTIAGA, 1945, n. p. apud AIRES NETO, 2006, p. 73-74. Grifos do autor).

O historiador Borges (2011) também esclarece o fato do jornalista Moisés Augusto de Santana ter sido o primeiro a usar o nome Anápolis:

ANÁPOLIS – cidade de Ana -, é uma homenagem a padroeira do município: Santa Ana – Sant’Ana – Santana. Surgiu o topônimo, anos antes da elevação da vila à categoria de cidade, da pena de Moisés Augusto de Santana, então residente na localidade: “... Santana das Antas, a bela e encantadora Anápolis, cujo nome é sempre ouvido com simpatia por quantos se interessam pelos negócios de além Paranaíba” (“Lavoura e Comércio”, 23 NOV 1904). (BORGES, 2011, p. 45).

A partir do que foi dito podemos chegar à conclusão de que a motivação para a nomeação da cidade é de cunho religioso. Pois, Anápolis provem de polis (cidade) e de Ana (Santana, Sant’Ana ou Santa Ana), ou seja, “Cidade de Sant’Ana”. Mas até chegar a esse nome, Anápolis teve várias outras denominações: Em 1871, era bairro *Capela de Santana das Antas*; em 1873, Freguesia de *Santana das Antas*; em 1884, Freguesia de *Santana dos Campos Ricos*; em 1886, a freguesia voltou a ter a denominação antiga de Freguesia de *Santana das Antas*; em 1887, a Freguesia é elevada à Vila de *Santana das Antas*; e, por fim, no dia 31 de julho de 1907, a Vila é elevada à categoria de cidade, com o nome de *Anápolis*. (BORGES, 2011).

Em todas as nomeações anteriores sempre esteve presente o nome de Sant’Ana (Santana), na maioria das vezes acompanhada dos termos “das antas”, possivelmente em referência ao ribeirão das Antas, curso d’água localizado na cidade. A única vez que o topônimo não fez referência ao rio, foi na denominação de 1884, Freguesia de *Santana dos Campos Ricos*,

que durou apenas dois anos. Segundo Cunha (2011), o escritor goiano Ursulino Leão em sua crônica “E a cidade foi feita” procurou justificar a mudança do nome:

Eu reencontro as humildes casas do arraial de Sant’Ana dos Campos Ricos. Casas caiadas, com portas e janelas azuis... Que fazem essas casas nos campos que de tão alegres e férteis se chamam ricos? Arejam-se Abrem-se ao sol e ao futuro. Sonham, por certo (LEÃO, 1972, p. 133-134 apud CUNHA, 2011, p. 40).

Em data anterior a 1871 a região de Anápolis também recebeu vários nomes: *Cabeceira do Rio das Antas*, *Sítio das Antas*, *Bairro das Antas – Góis – Bairro dos Rodrigues e Antas*. (BORGES, 2011). Entretanto não se deve confundir o vocábulo ‘bairro’ da época com o atual: “A zona rural de Pirenópolis era dividida em muitas fazendas, das quais também eram chamadas de bairros, assim se vai encontrar nos documentos antigos, o bairro das Antas [...], entretanto, essa nomenclatura nada tem a ver com o conceito de bairro urbano que se tem hoje”. (ALVES, 2014. p. 29).

Explicar um pouco sobre a história da santa padroeira da cidade tão citada até esse momento se faz necessária:

Escolhida por Deus, já em idade avançada considerada estéril, Ela e Joaquim, quando já se esvaia de seus corações a esperança de ter filhos, graça há muito esperada por eles, o milagre se realiza. Ana concebe e nasce Maria a escolhida por Deus para ser mãe de Jesus, o Salvador. (RAMOS, 2013, p. 47).

A história de Santa Ana e de São Joaquim, seu marido, não aparecem nos textos canônicos, ou seja, na Bíblia, somente nos chamados Evangelhos Apócrifos, os textos não-oficiais. De acordo com o Frei Marco Aurélio da Cruz (2011) “apesar da Sagrada Escritura não fazer nenhuma menção ao casal. É o protoevangelho de São Tiago, escrito dos primeiros séculos do cristianismo, que nos faz conhecer a vida dos pais de Maria Santíssima”. Santidrián (2004, p. 133. Grifos do autor) atesta o mesmo: “Sobre os pais da Virgem Maria não temos na Bíblia dado algum. O *Protoevangelho de São Tiago*, apócrifo do s. II, oferece os dados de uma tradição”.

Urbano Zilles, sacerdote católico do clero da Arquidiocese de Porto Alegre, explica que:

os nomes dos pais da Virgem, *Joaquim* e *Ana*, cujas festas a liturgia romana celebra, não ocorrem nos escritos canônicos; da mesma forma a festa da *apresentação* da Virgem, o nascimento de Jesus numa caverna (gruta), a presença do *boi* e do *burro*, os *três reis* magos, com seus nomes de *Melchior*, *Gaspar* e *Baltasar*, o nome do soldado que atravessou o lado de Jesus com uma lança, *Longinos*, os nomes dos dois ladrões crucificados com Jesus, *Dimas* e *Gesta*, a história de *Verônica*, etc. são dados

que apenas se encontram em escritos apócrifos. (ZILLES, 2004, p. 18. Grifos do autor).

O termo Apócrifo vem do latim eclesiástico *apocryphus*, derivado do grego *apókryphos* significa ‘secreto, escondido’ ou ‘diz-se de fato ou obra sem autenticidade ou cuja autenticidade não se provou’. (CUNHA, 1982, p. 58). Essa palavra tem múltiplos sentidos, além dos descritos ‘designa livros não assumidos no cânon’ e ‘os protestantes aplicaram o termo apócrifo àqueles escritos, que não foram eliminados, mas só se encontram na coleção da *Septuaginta*’. Portanto, os protestantes chamam os livros apócrifos por outra denominação, *pseudo-epígrafos*. (ZILLES, 2004). Segundo o italiano Luigi Moraldi, importante estudioso de hebraico, línguas semíticas comparadas, filologia semítica e dos apócrifos do Novo Testamento:

Na história da Igreja, o termo apócrifos recebeu cedo um significado bastante preciso, designando todos os escritores que, de modo e com feições literárias diversas, mas sempre imitando a literatura bíblica, reivindicaram para si uma autoridade sagrada, às vezes superior à dos próprios escritos canônicos. Não é fácil dar uma definição deles. Mas resumindo, podemos dizer que os apócrifos do Novo Testamento são os escritos que não fazem parte do cânon bíblico do NT, mas pelo título, pela apresentação, pelo modo de tratar o argumento, e por outros elementos internos (estilo, gênero literário etc.) e externos se apresentam como textos canônicos e, tácita ou expressamente, reivindicam uma autoridade sagrada igual aos do cânon ou pretendem substituí-los ou completá-los. (MORALDI, 1999, p. 14-15).

É válido lembrar que existem não somente os apócrifos do Novo Testamento, mas também os do Velho Testamento e em oposição a esses existem os textos canônicos ou bíblicos:

A Bíblia ou Sagrada Escritura compreende 73 livros, chamados canônicos, que constituem o *cânon* ou a lista oficial dos livros que a Igreja considera inspirados pelo Espírito Santo e, por isso, servem de norma para a fé e a prática religiosa. 46 desses livros inspirados referem-se à revelação de Deus no Antigo e 27 ao Novo Testamento. Esses são os livros inspirados e normativos para a vida dos cristãos. Os livros que integram esta lista são chamados canônicos. (ZILLES, 2004, p. 20).

Esses são dados referentes a Bíblia Católica, pois a Bíblia Protestante possui 66 livros, 39 do Velho Testamento e 27 do Novo Testamento. Isso porque essa não considera 7 livros do Velho Testamento presentes na Bíblia Católica: Tobias, Judite, Sabedoria, Baruc, Eclesiástico, 1 e 2 Macabeus. Para os protestantes esses são os livros apócrifos. Segundo Zilles (2004, p. 21-22) “a divergência quanto ao cânon do Antigo Testamento entre judeus, católicos e protestantes radica-se no fato de judeus e protestantes só admitirem os livros cujo original hebraico se tenha conservado”.

A história de Santa Ana e São Joaquim aparecem, como dito anteriormente, no protoevangelho de São Tiago. O termo *proto* significa ‘primeiro, principal, primitivo’, o que

nos permite entender que o conteúdo do protoevangelho é anterior aos acontecimentos narrados nos evangelhos canônicos, que são: Mateus, Marcos, Lucas e João. O protoevangelho de São Tiago trata de três assuntos: 1) Vida de Maria até o nascimento de Cristo (cap. I-XVI), 2) Nascimento de Jesus e maravilhas que o acompanham (cap. XVII-XXI) e 3) Matança dos inocentes e martírio de Zacarias (cap. XXII-XXIV). Mais o último capítulo, o de número XXV que é um epílogo. O suposto autor da obra é Tiago Menor, irmão de Jesus, um dos seis filhos do primeiro casamento de José. (ZILLES, 2004).

Nos primeiros cinco capítulos do protoevangelho de São Tiago é narrado o milagroso nascimento de Maria, nascida de pais estéreis. De acordo com o que foi narrado no livro de São Tiago, Joaquim era um homem muito rico, que ofertava sempre em dobro, mas algo o entristecia muito, o fato de não ter gerado nenhum descendente. Ele então foi ao deserto e lá jejuou por 40 dias e 40 noites em busca de uma graça divina. Ana, sua mulher, nesse período lamentava a ausência do marido e sua esterilidade e também orava e pedia a Deus providência. Por fim, Deus ouve a oração de Ana e Joaquim:

1- E eis que lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo-lhe: “Ana, Ana, o Senhor escutou tuas preces. Conceberás e darás à luz e de tua prole se falará em todo mundo”. Ana respondeu: “ Juro por Deus, meu Senhor, que, se eu gerar um filho, seja menino ou menina, quero oferecê-lo ao Senhor e estará a seu serviço todos os dias de sua vida”. 2- Depois apareceram dois mensageiros com o seguinte recado: “Joaquim, teu marido, volta com seus rebanhos”. Um anjo de Deus desceu até ele e lhe disse: “Joaquim, o Senhor ouviu tua insistente prece. Volta, pois, Ana, tua mulher conceberá em seu ventre!” (SÃO TIAGO, 4: 1-2 apud ZILLES, 2004, p. 27).

A conclusão à qual chegamos é que o protoevangelho de São Tiago, embora não seja um texto cânon, assim como os demais apócrifos, tem fornecido importantes informações. Carter afirma que “a influência desse evangelho no campo da liturgia, da literatura e da arte tem sido enorme. O culto de Santa Ana e a festa eclesiástica da Apresentação da Virgem no Templo devem sua origem a este livro. Muitas das lendas sobre Nossa Senhora estão baseadas nele”. (CARTER, 2003, p. 10).

A respeito de Santa Ana à devoção a ela é antiga e sua aparição remonta ao século XVII:

Pesquisando sobre os primórdios da devoção à Sant’Ana, um nome se destaca pela importância que representou como seu fiel devoto: Yves Nicolazic. Homem de oração, que era encontrado sempre de joelhos, mãos postas em constante meditação, elevando a Deus sua fervorosa prece. [...] Yves Nicolazic habitava a região da Bretanha, França. Enquanto rezava no dia 25 (SIC) de julho de 1624, uma voz chega aos seus ouvidos, assustado ele ouve: - Não tenhas medo, sou Ana, mãe de Maria, vai e dize ao teu Reitor que em Bocenno existiu outrora uma Capela dedicada ao meu culto. Era a primeira em todo o país. Há 924 anos ela foi arruinada. Quero que ela seja reconstruída o mais breve possível. No ano seguinte Yves reúne os vizinhos e alguns

amigos. Ajudado por eles, seguindo um clarão que iluminava o caminho para o local indicado, encontraram uma imagem da Santa, que revelava ao mundo a veracidade do que lhe foi dito por ela em 1624. (RAMOS, 2013, p. 47-48).

Mas há relatos de que bem antes disso, no século IV, o imperador Justiniano tenha erguido uma igreja em nome de Santa Ana em Constantinopla. Outra igreja foi edificada em Roma no século VIII e a partir do século X seu culto se estendeu pela Europa. Com relação a São Joaquim, as festas em sua homenagem aparecem no Ocidente em 1522. Aliás a festa de Santa Ana e São Joaquim ocorrem no mesmo dia, em 26 de julho. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p.133).

Como dito anteriormente, as celebrações à Santana, ocorrem todo ano, em 26 de julho, e em Anápolis são anteriores a construção da Capela, em 1871: “Em 1870, já havia, às margens do Rego Grande, pelo menos 7 casas ‘e já se festejava, em casa de Manuel Rodrigues da Silva, o dia de Nossa Senhora Santana”. (FERREIRA, 2011, p. 18). Freitas (1995) corrobora o mesmo: “As fontes documentais existentes dão conta de que atividades religiosas, como novenas, já eram realizadas na região e que o dia de Nossa Senhora Santana, já era festejado”. (1995, p. 41).

A respeito da imagem de Sant’Ana de propriedade de Dona Ana das Dores, Ramos (2013, p. 15) relata que tal imagem esculpida em madeira foi encomendada por Dona Ana ao escultor goiano José Joaquim da Veiga Vale. Ainda segundo essa estudiosa, Dona Ana ao doar a imagem que a acompanhou por tantos anos teria proferido as seguintes palavras: “Este município será uma maravilha e terá um povo altruístico, trabalhador e abençoado por Deus”. (RAMOS, 2013, p. 22).

De acordo com site da prefeitura, a imagem da santa padroeira de Anápolis esteve por muitos anos preservada em Pirenópolis. Porém, atualmente se encontra em Anápolis onde é guardada como relíquia histórico-religiosa na Matriz de Santana. A imagem tem uma saga que remonta mais de um século e pode ser admirada todos os anos durante a novena que precede 26 de julho, data em que a comunidade católica de Anápolis dedica devoção especial à sua padroeira.

No próximo tópico serão apontados alguns aspectos geográficos da cidade e relatados fatos importantes ligados as diferentes religiões presentes em Anápolis.

## 2.2 RELIGIOSIDADE: TRAÇO HISTÓRICO E REALIDADE EM ANÁPOLIS

Anápolis, localizada no Planalto Central, parte meridional do Estado de Goiás, fica entre as cidades planejadas de Brasília e Goiânia, no denominado “Mato Grosso de Goiás”. (BORGES, 2011, p. 37). Anápolis é considerada o “Trevo do Brasil” por ficar no centro do território nacional (RESENDE, 2007). Segundo dados do IBGE, Anápolis possui uma área de 933,156 km<sup>2</sup> (2016). Em 1940, sua área era mais que o dobro, de 2.622 km<sup>2</sup>. Fato que mudou com a emancipação de seus antigos distritos: Nerópolis, Nova Veneza, Damolândia, Brazabrantes, Goianópolis, Ouro Verde e Campo Limpo. (RESENDE, 2007). Em termos populacionais, Anápolis possui 375.142 habitantes, sendo essa a terceira maior população do Estado, ficando atrás apenas da capital Goiânia com 1.466.105 habitantes e da cidade metropolitana de Aparecida de Goiânia com 542.090 habitantes (IBGE, 2017).

Segundo o site da prefeitura, reconhecida como o polo industrial e logístico mais importante do Centro-Oeste, Anápolis atrai moradores das cidades circunvizinhas e da capital goiana. O DAIA - Distrito Agroindustrial de Anápolis, criado em 8 de setembro de 1976, atualmente é a sede do Polo Farmacêutico Goiano. Além da grande quantidade de laboratórios farmacêuticos e de indústrias químicas, o DAIA ainda possui uma Estação Aduaneira do Interior (EADI), mais conhecida como Porto Seco Centro-Oeste, que se trata de um terminal alfandegário de uso público, destinado à prestação de serviços de movimentação e armazenagem de mercadorias sob controle aduaneiro. No DAIA estão localizadas 25% do número total de indústrias do ramo farmacêutico o que lhe garante o cognome de a “Capital Brasileira de Medicamentos Genéricos”. (RESENDE, 2007, p. 5).

Se hoje Anápolis é considerada a principal cidade industrial do Centro-Oeste, no passado ela foi a maior produtora de café do Estado e o maior centro comercial de Goiás. Chegou a ser apelidada de “Ribeirão Preto Goiana” e de “Manchester Goiana”. Toda essa prosperidade ocorreu principalmente a partir de 1920 e foi impulsionada pela implantação da estrada de ferro, em 1935. Nessa época a cidade obteve um expressivo crescimento populacional. Décadas depois essa hegemonia diminuiu devido à concorrência com a nova capital de Goiás, Goiânia. (POLONIAL, 2011).

Saindo do campo econômico e indo para o campo religioso, desde o surgimento de Anápolis uma religião se destaca, a Católica Apostólica Romana. A capela de Santana das Antas construída em 1871 é o símbolo dessa presença tão forte e marcante. Essa capela foi reconstruída em 1909 já com status de Igreja Santana e depois ganhou uma nova construção, em 1950, para atender o número maior de fiéis, devido ao crescimento populacional daquele período. Nessa época, a Igreja já estava aos cuidados da ordem franciscana, não mais sob os cuidados de párocos do clero secular ou regular ligados ao Estado brasileiro:

Os párocos enumerados no quadro eram diocesanos (do clero secular) pertencentes à Diocese de Goiás ou clérigos salesianos (do clero regular), o que mostra ser esta estrutura, no início da Igreja, a divisão administrativa do Estado brasileiro. Posteriormente, após a extinção do Regime do Padroado com a Proclamação da República (1889), é que vai sendo a Igreja administrada, aos poucos, por ordens religiosas em função da secularização do Estado. (CHIAROTTI; CHIAROTTI, 2011, p. 15).

O Arcebispo de Goiás, Dom Emanuel Gomes de Oliveira foi quem convidou, em 1943, a presença em Anápolis da Província Franciscana do Santíssimo Nome de Jesus, de Nova York:

Entre as motivações que trouxeram os frades franciscanos a Anápolis, estava o zelo missionário típico das ordens mendicantes e necessidades imediatas para a reprodução da Igreja enquanto instituição; a falta de padres para cuidar de paróquias, uma fé considerada informal e mesclada de superstições que causava estranheza e fugia ao controle da instituição romana; e ainda o crescimento dos grupos religiosos rivais, como é o caso do espiritismo e do protestantismo, especialmente em Anápolis, como atesta o Frei Cipriano. (SOUZA, 2007, p. 96-97).

Os frades franciscanos chegaram a Anápolis em fevereiro de 1944 e causaram um estranhamento entre os fiéis locais, o primeiro motivo foi devido a diferença entre os idiomas, os primeiros frades falavam português com sotaque inglês carregado, o que dificultava a comunicação. O segundo motivo estava ligado ao vestuário, fora de suas funções religiosas não usavam batinas, vestiam-se como um cidadão normal. Terceiro motivo, eles bebiam bebidas alcoólicas, vinho, gim e uísque durante as refeições, o que causou espanto na população local que viam neles a imagem de homens santos. Com o tempo essa imagem foi sendo desfeita e o estranhamento deixado de lado, pois eles contribuíram muito no campo religioso, educacional e de assistência social em Anápolis. (FERREIRA, 2011).

Algumas das contribuições dos franciscanos foram: a construção do Colégio São Francisco, a partir de 1944; a construção do novo templo da Igreja Santana, a partir de 1948; a implantação da extinta Rádio Santana, em 1955; a construção da Santa Casa de Misericórdia e da Escola Paroquial Santo Antônio, a partir da vinda das irmãs franciscanas de Allegany, por intermédio dos frades franciscanos, em 1957; e a implantação da Rádio São Francisco, em 1965. (CHIAROTTI; CHIAROTTI, 2011).

Na mesma época surgiram novas Paróquias. A segunda Igreja da cidade foi a hoje conhecida Catedral do Senhor Bom Jesus da Lapa, ou Igreja Bom Jesus. A devoção a Bom Jesus teve início na cidade de Anápolis com a baiana, Maria Tereza de Jesus (Terezona), que organizava festas em homenagem a esse santo em 1913. Em 1914, a capela que deu origem décadas depois a Catedral Bom Jesus começou a ser construída pelo padre espanhol Isquendo da Igreja Sant'Ana. Depois, na década de 60, em 11 de fevereiro de 1961 foram criadas mais

três paróquias: a de Santo Antônio, que surgiu da construção da capela em devoção ao santo franciscano, Antonio de Pádua; a de São Sebastião, que foi confiada à Ordem dos Franciscanos Capuchinhos e a de São Francisco de Assis. (BORGES, 2011).

Anápolis, desde que fora fundada sempre teve uma forte influência da religião católica, mas isso começou a mudar logo no início do século XX, influenciada pelo ritmo do progresso, que culminou num expressivo crescimento populacional. A doutrina Espírita, por exemplo, passou a ser mais disseminada na cidade, em 1915, com a vinda do Sr. Joaquim Firmo de Velasco, apesar de já existir na cidade adeptos dessa doutrina. Anos depois, em 1929, foi fundado o primeiro Centro Espírita, nomeado, Vicente de Paulo. Em 1935, o Centro Espírita Vicente de Paulo foi reorganizado devido ao aumento do número de adeptos. Na década de 40, foi construída no terreno doado pelo Sr. Joaquim Firmo de Velasco, na avenida Goiás, a sede desse Centro Espírita, onde permanece até os dias atuais. (FERREIRA, 2011).

Ainda falando da doutrina Espírita em Anápolis, os praticantes dessa doutrina assim como os da religião Católica tiveram uma preocupação social, e criaram em vinte e três de abril de 1850, o Sanatório Espírita de Anápolis, que depois foi nomeado, Hospital Espírita de Psiquiatria, e em 2018, Instituto de Medicina do Comportamento Eurípedes Barsanulfo (INMCEB). O intuito desta instituição sempre foi o de cuidar de pacientes com doenças mentais da cidade, papel que vem desempenhando até hoje. Posteriormente outros Centros Espíritas foram surgindo, cada um com sua missão, a exemplos, Centro Espírita Amor e Caridade; Lar da Criança Humberto de Campos; Centro Espírita Bezerra de Menezes; Centro Espírita Allan Kaderc; Centro Espírita Luz e Caridade; Centro Espírita André Luís; Centro Espírita Serapião Ribeiro; Casa da Criança de Anápolis, entre outros. (BORGES, 2011).

Outra religião que se destaca em Anápolis é a Evangélica, inclusive popularmente apontada como a com maior número de praticantes na cidade, o que os dados do IBGE negam, dados esses que serão citados e analisados posteriormente. Dando continuidade, é interessante elucidar que assim como aconteceu com a doutrina espírita, já residiam em Anápolis alguns adeptos dessa religião, os nomeados 'crentes'. A jornalista Ferreira (2011) inclusive os cita um a um, sendo eles: Getúlio Barbosa de Melo, Jarbas Jayme, Amasílio Lino de Sousa e Carlos Pereira Magalhães. Ela ainda explica que “apenas essas famílias se reuniam, meio escondido, para realizarem seus cultos”. (p. 129).

De acordo com ela, a intransigência religiosa era muito grande nessa época e com a chegada do médico James Fanstone, em 1925, responsável pela construção da primeira Igreja Evangélica de Anápolis, a situação não foi diferente: “No início, James Fanstone foi muito perseguido. Queriam expulsá-lo da cidade, e muito lhe valeu o apoio do Juiz de Direito,

Jovelino Campos”. (FERREIRA, 2011, p. 130). Esses fatos relatados são curiosos porque hoje quem vê a cidade de Anápolis, por vezes, estigmatizada como território sagrado evangélico, não imaginaria que seus fiéis um dia foram tão perseguidos.

O casal James Fanstone e Ethel Marguerite Peatfield Fanstone, conhecida como Dayse Fanstone, foram também os fundadores do Hospital Evangélico Goiano, inaugurado em 1927. James Fanstone relata no capítulo 29 de seu livro *Missionary Adventure in Brazil* (1972) que a Igreja fundada por ele e sua esposa surgiu de um ideal do Hospital:

Curiosamente, uma das maiores igrejas organizadas de Anápolis surgiu de um ideal do Hospital, desde o início, de tratar ou operar todos os missionários, pastores e evangelistas, com as famílias, inteiramente grátis. No decorrer dos anos, muito desses pacientes, de todas as partes do Brasil, expressando gratidão, deixavam uma oferta. Depositamos todas essas doações no Banco, até que um dia elas somaram o necessário para pagar uma nova igreja. (FANSTONE, 1972 apud BORGES, 2011, p. 125).

A Igreja a que se refere é a conhecida Igreja Presbiteriana Central, localizada na rua Desembargador Jayme, a primeira igreja evangélica desta cidade. Com o passar dos anos surgiram igrejas de diferentes denominações evangélicas. Lembrando que as igrejas evangélicas se dividem em vários ramos, entre elas, as Pentecostais, as Batistas, as Adventistas, as Metodistas, e embora, a primeira igreja da cidade tenha sido de denominação Presbiteriana, somente na década de 40, que teve início o trabalho presbiteriano organizado na cidade:

Em 14 de julho de 1947, cerca de 70 pessoas, na maioria presbiterianos residentes em Anápolis, reuniram-se em uma sala do Colégio Couto Magalhães, [...], com a presença do missionário norte-americano, Revdo. David Lee Williamson com o propósito de organizar uma Congregação Presbiteriana. (FERREIRA, 2011, p. 126).

Outras religiões se fazem presentes em território anapolino. É o caso dos cristãos ortodoxos, cuja Igreja Ortodoxa São Jorge foi construída em 1958, pela Sociedade Cristã Ortodoxa Beneficente, pertencente a arquidiocese ortodoxa de São Paulo. Filiada ao patriarcado antiaquino, com sede em Damasco (Síria). A referida igreja difunde o culto ortodoxo e os ensinamentos cristãos a sírios e libaneses residentes na cidade. (BORGES, 2011, p. 131). Os muçulmanos radicados em Anápolis frequentam o Centro Islâmico de Anápolis, cuja Mesquita foi fundada em 1970, por muçulmanos libaneses (VITOR, 2013). Há também na cidade os adeptos da religião brasileira, a Umbanda.

Depois de relatar como essas religiões se organizaram na cidade, vamos aos dados atuais. Ao que tudo indica o fervor religioso presente na cidade de Anápolis não é apenas um traço histórico da cidade e sim uma realidade. De acordo com o último Censo do IBGE. Em

2010, 92,65 % dos 334.613 habitantes se declararam cristãos. A maioria segue a religião católica apostólica romana, 190.204 habitantes (56,84%); em segundo lugar seguem os declarados evangélicos, 115.244 habitantes (34,44%) e por último a religião espírita, 4.587 habitantes (1,37%).

A doutrina espírita foi incluída aqui como cristã, embora alguns estudiosos não a considerem como tal. Sendo esse o caso do sociólogo brasileiro Antônio Flávio Pierucci. Para ele o espiritismo não é uma religião cristã. Ele afirma que os espíritas utilizaram o Cristianismo para se legitimarem. Já outros acadêmicos a consideram uma espécie de neocristianismo. (SARMATZ, 2017).

Enfim, discordâncias à parte, essa amostragem demonstra a força do espírito religioso ainda presente na cidade e em alguns momentos esse espírito se evidencia e isso ocorre principalmente durante a maior festa nacional, o Carnaval. Durante esse período, todos os anos, Anápolis, ao invés de oferecer opções de festas típicas dessa época, torna-se palco de tradicionais eventos religiosos, tais como, o Congresso de Mocidades Evangélicas Pentecostais, o Comepe; o Congresso da União das Mocidades das Assembleias de Deus em Anápolis – Ministério Madureira, a Umada e o Festival de Jesus realizado pela Comunidade Católica. Esse fato comprova que a formação religiosa influenciou de alguma maneira na identidade cultural do povo anapolino até os dias atuais.

Deixando de lado, por um momento, a religiosidade, no próximo tópico o assunto será outro, os nomes dos bairros da cidade, objeto de estudo desta pesquisa.

### 2.3 A CIDADE DE ANA E OS NOMES DE SEUS BAIRROS

Este tópico consistirá em explicar como funciona o processo denominativo dos topônimos locais e como foi obtido o *corpus* deste trabalho, ou seja, os nomes dos bairros de Anápolis. Serão elencados neste item os nomes e anos de loteamento de todos os bairros da cidade de Anápolis, do período de 1930 a 2017, a fim de se ter um panorama geral do processo denominativo.

O que pode ser elucidado até o momento é que em Anápolis não existe nenhuma lei que regulamenta a denominação de bairros, logradouros públicos e bens públicos assim como ocorre em outras cidades brasileiras, a título de exemplo, a cidade gaúcha de Candiota. De acordo com a Lei Municipal nº160/94 dessa cidade, a denominação dos bairros, dos logradouros públicos e dos bens públicos devem seguir normas preestabelecidas:

I - nome de brasileiros já falecidos, no mínimo há um ano, que se tenham distinguido: a) em virtude de relevantes serviços prestados ao Município, Estado ou ao País; b) por sua cultura e projeção em qualquer ramo do saber; c) pela prática de atos heroicos e edificantes. II - nomes de fácil pronúncia tirados da História, Geografia, Flora, Fauna e Folclore do Brasil ou de Países, e da Mitologia Clássica. III - nomes de fácil pronúncia extraídos da Bíblia Sagrada, datas e Santos do calendário religioso. IV - datas de significação especial para a História do Brasil ou Universal. V - nomes de personalidades estrangeiras com nítida e indiscutível projeção. (CANDIOTA, 1994, p. 1).

Como pôde ser observado acima, na cidade de Candiota (RS), as motivações toponímicas foram predeterminadas, o que retira do nomeador toda liberdade no processo denominativo e impede que se utilize esses topônimos, nomes de lugares, como fonte de análise histórica e cultural. O mesmo não ocorre na cidade de Anápolis, pois na maioria dos documentos analisados o proprietário sugere o nome do bairro e esse é aprovado junto com o loteamento pela Prefeitura. Isso acaba se tornando relevante para o estudo, pois mostra que há uma liberdade no processo de nomear em Anápolis o que facilita esta pesquisa, pois permite de fato, perceber a cosmovisão da população local e não de seus dirigentes.

Abaixo seguem os nomes de todos os bairros da cidade de Anápolis, com o seu respectivo ano de criação. Conseguir reunir todos esses nomes em uma lista não foi tarefa fácil, visto que a Mapoteca da Prefeitura de Anápolis não possui essa informação. A listagem encontrada nesse departamento apresenta algumas falhas: nomes de bairros repetidos, inexistentes, ausência de nomes de bairros recentes, enfim. Essa lista serviu de norte, teve sua importância, mas todos os nomes de bairros foram devidamente conferidos no *google maps*, e comparados com documentos da Prefeitura: Lei Complementar nº 115, de 28 de dezembro de 2005, que dispõe sobre a contribuição de iluminação pública e Lei Complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009, que estabelece os limites, confrontações e áreas totais dos loteamentos.

Sabendo que nos últimos anos, dezenas de loteamentos novos foram inaugurados e suas documentações e mapas ainda não foram arquivados na Mapoteca, ou ainda não constam nos documentos oficiais da Prefeitura, uma pesquisa detalhada na *internet* em sites de imobiliárias, em sites que trazem o índice dos bairros da cidade também foi realizada a fim de se ter o número mais aproximado de bairros existentes atualmente.

Os bairros abaixo listados, fazem parte do perímetro urbano de Anápolis, ou seja, estão dentro da cidade e não do município, que corresponde a área urbana e rural. De acordo com o Projeto de Lei Complementar nº 001, de 15 de fevereiro de 2016, que dispõe sobre o Plano Diretor Participativo do Município de Anápolis. O perímetro urbano de Anápolis foi expandido e segundo essa proposta, os quatro distritos municipais: Souzaânia, criado em 1903 com o nome

de Boa Vista de Trairas; Interlândia, criado em 1953; Goialândia e Joanópolis, criados em 1975 foram inseridos como Perímetros Urbanos Descontínuos.

QUADRO 2 - LISTA DE BAIRROS

<b>Ordem</b>	<b>Topônimos (Nomes de bairros)</b>	<b>Ano do loteamento</b>
01	<i>Adriana Parque</i> bairro	1983
02	<i>Aldeia dos Sonhos</i> Residencial	2004 (ano provável)
03	<i>Alexandrina</i> Jardim	1955
04	<i>Alfredo Abrahão</i> Residencial	2004 (ano provável)
05	<i>Alphaville Anápolis</i> Condomínio	2013
06	<i>Alphaville</i> Residencial	2000 (ano provável)
07	<i>Alto da Bela Vista</i> bairro	Anterior a 1982
08	<i>Alvorada</i> bairro	1960
09	<i>Alvorada</i> Jardim	1960
10	<i>América</i> Jardim	1952
11	<i>América</i> Residencial	1983
12	<i>Americanas</i> Loteamento Chácaras	1959
13	<i>Americano do Brasil</i> Loteamento Sítios de Recreio	1979
14	<i>Américas 1ª etapa</i> Jardim das	1960
15	<i>Américas 2ª etapa</i> Jardim das	1975
16	<i>Américas 3ª etapa</i> Jardim das	1983
17	<i>Ana Caroline</i> Residencial	2000 (ano provável)
18	<i>Ana Cláudia</i> Jardim	-
19	<i>Ana Paula</i> Jardim	1982
20	<i>Anápolis City</i> bairro	1976
21	<i>Ander 1ª etapa</i> Parque Residencial	1979
22	<i>Ander 2ª etapa</i> Parque Residencial	-
23	<i>Andracel Center</i> bairro	1980
24	<i>Anaville 1ª etapa</i> Condomínio Residencial	-
25	<i>Anaville 2ª etapa</i> Condomínio Residencial	2012
26	<i>Antônio Fernandes</i> Anexo	2000
27	<i>Antônio Fernandes</i> Bairro	1975
28	<i>Araguaia</i> Residencial	1999 (ano provável)
29	<i>Araújoville</i> Residencial	1999 (ano provável)
30	<i>Arco-Íris</i> Residencial	1998 (ano provável)
31	<i>Arco Verde 1ª etapa</i> Jardim	1978
32	<i>Arco Verde 2ª etapa</i> Jardim	-
33	<i>Ayrton Senna</i> Residencial	2007 (ano provável)
34	<i>Bandeirante</i> Jardim	1975
35	<i>Bandeiras 1ª etapa</i> bairro das	1975
36	<i>Bandeiras 2ª etapa</i> bairro das	Posterior a 1980
37	<i>Batista</i> bairro	1956
38	<i>Bela Vista</i> Jardim	1953 (ano provável)
39	<i>Bela Vista</i> Residencial	1998 (ano provável)
40	<i>Bella</i> Residencial Villa	-
41	<i>Belas Artes</i> Condomínio Residencial	2013

42	<i>Boa Esperança</i> Residencial	2015
43	<i>Boa Vista</i> bairro	1951 (ano provável)
44	<i>Boa Vista</i> Loteamento Sítio de Recreio Jardim	1978
45	<i>Bom Clima</i> Jardim	-
46	<i>Bom Sucesso</i> Anexo	-
47	<i>Bom Sucesso</i> bairro	-
48	<i>Bougainville</i> Setor	1983
49	<i>Brasil</i> Vila	1949
50	<i>Brasília 1ª etapa</i> Parque	-
51	<i>Brasília 2ª etapa</i> Parque	1999 (ano provável)
52	<i>Buritis</i> Residencial	1999 (ano provável)
53	<i>Calixto</i> Jardim	1959
54	<i>Calixto Abrão</i> Vila	1988
55	<i>Calixtolândia 1ª etapa</i> bairro	-
56	<i>Calixtolândia 2ª etapa</i> bairro	2000
57	<i>Calixtópolis 1ª etapa</i> Parque	1961
58	<i>Calixtópolis 2ª etapa</i> Parque	2000 (ano provável)
59	<i>Campos Elíseos</i> bairro	1958
60	<i>Caminho das águas</i> Condomínio Residencial	-
61	<i>Celina</i> Vila/ Rua Brasil (B. Jundiá)	1989
62	<i>Centenário</i> Residencial	2011
63	<i>Central</i> Setor	-
64	<i>Cerejeiras</i> Residencial	2015
65	<i>Cerrado</i> Residencial do	2017
66	<i>Cidade Industrial</i> Residencial	-
67	<i>Cidade Jardim</i> bairro	-
68	<i>Cidade Universitária</i> bairro	1999 (ano provável)
69	<i>Colorado</i> Loteamento Chácaras	1975
70	<i>Copacabana</i> Residencial	2009
71	<i>Corumbá</i> Vila/ B. Maracanãzinho	1955
72	<i>DAIA (Distrito Agroindustrial de Anápolis)</i>	1976
73	<i>Denise</i> Sítios de Recreio	-
74	<i>Diana</i> Jardim	-
75	<i>Dom Bosco</i> Vila	1958
76	<i>Dom Emanuel</i> Residencial	2000
77	<i>Dom Felipe</i> Residencial	2000
78	<i>Dom Pedro II</i> bairro	1953
79	<i>Dona Maria</i> Vila	1958
80	<i>Dijon</i> Residencial	-
81	<i>Eldorado</i> bairro	1959
82	<i>Eldorado</i> Jardim	1957
83	<i>Escala</i> Setor	1996
84	<i>Escala 2ª etapa</i> Setor	2013
85	<i>Esperança II</i> Conjunto Habitacional	-
86	<i>Esperança</i> Vila	-
87	<i>Eucaliptos</i> Parque dos	Anterior a 1983
88	<i>Europa 1ª etapa</i> Jardim	1978
89	<i>Europa 2ª etapa</i> Jardim	1978

90	<i>Fabril Vila</i>	Anterior a 1951
91	<i>Falluh Vila/ Setor Central</i>	1945
92	<i>Feliz 1ª etapa Vila</i>	2006 (ano provável)
93	<i>Feliz 2ª etapa Vila</i>	2006 (ano provável)
94	<i>Filostro Machado Carneiro</i> Conjunto Habitacional	-
95	<i>Flamboyant</i> Residencial	1999 (ano provável)
96	<i>Flor de Liz Jardim</i>	1982
97	<i>Flor do Cerrado 1ª etapa</i> Residencial	2012
98	<i>Flor do Cerrado 2ª etapa</i> Residencial	2015
99	<i>Florença</i> Residencial	-
100	<i>Flores Parque</i> Residencial das	1983
101	<i>Formosa 1ª etapa Vila</i>	1967 (ano provável)
102	<i>Formosa 2ª etapa Vila</i>	-
103	<i>Formosa 3ª etapa Vila</i>	-
104	<i>Formosa 4ª etapa Vila</i>	-
105	<i>Frei Eustáquio Anexo</i>	-
106	<i>Frei Eustáquio</i> bairro	1982
107	<i>Gabriela</i> Residencial	2008 (ano provável)
108	<i>Gaudí</i> Condomínio Residencial	2015
109	<i>Geovanni Braga</i> Residencial	-
110	<i>Girassol</i> Residencial	2010
111	<i>Goiano Jardim</i>	Posterior a 1952
112	<i>Goiás Vila</i>	1951
113	<i>Góis / Nossa Senhora da Conceição Vila</i>	1950
114	<i>Gonçalves Jardim</i>	1952
115	<i>Gonçalves Vila</i>	1954
116	<i>Grand Trianon</i> Condomínio Residencial	2014
117	<i>Granville 1ª etapa</i> Residencial	1979
118	<i>Granville 2ª etapa</i> Residencial	2015
119	<i>Guanabara Jardim</i>	1955
120	<i>Harmonia 1ª etapa Vila</i>	1982
121	<i>Harmonia 2ª etapa Vila</i>	2013
122	<i>IAPC Jamaica</i> Conjunto Residencial	1951 (ano provável)
123	<i>Ibirapuera Jardim</i>	-
124	<i>Ildefonso Limírio</i> Residencial	2014
125	<i>Industrial Aeroporto</i> Setor	1961
126	<i>Industrial (Jundiá) Vila</i>	Anterior a 1958
127	<i>Industrial Munir Calixto</i> bairro Setor	-
128	<i>Ipanema</i> Conjunto Residencial	2010
129	<i>Ipês Jardim dos</i>	1999 (ano provável)
130	<i>Iracema Parque</i>	1951
131	<i>Itália 1ª etapa</i> Residencial Jardim	2009
132	<i>Itália 2ª etapa</i> Residencial Jardim	2013
133	<i>Itamaraty Anexo</i>	1975
134	<i>Itamaraty 1ª etapa</i> bairro	-
135	<i>Itamaraty 2ª etapa</i> bairro	1983
136	<i>Itamaraty 3ª etapa</i> bairro	1998
137	<i>Itamaraty 4ª etapa</i> bairro	1999

138	<i>Itatiaia Residencial</i>	1998 (ano provável)
139	<i>Itororó Residencial</i>	2006
140	<i>Jaiara Vila</i>	1948
141	<i>Jamil Miguel 1ª etapa Setor Sul</i>	2005 (ano provável)
142	<i>Jamil Miguel 2ª etapa Setor Sul</i>	-
143	<i>Jandaia 1ª etapa Setor Residencial</i>	1982
144	<i>Jandaia 2ª etapa Setor Residencial</i>	1998
145	<i>Jardins do Lago Residencial</i>	-
146	<i>Jibrán El Hadj bairro</i>	1988
147	<i>JK Setor Nova Capital bairro</i>	Anterior a 1964
148	<i>JK Setor Oeste bairro</i>	Anterior a 1967
149	<i>João Luiz de Oliveira Vila</i>	1960
150	<i>João XXIII Vila</i>	1991
151	<i>Jóquei Clube bairro</i>	1960
152	<i>Jundiaí bairro</i>	1944
153	<i>Jussara Vila</i>	1949
154	<i>Lago dos Buritis Setor</i>	1999 (ano provável)
155	<i>Lapa Bairro da</i>	1952
156	<i>Las Palmas bairro</i>	1996
157	<i>Leblon Residencial</i>	2009
158	<i>Lírios do Campo bairro Privê</i>	1979
159	<i>Lourdes bairro de</i>	-
160	<i>Luzitano Jardim</i>	1960
161	<i>Maracanã bairro</i>	1953
162	<i>Maracanãzinho bairro</i>	Anterior a 1961
163	<i>Maria Vitória Condomínio</i>	-
164	<i>Mariana Vila</i>	1980
165	<i>Marla Cristina Residencial</i>	2005 (ano provável)
166	<i>Mansões do Lago Condomínio Residencial</i>	-
167	<i>Mansões do Planalto Lot. Chácaras de Recreio</i>	-
168	<i>Menino Jesus Vila</i>	-
169	<i>Michel Parque</i>	1952
170	<i>Miguel Jorge Vila</i>	Anterior a 1974
171	<i>Milmar Vila</i>	1958
172	<i>Mirage Conjunto/ Reverendo Archibald</i>	1975
173	<i>Mônica Braga Residencial</i>	1992
174	<i>Monte Sinai 1ª etapa Residencial</i>	2000
175	<i>Morada Nova 1ª etapa Residencial</i>	2004 (ano provável)
176	<i>Morada Nova 2ª etapa Residencial</i>	-
177	<i>Moreira Vila/ Setor Central</i>	1982
178	<i>Morumbi Residencial</i>	1999 (ano provável)
179	<i>Munir Calixto Vila Popular</i>	1960
180	<i>Nações Unidas Jardim</i>	1953
181	<i>Nações Unidas Parque das</i>	-
182	<i>Norte Vila</i>	-
183	<i>Nossa Senhora Aparecida bairro</i>	-
184	<i>Nossa Senhora D'Abadia Vila</i>	1960
185	<i>Nova Alexandrina bairro</i>	1983

186	<i>Nova Aliança</i> Conjunto Residencial	2009
187	<i>Nova Vila Jaiara</i> bairro	1983
188	<i>Novo Jundiá</i> bairro	1983
189	<i>Novo Mundo</i> Residencial	2013
190	<i>Novo Paraíso</i> bairro	Década de 30/40 (?)
191	<i>Oficiais da Aeronáutica</i> Vila dos	-
192	<i>Olhos D'Água</i> bairro	1979
193	<i>Oliveiras das</i> Jardim	1980
194	<i>Operária</i> Vila	1981
195	<i>Palmares</i> Jardim	1981
196	<i>Palmeiras</i> Residencial	1998 (ano provável)
197	<i>Paraíso SS 1ª etapa</i> bairro	1960
198	<i>Paraíso SS 2ª etapa</i> bairro	1996
199	<i>Paris</i> Residencial	-
200	<i>Pedro Ludovico</i> Setor Residencial	1983
201	<i>Pedro Ludovico</i> Vila Residencial	-
202	<i>Petrópolis</i> Jardim	1969
203	<i>Pirineus 1ª etapa</i> Parque dos	-
204	<i>Pirineus 2ª etapa</i> Parque dos	1999 (ano provável)
205	<i>Pirineus 3ª etapa</i> Parque dos	1999 (ano provável)
206	<i>Planalto</i> Jardim	1957
207	<i>Polocentro 1ª etapa</i> bairro	1979
208	<i>Polocentro 2ª etapa</i> bairro	1980
209	<i>Portal do Cerrado</i> Residencial	-
210	<i>Primavera 1ª etapa</i> Jardim	-
211	<i>Primavera 2ª etapa</i> Jardim	1983
212	<i>Primaveras</i> Parque das	1982
213	<i>Progresso</i> Jardim	1979
214	<i>Promissão</i> Jardim	1955
215	<i>Raul Balduino</i> Conjunto Residencial	-
216	<i>Recanto das Mansões</i> Loteamento Sítios de Recreio	1983
217	<i>Recanto do Sol</i> bairro	1979 (ano provável)
218	<i>Reny Cury</i> Residencial	-
219	<i>Rica</i> Vila	1960
220	<i>Rio Jordão</i> Residencial	2012
221	<i>Rosas</i> Residencial das	1999 (ano provável)
222	<i>Rose's Garden</i> Condomínio Residencial	2000 (ano provável)
223	<i>Samambaia</i> Jardim	-
224	<i>Santa Cecília</i> Jardim	1988 (ano provável)
225	<i>Santa Clara</i> Setor	1998 (ano provável)
226	<i>Santa Cruz</i> Residencial	2015
227	<i>Santa Helena</i> Vila	1951
228	<i>Santa Isabel 1ª etapa</i> Vila	1950
229	<i>Santa Isabel 2ª etapa</i> Vila	1973 (ano provável)
230	<i>Santa Maria</i> Vila	1951
231	<i>Santa Maria de Nazaré</i> Vila	1951
232	<i>Santa Rita</i> Vila	1951
233	<i>Santa Rosa</i> Vila	1955

234	<i>Santa Terezinha</i> Vila	1955 (ano provável)
235	<i>Santana 1ª etapa</i> Jardim	1952
236	<i>Santana 2ª etapa</i> Jardim	-
237	<i>Santana</i> Vila	1954
238	<i>Santo André</i> bairro	1983
239	<i>Santo Antônio</i> bairro	1960
240	<i>Santo Antônio</i> bairro Granjas	1962
241	<i>Santo Antônio</i> Residencial	2011 (ano provável)
242	<i>Santo Antônio</i> Setor	1983
243	<i>Santo Expedito</i> Residencial	2010
244	<i>Santos Dumont</i> Bairro	1982
245	<i>São Carlos 1ª etapa</i> bairro	1960
246	<i>São Carlos 2ª etapa</i> bairro	-
247	<i>São Conrado</i> Parque	-
248	<i>São Jerônimo</i> Parque	2000
249	<i>São João</i> bairro	1960
250	<i>São João</i> Parque	1975
251	<i>São João</i> Vila	1952
252	<i>São Joaquim 1ª etapa</i> Vila	Anterior a/ em 1975
253	<i>São Joaquim 2ª etapa</i> Vila	1975
254	<i>São Jorge</i> Vila	Anterior a 1980
255	<i>São José</i> bairro	1956 (ano provável)
256	<i>São José</i> Vila	1953
257	<i>São Lourenço</i> bairro	1954
258	<i>São Marcos</i> Residencial	-
259	<i>São Paulo</i> Jardim	2000
260	<i>São Sebastião</i> bairro	1982
261	<i>São Vicente</i> Residencial	2000
262	<i>São Vicente</i> Vila (Conhecida como 'Igrejinha')	1952
263	<i>Sargentos da Aeronáutica</i> Vila dos	-
264	<i>Shangrilá</i> Residencial	2000
265	<i>Silveira</i> Jardim	-
266	<i>Sol Nascente</i> Condomínio Residencial	-
267	<i>Suíço</i> Jardim	1952
268	<i>Sul 1ª etapa</i> Setor	1983
269	<i>Sul 2ª etapa</i> Setor	1994
270	<i>Sul 3ª etapa</i> Setor	2000
271	<i>Sul</i> Vila	1983
272	<i>Summerville 1ª etapa</i> Setor	2004 (ano provável)
273	<i>Summerville 2ª etapa</i> Setor	2009
274	<i>Sunflower</i> Condomínio Residencial	2000 (ano provável)
275	<i>Tangará</i> Residencial	2007 (ano provável)
276	<i>Terezinha Braga</i> Residencial	1994
277	<i>Terras Alpha Anápolis</i> Condomínio	2012
278	<i>Tesouro</i> Jardim	1960
279	<i>Trabalhador</i> Residencial do	2006
280	<i>Tropical</i> Setor	1979
281	<i>União</i> Vila	-

282	<i>União Conjunto Habitacional Vila</i>	1992
283	<i>Vale das Antas Loteamento Chácaras</i>	1979
284	<i>Vale das Brisas Loteamento Estância</i>	2000 (ano provável)
285	<i>Vale das Laranjeiras Sítios de Recreio</i>	1982
286	<i>Vale do Sol Residencial</i>	-
287	<i>Vale dos Pássaros Condomínio</i>	2010
288	<i>Vale dos Pirineus Residencial</i>	2016
289	<i>Valencia Residencial</i>	2011
290	<i>Veneza Residencial</i>	-
291	<i>Vera Cruz Jardim</i>	1957
292	<i>Verona Residencial</i>	2011
293	<i>Victor Braga Residencial</i>	-
294	<i>Village Anápolis Jardim/ Reverendo Archibald</i>	1975
295	<i>Villa Lobos Condomínio Residencial</i>	2013
296	<i>Virgínia Corrêa Residencial</i>	2000 (ano provável)
297	<i>Vivian Parque 1ª Etapa bairro</i>	1980
298	<i>Vivian Parque 2ª Etapa bairro</i>	-

Segundo a pesquisa realizada, até o momento, a cidade de Anápolis possui em sua totalidade 298 bairros. Alguns desses bairros não foi possível apresentar seu ano de criação, cerca de sessenta e um, isso porque os documentos desses não foram encontrados na Mapoteca da cidade. Nesse departamento se encontram além dos mapas dos bairros, seus respectivos documentos, esses são separados em pastas, sendo que cada bairro possui a sua. Algumas dessas pastas foram digitalizadas, mas a maioria não. Muito da documentação original dos bairros foi perdida devido a um acidente. O lugar onde eles ficavam anteriormente foi alagado.

Os bairros que apresentam as expressões: ‘ano provável’, ‘anterior a’, ‘posterior a’ ou o sinal‘(?)’, são os bairros cujos decretos de aprovação não foram encontrados, ou seja, possuem documentação incompleta. Esses só possuem em suas pastas outros documentos que dão uma ideia do ano de seus surgimentos, por isso o uso daquelas expressões e daquele sinal, pois sem o documento correto não é possível afirmar a sua data de criação.

Mesmo assim foi possível constatar que a década em que mais surgiram bairros em Anápolis foi a década de 50, quarenta e sete bairros surgiram nessa época, talvez não por acaso. A construção de Brasília, na década de 50, pode ter influenciado diretamente na expansão populacional de Anápolis, e por sua vez, na criação de mais loteamentos residenciais na época: “A construção de Brasília representou um marco para a expansão econômica e populacional de Anápolis. [...] Coube a Anápolis ser a base de apoio de construção da capital federal”. (FREITAS, 1995, p. 52).

O bairro mais antigo da lista é o bairro *Jundiaí*, criado em 1944, pela Sociedade Imobiliária de Anápolis Limitada. Em 31 de dezembro de 1943 foi “constituída a Sociedade

Imobiliária de Anápolis Limitada, responsável pelo lançamento do bairro Jundiá e do Banco Imobiliário e Mercantil do Oeste Brasileiro, com capital de empresários locais”. (FREITAS, 1995, p. 27). Em 06 de maio de 1944 teve “início a venda de lotes do bairro Jundiá”. (FREITAS, 1995, p. 28).

A Sociedade Imobiliária de Anápolis foi criada por Jonas Ferreira Alves Duarte, mais conhecido como Jonas Duarte, mas a ideia de criação desse bairro partiu de Odorico da Silva Leão:

A ideia inicial de criação do Bairro Jundiá foi de Odorico da Silva Leão, dono de vasta área de terra naquela região, no ano de 1935, conforme levantamentos dos terrenos, feito pelo agrônomo Manuel Gonçalves da Cruz. Entretanto, somente em 1944, foi que o bairro teve início, quando o empresário Jonas Ferreira Alves Duarte comprou de Odorico Leão aquelas terras e fundou a Sociedade Imobiliária de Anápolis, que consolidou o bairro. (RESENDE, 2007, p. 1953).

Há informações imprecisas da existência de um bairro criado anteriormente. Em 1913 “devido à expansão da cidade, a Intendência Municipal desapropria parte da Fazenda Catingueiro para a construção de um loteamento”. (FREITAS, 1995, p. 24). Porém, o autor não nomeia qual seria esse bairro. Aliás, não consta na lista acima, bairros criados em data anterior a década de 40, talvez por terem mudado de nome e não constarem mais registros. Em contrapartida existem relatos da existência do bairro não regularizado, *Novo Paraíso*, antiga favela Morro do Cachimbo desde a década de 30.

Os bairros Vila dos Oficiais e dos Sargentos da Aeronáutica surgiram da implantação da BAAN (Base Aérea de Anápolis), cuja pista de pouso foi inaugurada em agosto de 1972:

No final da década de 60, o Governo Federal, através do Ministério da Aeronáutica, iniciou estudos para a formação de uma unidade de interceptação aérea, com o objetivo de preservar a soberania do espaço aéreo brasileiro e, especialmente, a região central do País. Com posição geográfica ideal, a cidade de Anápolis foi a escolhida para o projeto. (RESENDE, 2007, p. 1998).

Na época esses dois bairros surgiram em um formato que se popularizou na cidade, somente nos anos 2000, os condomínios fechados. Atualmente são quinze bairros nesse formato onde é visado primordialmente a segurança. Dezessete se consideramos o Residencial *Dijon* e o bairro *Andracel Center*, que teve as ruas de seu bairro fechadas posteriormente.

A respeito das motivações para as nomeações, além da motivação religiosa, que é objeto dessa pesquisa e será esclarecida a seguir, outra chamou atenção, a relacionada ao nome *Calixto*. São oito bairros com esse nome: Jardim *Calixto*, Vila *Calixto Abrão*, bairro *Calixtolândia 1ª etapa*, bairro *Calixtolândia 2ª etapa*, Parque *Calixtópolis 1ª etapa*, Parque

*Calixtópolis 2ª etapa*, bairro Setor Industrial *Munir Calixto* e Vila Popular *Munir Calixto*. A título de curiosidade faz-se necessário saber que o Sr. Munir Calixto foi o proprietário de quatro desses bairros: o Jardim *Calixto*, a Vila *Calixto Abrão*, o Parque *Calixtópolis 1ª etapa* e a Vila Popular *Munir Calixto* e possivelmente ele foi proprietário de mais dois, do Setor Industrial *Munir Calixto* e do bairro *Calixtolândia 1ª etapa*, mas como esses não possuem documentação não se pode afirmar, apenas inferir. Os outros dois: o Parque *Calixtópolis 2ª etapa* e o bairro *Calixtolândia 2ª etapa* foram de propriedade de outras pessoas. No próximo tópico, será respondida o primeiro problema desta pesquisa.

#### 2.4 TOPÔNIMOS DE MOTIVAÇÃO RELIGIOSA: OS HIEROTOPÔNIMOS E OS HAGIOTOPÔNIMOS

Procurando detectar se a influência religiosa transparecida no nome da cidade refletiu no processo de nomeação de outros topônimos da localidade, no caso desta pesquisa, nos nomes dos bairros. Os topônimos analisados serão os de motivação religiosa, ou seja, os Hierotopônimos e os Hagiotopônimos. Essas taxas são pertencentes ao segundo grupo, o de natureza antropocultural, como informado no capítulo 1. Cada bairro abaixo possui uma ficha semelhante a exemplificada no capítulo anterior, e nelas constam informações intra e extralinguísticas dos bairros e seus nomes.

#### QUADRO 3 - FICHA 1 ARCO-ÍRIS

<b>Topônimo:</b> Arco-Íris.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 479.765,00m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Bairro São João, através da Avenida Contorno; Jardim São Paulo, através da Avenida Ferroviária; Santa Clara, através da Avenida Ferroviária; Setor Sul, através de quadras de lotes; Residencial Giovanni Braga, através da Rua 7; Condomínio Vale dos Pássaros -loteamento em fase de aprovação, através de quadras de lotes; área não loteada de propriedade particular, através de quadras de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Residencial.
<b>Ano de loteamento:</b> 1998 (ano provável).
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Grego.
<b>Etimologia:</b> Arco do latim <i>arcus -us</i> ‘porção de uma curva compreendida entre dois pontos’ XVI. (CUNHA, 1982, p. 64) + grego <i>Iris</i> “a apressada, ligeira, veloz”, e mais tarde: “mensageira dos deuses”. (GUÉRIOS, 1994, p. 193).
<b>Histórico:</b> Proprietários: José Antônio de Almeida e Hamilton D’Abadia Batista.

ANÁPOLIS. Mapa do bairro Residencial Arco-Íris. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Monjolo.
<b>Causa da designação:</b> Muitos cristãos acreditam que o arco-íris é o símbolo da aliança que Deus fez com Noé, prometendo não destruir mais a Terra com o dilúvio. “Disse também Deus a Noé e a seus filhos: Eis que estabeleço a minha aliança convosco e com a vossa descendência” (Gn. 9:8-9); “Estabeleço a minha aliança convosco: não será mais destruída toda carne por águas de dilúvio, nem mais haverá dilúvio para destruir a terra. Disse Deus: Este é o sinal da minha aliança que faço entre mim e vós e entre todos os seres vivos que estão conosco, para perpétuas gerações: porei nas nuvens meu arco; será por sinal da aliança entre mim e a terra”. (Gn. 9:11-13). (A BÍBLIA..., 2003, p. 19-20).

#### QUADRO 4 - FICHA 2 BATISTA

<b>Topônimo:</b> Batista.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 188.804,71m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: cortado pela Avenida Brasil, situado entre seus diversos lados pelo loteamento Vila Milmar, através de quadras de lotes; Vila Dona Maria, através de quadras de lotes; Vila Verde, através da Alameda Borela e quadras de lotes; Vila Jussara, através de quadras de lotes e Rua Anhanguera; Córrego Góis, limítrofe à Vila Goiás.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro.
<b>Ano de loteamento:</b> 1956.
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Grego.
<b>Etimologia:</b> do grego <i>Baptistés</i> : “o que batiza”. Cognato de <i>baptízo</i> , “mergulhar, batizar”. Sobrenome de São João, precursor de Jesus Cristo (Lucas 1,13-25). É festejada a 24 de junho a sua natividade. Foi degolado (29-8) por ordem de Herodes. (GUÉRIOS, 1994, p. 84).
<b>Histórico:</b> Proprietária: Noemia Batista.
ANÁPOLIS. Portaria nº 398, de 12 de novembro de 1956. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Córrego de Góis.
<b>Causa da designação:</b> A etimologia da palavra <i>Batista</i> é uma clara referência a João Batista, portanto esse nome por si só é de motivação religiosa. No caso dessa nomeação, a proprietária, possivelmente, utilizou o seu sobrenome como referência para a nomeação.

#### QUADRO 5 - FICHA 3 DOM BOSCO

<b>Topônimo:</b> Dom Bosco.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 78.445,51m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Chácaras Colorado, através da Rua 2; Jardim das Américas 3ª etapa, através da Rodovia BR-414 e Avenida Caraíba; áreas não loteadas de propriedade particular.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> 1958.
<b>Taxionomia:</b> Hagiopônimo.

<b>Origem linguística:</b> Latim + Italiano.
<b>Etimologia:</b> Dom do latim <i>dominu</i> ‘senhor’ (AURÉLIO, 2009, p. 699) + Bosco sobrenome italiano toponímico: “bosque”. Confira São João <i>Bosco</i> . (GUÉRIOS, 1994, p. 94).
<b>Histórico:</b> Proprietário: José Abdala e José Elias Isaac.  ANÁPOLIS, Portaria nº 809, de 27 de maio de 1958. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> Possível referência ao santo italiano, São João Bosco, mais conhecido como <i>Dom Bosco</i> . Fundador da Ordem Salesiana, cuja comemoração é no dia 31 de janeiro. João Bosco nasceu em Becchi, na Itália em 16 de agosto de 1815. Teve uma infância pobre e uma vida humilde, dedicada a caridade e ao ensino de jovens. Dom Bosco faleceu em 31 de janeiro de 1888. Em 1907, foi declarado Venerável pelo Papa Pio X e, em 1934, foi canonizado <sup>1</sup> pelo Papa Pio XI. Ele é padroeiro dos aprendizes, dos meninos, dos trabalhadores e dos estudantes. (SANTOS, 2006, p. 36-37).

#### QUADRO 6 - FICHA 4 DOM EMANUEL

<b>Topônimo:</b> Dom Emanuel.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 79.017,64m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Nova Vila Jaiara, através de quadras de lotes; Adriana Parque, através de quadra de lotes; áreas não loteadas de propriedade particular.  ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Residencial.
<b>Ano de loteamento:</b> 2000.
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Hebraico.
<b>Etimologia:</b> Dom do latim <i>dominu</i> ‘senhor’ (AURÉLIO, 2009, p. 699) + Emanuel hebraico “Deus ( <i>El</i> ) conosco ( <i>emmanu</i> ou <i>imanu</i> )”. – É o nome do Messias (Isaías 7,14; Mateus 1,23). (GUÉRIOS, 1994, p. 143).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Manoel Gomes dos Santos.  ANÁPOLIS, Decreto nº 10.511, de 14 de julho de 2000. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Gomes.
<b>Causa da designação:</b> Possivelmente uma referência ao primeiro arcebispo de Goiás, Dom Emanuel Gomes de Oliveira. O primeiro arcebispo de Goiás tem história em Anápolis. Foi Dom Emanuel o responsável pela solicitação que trouxe os frades franciscanos para a região. A mais importante praça do Bairro Jundiá leva seu nome, em homenagem aos serviços que prestou ao povo anapolino. (PIRES, 2017).

<sup>1</sup> O processo pelo qual a Igreja Católica determina quem é santo chama-se canonização. Um processo de canonização é iniciado somente após pelo menos cinco anos depois de a pessoa ter morrido, quando se instala uma investigação oficial sobre a vida e a obra do candidato a fim de certificar se sua reputação de santidade fundamenta-se na verdade. Somente aqueles canonizados pelo Santo Papa podem ser chamados realmente de santos. A Congregação pelas Causas dos Santos é um dos mistérios da Santa Sé que supervisiona a canonização dos santos. Antigamente, o processo para a canonização era mais extenso e minucioso do que é hoje. [...] Recentemente, o processo de canonização foi bastante agilizado. O papa João Paulo II beatificou e canonizou mais indivíduos do que todos os outros papas juntos do Século XX. (SANTOS, 2006, p. 5-6).

## QUADRO 7 - FICHA 5 DOM FELIPE

<b>Topônimo:</b> Dom Felipe.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 212.89,83m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pela Avenida Souzaia; Córrego Reboleira; áreas não loteadas de propriedade particular.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Residencial.
<b>Ano de loteamento:</b> 2000.
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Grego.
<b>Etimologia:</b> Dom do latim <i>dominu</i> ‘senhor’ (AURELIO, 2009, p. 699) + do grego Philippos, de philos “amigo” e hippos “cavalo”, significa, “amigo ou amante dos cavalos”. Mateus 10:3. (MORAES, 2010, p. 183).
<b>Histórico:</b> Proprietários: Gilberto Pimentel dos Santos e Lêda Rodrigues da Cunha.
ANÁPOLIS, Decreto nº 10.269, de 01 de fevereiro de 2000. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Gomes.
<b>Causa da designação:</b> Como não há uma referência clara, não se sabe se o termo <i>Dom</i> aqui foi utilizado como “Título honorífico atribuído a dignitários revestidos de caráter episcopal” ou como “Título honorífico, sempre seguido do nome de batismo, aplicado a reis, príncipes e nobres de Portugal e da Espanha”. (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2017). Aqui foi mantido como de motivação religiosa.

## QUADRO 8 - FICHA 6 FREI EUSTÁQUIO

<b>Topônimo:</b> Frei Eustáquio.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 15.614,00m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: formado pelas quadras 2-A, 2-B e 2-C, situado entre seus diversos lados pelo loteamento Bairro Frei Eustáquio, através de quadras de lotes; áreas não loteadas de propriedade particular, através de quadras de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Anexo.
<b>Ano de loteamento:</b> -
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Grego.
<b>Etimologia:</b> frei – frade Do latim <i>frater -tris</i> , <b>frei</b> , XIII, <i>frey</i> XIII ‘nome que se dá aos religiosos de certas ordens’ XIII. (CUNHA, 1982, p. 367) + Eustáquio do grego <i>Eústachys</i> : “(cheio, rico) de boas espigas ( <i>stáchys</i> )”, isto é: “que dá bons frutos” (sentido espiritual). É de inspiração cristã (Mateus 7, 17-20). (GUÉRIOS, 1994, p. 148).
<b>Histórico:</b> -
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> Possível referência ao padre Eustáquio, também conhecido como frei Eustáquio (1890-1943), sacerdote holandês que ficou conhecido pelos milagres que realizou em Poá (São Paulo). Padre Eustáquio, chegou ao Brasil em 1925, como um dos três primeiros sacerdotes da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria a atuarem na América Latina, era pároco em Poá (SP). (ALMEIDA, 2015).

## QUADRO 9 - FICHA 7 FREI EUSTÁQUIO

<b>Topônimo:</b> Frei Eustáquio.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 244.684,73m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Vila São Jorge, através da Rua 4, Osvaldo Cruz e quadras de lotes; Bairro Nossa Senhora Aparecida, através de quadra de lotes, Avenida Dr. Luiz de Lima -Avenida Federal; área não loteada de propriedade particular.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro.
<b>Ano de loteamento:</b> 1982.
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Grego.
<b>Etimologia:</b> frei – frade Do latim <i>frater -tris</i> , <b>frei</b> , XIII, frey XIII ‘nome que se dá aos religiosos de certas ordens’ XIII. (CUNHA, 1982, p. 367) + Eustáquio do grego <i>Eústachys</i> : “(cheio, rico) de boas espigas ( <i>stáchys</i> )”, isto é: “que dá bons frutos” (sentido espiritual). É de inspiração cristã (Mateus 7, 17-20). (GUÉRIOS, 1994, p. 148).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Imóveis Globo Ltda.
ANÁPOLIS, Decreto nº 2.689, de 23 de julho de 1982. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Catingueiro.
<b>Causa da designação:</b> Possível referência ao padre Eustáquio, também conhecido como frei Eustáquio, (1890-1943), sacerdote holandês que ficou conhecido pelos milagres que realizou em Poá (São Paulo). Padre Eustáquio, chegou ao Brasil em 1925, como um dos três primeiros sacerdotes da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria a atuarem na América Latina, era pároco em Poá (SP). (ALMEIDA, 2015).

## QUADRO 10 - FICHA 8 JOÃO XXIII

<b>Topônimo:</b> João XXIII.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 37.589,88m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Bairro de Lourdes, através da Avenida Patriarca; Sede da Associação Atlética Anapolina, através de quadras de lotes; Rodovia BR-153, através da Avenida Maestro Joaquim Branco.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> 1991.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Hebraico.
<b>Etimologia:</b> hebraico, <i>Iehohanan</i> , <i>Iohanan</i> : “Javé ( <i>Ieho</i> ) é (cheio) de graças ( <i>hanan</i> )”. Ou “Javé é misericordioso”. Outros: “Javé deu, presenteou”. (GUÉRIOS, 1994, p. 199).
<b>Histórico:</b> O PREFEITO MUNICIPAL DE ANÁPOLIS, no uso de suas atribuições legais [...] DECRETA: Art. 1º - Fica aprovado o loteamento que menciona conforme planta e memorial descritivo, constantes do processo supra, nas condições a seguir especificadas: I- Denominação: Bairro Popular Municipal de Lourdes. II- Proprietário: Município de Anápolis (Prefeitura Municipal de Anápolis).
ANÁPOLIS, Decreto nº 2.969, de 13 de outubro de 1983. In: Mapoteca de Anápolis, 2017.

O PREFEITO MUNICIPAL DE ANÁPOLIS, no uso de suas atribuições legais [...] DECRETA: Art. 1º - Fica aprovado o loteamento que menciona, conforme plantas e memoriais descritivos, constantes do processo supra, nas condições a seguir especificadas:

I- Denominação: Vila João XXIII.

II- Proprietário: Prefeitura Municipal de Anápolis - Município de Anápolis.

ANÁPOLIS, Decreto, de 25 de abril de 1991. In: Mapoteca de Anápolis, 2017.

**Designações anteriores:** Bairro Popular Municipal de Lourdes.

**Causa da designação:** *João XXIII* (1881-1963) foi um Papa santificado. Pontificou entre 1958 e 1963. Conhecido como *Papa João XXIII* ou *São João XXIII*. Responsável por convocar o Concílio Vaticano II, que modernizou a Igreja Católica, e conhecido como o “Papa bom”, o italiano Angelo Giuseppe Roncalli, o Papa João XXIII, foi canonizado no dia 27 de abril de 2014, no Vaticano, tendo apenas um milagre comprovado e aprovado pela Santa Sé, algo não muito frequente nas últimas décadas. A decisão foi tomada pelo Papa Francisco, devido às virtudes e personalidade conhecidas de João XXIII. Pertenceu à Ordem Franciscana Secular. (G1, 2014).

#### QUADRO 11 - FICHA 9 MENINO JESUS

<b>Topônimo:</b> Menino Jesus.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 9.668,00m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Bairro Nossa Senhora Aparecida, através da Rua 3; Vila São João, através da Rua João Pedro Rosa - Rua B; Setor Central, através da Rua Menino Jesus e Firmo de Velasco; Vila São Jorge, através da Rua Menino Jesus.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> -
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> (?) - + Grego.
<b>Etimologia:</b> Menino XIII, <i>menyo</i> XIII, <i>minino</i> XIII etc. Vocábulo de criação expressiva. (CUNHA, 1982, p. 512) + Jesus do grego Iesoûs, forma grecizada do hebraico Yehoshua', significa, “Yahweh é salvação”. Mateus 1:21. (MORAES, 2010, p. 236).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Ormidas Soares de Melo.
ANÁPOLIS, Mapa do bairro Menino Jesus. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> O topônimo nesse caso é transparente não precisa de explicação, uma clara referência a Jesus Cristo.

#### QUADRO 12 - FICHA 10 MONTE SINAI 1ª ETAPA

<b>Topônimo:</b> Monte Sinai 1ª etapa.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 261.754,51m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Bairro Santos Dumont, através da Rodovia BR-414; área remanescente da gleba maior, através da Alameda Aciba Helo Carneiro e Rua 9; área não loteada de propriedade particular, através da Rua Sérgio Carneiro.

ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Residencial.
<b>Ano de loteamento:</b> 2000.
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Hebraico.
<b>Etimologia:</b> Monte do latim <i>mons montis</i> ‘elevação considerável de terreno acima do solo que a rodeia’ (CUNHA, 1982, p. 531) + Sinai do hebraico Siynay, significa, “espinhoso” ou “sarça do Senhor”. Êxodos 19:1. (MORAES, 2010, p. 344).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Monte Sinai Participações Ltda.
ANÁPOLIS, Decreto nº 10.577 de 29 de setembro de 2000. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Capão do Açude.
<b>Causa da designação:</b> Horebe ou Horeb, em hebraico hōrēb, significa “o seco”, “o desolado”, característica apropriada do deserto no qual o monte se localiza. Segundo os estudiosos, o Monte Horebe é também chamado de “Monte Sinai”, nome que os israelitas deram ao “Monte de Deus”, onde Javé apareceu a Moisés e concluiu a sua aliança com Israel, entregando-lhes as “Tábuas da Lei” ou “Dez mandamentos”. (SILVA, 2008, p. 11).

#### QUADRO 13 - FICHA 11 NOSSA SENHORA APARECIDA

<b>Topônimo:</b> Nossa Senhora Aparecida.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 64.307,39m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Vila São João, através das Ruas João Pedro Rosa - Rua B, Mauá e quadras de lotes; Vila Menino Jesus, através da Rua 3; Vila São Jorge, através da Rua Menino Jesus e quadras de lotes; Bairro Frei Eustáquio, através da Avenida Doutor Luiz de Lima - Avenida Federal e quadras de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro.
<b>Ano de loteamento:</b> -
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim + (?).
<b>Etimologia:</b> Nossa do latim <i>noster, nostra, nostrum</i> ‘pertencente a, ou próprio de nós’ (CUNHA, 1982, p. 551) + Senhora do latim <i>senior -oris</i> ‘acepção original proprietário feudal’ ‘dono, patrão’ ‘homem idoso’ (CUNHA, 1982, p. 715) + Aparecida, nome de origem religiosa, da expressão <i>Nossa Senhora da Aparecida</i> . (GUÉRIOS, 1994, p. 68).
<b>Histórico:</b> Proprietária: Ana Pereira Magalhães.
ANÁPOLIS, Mapa do bairro Nossa Senhora Aparecida. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> <i>Nossa Senhora Aparecida</i> , é a forma como Nossa Senhora é carinhosamente chamada no Brasil, país do qual é padroeira. Ela é reverenciada numa estátua de Nossa Senhora da Conceição, vestida com um manto azul todo enfeitado. Ela fica exposta na Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida, interior do Estado de São Paulo. A festa em sua honra é celebrada no dia 12 de outubro, também dia das crianças. Este dia é feriado para os brasileiros desde 1980, quando a basílica foi consagrada por João Paulo II em sua primeira visita ao Brasil. (CRUZ..., 2018).

QUADRO 14 - FICHA 12 NOSSA SENHORA D'ABADIA

<b>Topônimo:</b> Nossa Senhora D'Abadia.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 489.037,74m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Vila Santa Rita, através da Rua Alberico Borges Carvalho; Jardim Gonçalves, através da Avenida Brasil e Rua Engenheiro Portela; Vila Miguel Jorge, Vila Dona Maria, Vila Milmar, Bairro Batista, através da Avenida Belo Horizonte; Vila Góis, através da Rua Augustinho José Rodrigues, Avenida A e quadras de lotes; Jardim Nações Unidas, através da Rua 12 e Córrego das Antas; Setor Sul Jamil Miguel, através da Avenida José Sarney e Rua DHS-1; Jardim Samambaia, através da Rua S-1 remanescente das Chácaras Jonas Duarte, através de quadras de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> 1960.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim + Portuguesa.
<b>Etimologia:</b> Nossa do latim <i>noster, nostra, nostrum</i> 'pertencente a, ou próprio de nós' (CUNHA, 1982, p. 551) + Senhora do latim <i>senior -oris</i> 'acepção original proprietário feudal' 'dono, patrão' 'homem idoso' (CUNHA, 1982, p. 715) + Abadia (d'), sobrenome português Primitivamente referia-se ao vizinho de uma abadia, ou morador de sua paróquia. (GUÉRIOS, 1994, p. 47).
<b>Histórico:</b> Proprietária: Ildefonsina Garcia de Carvalho.
ANÁPOLIS, Portaria nº 513, de 28 de dezembro de 1960. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> <i>Nossa Senhora da Abadia</i> é um dos títulos da Virgem Maria. Esta invocação a Maria também é conhecida como Santa Maria do Bouro, pois se originou no Mosteiro (ou Abadia) do Bouro, próximo à cidade de Braga, em Portugal. (CRUZ..., 2018).

QUADRO 15 - FICHA 13 NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

<b>Topônimo:</b> Nossa Senhora da Conceição – Góis.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 514.167,37m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelos loteamentos Vila Jussara, através das Avenidas Miguel João, Divino Pai Eterno e Belo Horizonte; Bairro Batista, através da Avenida Belo Horizonte; Vila Nossa Senhora D'Abadia, através da Rua Augustinho José Rodrigues, Avenida A, Rua Pedro Álvares Cabral e quadra de lotes; Jardim Nações Unidas, através da Rua 12 e Avenida Contorno; Vilas de Lourdes, Tocantins, Santa Terezinha e Setor Central, através do Córrego das Antas.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> 1950.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo – Antropotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim + Portuguesa – Latim.
<b>Etimologia:</b> Nossa do latim <i>noster, nostra, nostrum</i> 'pertencente a, ou próprio de nós' (CUNHA, 1982, p. 551) + Senhora do latim <i>senior -oris</i> 'acepção original proprietário feudal' 'dono, patrão' 'homem idoso' (CUNHA, 1982, p. 715) + Conceição (da),

português, de origem cristã: Nossa Senhora da ou Imaculada Conceição. (GUÉRIOS, 1994, p. 120).
Goes, ou Góis, sobrenome português toponímico, do latim * <i>Goici</i> , patronímico de <i>Goius</i> , latinização do germânico <i>Goia</i> , talvez “região, distrito, comarca; compare visigótico: <i>Goisendo</i> : “caminho ou companheiro da região”. – Os Goes “procedem de D. Anião de Estrada, um dos companheiros do Conde D. Henrique, natural de Astúrias, foi Senhor de Goes, que se uniu por casamento aos Silveiras, ... Em português arcaico <i>Gooes</i> ”. (GUÉRIOS, 1994, p. 173).
<b>Histórico:</b> A FIRMA LOUZA & OLIVEIRA LTDA [...] A petionária é proprietária do loteamento denominado Vila Nossa Senhora da Conceição, antiga VILA GÓIS, desta cidade, devidamente aprovado pela Prefeitura Municipal de Anápolis conforme processo nº 0597, de 11 de abril de 1950.
ANÁPOLIS, Documento, de 11 de agosto de 1959. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
Vila Góis, também conhecida por Vila Nossa Senhora da Conceição.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> O nome <i>Nossa Senhora da Conceição</i> ou <i>Imaculada Conceição</i> é outra referência à virgem Maria, aliado ao dogma de ter sido ela uma mulher imaculada, sem o pecado original. (CRUZ..., 2018). Já o nome <i>Góis</i> possivelmente é uma referência a um dos nomes que a região de Anápolis recebeu nos tempos em que ainda era um povoado.

#### QUADRO 16 - FICHA 14 NOVA ALIANÇA

<b>Topônimo:</b> Nova Aliança.
<b>Localização:</b> -
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Conjunto Residencial.
<b>Ano de loteamento:</b> 2009.
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim.
<b>Etimologia:</b> Nova do latim <i>novus -a</i> ‘moço, jovem’ (CUNHA, 1982, p. 552) + Aliança derivado do verbo Aliar do latim <i>alligare</i> ‘reunir, juntar, associar’. (CUNHA, 1982, p. 31).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Excel Construtora e Incorporadora Ltda.
ANÁPOLIS, Decreto <i>online</i> , 2009.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Extrema.
<b>Causa da designação:</b> Para os cristãos a <i>Nova Aliança</i> é superior e eterna, da qual Cristo é o mediador entre Deus e os seres humanos. A nova aliança proporciona perdão de todos pecados. “E de fato, repreendendo-os diz: Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá”. (Hb 8:8). “Pois, para com as suas iniquidades, usarei de misericórdia e dos seus pecados jamais me lembrarei”. (Hb 8:12). (A BÍBLIA..., 2003, p. 1566).

## QUADRO 17 - FICHA 15 NOVO PARAÍSO

<b>Topônimo:</b> Novo Paraíso (Loteamento não regularizado).
<b>Localização:</b> área total: 379.582 m <sup>2</sup> , perímetro: 3.435 m, limites e confrontações: faz divisa com o Bairro Paraíso, Jardim Calixto e Bairro Manoel Domingues. (SHIAKU, 2012).
<b>Elemento Genérico:</b> bairro.
<b>Ano de loteamento:</b> Surgiu entre as décadas de 30 e 40 de forma irregular.
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Persa.
<b>Etimologia:</b> Nova do latim <i>novus -a</i> ‘moço, jovem’ (CUNHA, 1982, p. 552) + Paraíso do latim <i>paradisus -i</i> , derivado do grego <i>parádeisos</i> e, este, do persa <i>pairidaeza</i> . (CUNHA, 1982, p. 580). Paraíso do persa, significa, “jardim, parque, jardim cercado de muros, parque formoso ou belo”; do grego, Parádeisos, significa, “parque, reserva, jardim fechado”. II Coríntios 12:4. (MORAES, 2010, p. 297).
<b>Histórico:</b> Moradores da Invasão do Morro do Cachimbo, cognominado G.A.M.A. “Grupo Anapolino Mão Amiga”, requer à Prefeitura Municipal, seja determinado o levantamento topográfico, urbanização e doação dos lotes com as respectivas casas, para seus ocupantes.  ANÁPOLIS, Proc. 10979, de 07 de junho de 1984. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.  O bairro Novo Paraíso se encontra na cidade de Anápolis - GO e se localiza no limite do perímetro urbano na extremidade oeste da cidade. Os bairros periféricos das cidades apresentam características peculiares, mostram um crescimento espontâneo e na maioria das vezes são desconsiderados pelos municípios. (SHIAKU, 2012).  O bairro Novo Paraíso se originou a partir da década de 1940 e apresenta um traçado muito irregular. (SHIAKU, 2012).  Dentre as áreas que apresentam [...] problemas e baixa qualidade físico-espacial podemos citar o Bairro Novo Paraíso, antiga Favela Morro do Cachimbo; área que se encontra no extremo oeste de Anápolis e que até pouco tempo se encontrava fora do perímetro urbano. (SHIAKU, 2012).  O estudo de caso feito na pesquisa é do Bairro Novo Paraíso em Anápolis (GO), que está situado a 1.500 metros do setor central, posicionado no encontro dos bairros Paraíso SS e Vila São Joaquim a sudoeste da cidade. A formação do aglomerado se inicia na década de 1930. (BORGES, 2015, p. 12).
<b>Designações anteriores:</b> Favela Morro do Cachimbo; Fazenda Lagoa Formosa.
<b>Causa da designação:</b> O termo <i>Paraíso</i> é uma referência bíblica: “Se é necessário que me glorie, ainda que não convém, passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu”. (2Co 12:1-2). “foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir.” (2Co 12:4). (A BÍBLIA..., 2003, p. 1476). Já o termo <i>Novo</i> , possivelmente vem do fato de já existir outro bairro com o nome de <i>Paraíso</i> e esse ser circunvizinho ao bairro analisado.

## QUADRO 18 - FICHA 16 OLIVEIRAS

<b>Topônimo:</b> Oliveiras.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 210.533,98m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Jardim Silveira e Vila Calixto, através do Córrego Catingueiro; Avenida Goiás, limítrofe às Empresas de Cerâmica; Loteamentos Residenciais Itália e Rio Jordão, em fase de aprovação, através da Avenida Benvindo Machado; áreas não loteadas de propriedade particular, através da Avenida Benvindo Machado e quadras de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Jardim das.
<b>Ano de loteamento:</b> 1980.
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Hebraico.
<b>Etimologia:</b> do hebraico, Zayit, significado, “azeitona, oliveira, ou agradável”. Gênesis 8:11. (MORAES, 2010, p. 290).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Olímpio de Oliveira.
ANÁPOLIS, Decreto 2.395, de 09 de outubro de 1980. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Catingueiro.
<b>Causa da designação:</b> O Jardim das Oliveiras ou Jardim do Getsêmani em Jerusalém. O Getsêmani (português brasileiro) ou Jardim do Getsémani (português europeu) (em grego: Γεθσημανή, transl. Gesthēmani; em hebraico: גַּת שְׁמָנִים, transl. Gat Shmanim, do aramaico גַּת שְׁמָנֵ, Gat Shmānê, é literalmente "prensa de azeite"), hoje é conhecido como um jardim situado na parte baixa do Monte das Oliveiras em Jerusalém, Israel. Este é local onde acredita-se que Jesus e seus discípulos tenham orado na noite anterior à crucificação de Jesus. De acordo com o Evangelho segundo Lucas, o sofrimento e angústia de Jesus no Getsêmani foi tão profunda que "seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão. Neste local Yeshua teria sido entre por Judas Escariotes aos soldados romanos e oficiais do sinédrio para ser julgado e condenado simplesmente por fazer milagres no Sábado e se declarar o Filho do Eterno. Getsêmani apareceu no original grego dos Evangelhos (Mateus 26:36 e Marcos 14:32) como Γεθσημανι (Gethsēmani), nome derivado do aramaico גַּת שְׁמָנֵ (Gat-Shmānê), que significa "prensa de azeite". Em Marcos, ele é chamado de chorion, "lugar" ou "propriedade"; já em João 18:1, ele aparece como um kepos, "horto" ou "jardim". (CAFÉTORAH, 2018).

## QUADRO 19 - FICHA 17 PARAÍSO “SS”1ª ETAPA

<b>Topônimo:</b> Paraíso “SS” 1ª etapa.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 614.492,88m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Bairro Paraíso 2ª etapa, através da Avenida Benedito Faleiro da Silva; Vila Mariana, através das Avenidas Nordeste, Osvaldo Cruz, Rio Grande e quadras de lotes; Jardim Calixto, através da Rua do Prefeito e quadras de lotes; Bairro Novo Paraíso, através da Rua Campo Belo e quadras de lote; Avenida Pedro Ludovico, limítrofe a área não loteada; área não loteada de propriedade particular, através de quadra de lotes e área pública.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.

<b>Elemento Genérico:</b> bairro.
<b>Ano de loteamento:</b> 1960.
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Persa.
<b>Etimologia:</b> Paraíso do latim <i>paradisus</i> -i, derivado do grego <i>parádeisos</i> e, este, do persa <i>pairidaeza</i> . (CUNHA, 1982, p. 580). Paraíso do persa, significa, “jardim, parque, jardim cercado de muros, parque formoso ou belo”; do grego, Parádeisos, significa, “parque, reserva, jardim fechado”. II Coríntios 12:4. (MORAES, 2010, p. 297).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Sebastião Silva.  ANÁPOLIS, Portaria 516, de 30 de dezembro de 1960. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> O termo <i>Paraíso</i> é uma referência bíblica: “Se é necessário que me glorie, ainda que não convém, passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu”. (2Co 12:1-2). “foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir.” (2Co 12:4). (A BÍBLIA..., 2003, p. 1476). Já as letras “SS” possivelmente fazem referência a Sebastião Silva, proprietário do bairro <i>Paraíso 1ª etapa</i> , embora elas apareçam apenas nos documentos originais.

#### QUADRO 20 - FICHA 18 PARAÍSO “SS” 2ª ETAPA

<b>Topônimo:</b> Paraíso “SS” 2ª etapa.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 71.995,00m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Bairro Paraíso 1ª etapa, através da Avenida Benedito Faleiro da Silva; Vila Mariana, através da Avenida Faleiro da Silva; Cemitério Parque, através de via pública; Avenida Pedro Ludovico, limítrofe à área não loteada de propriedade particular, através de quadra de lotes e área pública.  ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro.
<b>Ano de loteamento:</b> 1996.
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Persa.
<b>Etimologia:</b> Paraíso do latim <i>paradisus</i> -i, derivado do grego <i>parádeisos</i> e, este, do persa <i>pairidaeza</i> . (CUNHA, 1982, p. 580). Paraíso do persa, significa, “jardim, parque, jardim cercado de muros, parque formoso ou belo”; do grego, Parádeisos, significa, “parque, reserva, jardim fechado”. II Coríntios 12:4. (MORAES, 2010, p. 297).
<b>Histórico:</b> Proprietário: JR Empreendimentos Imobiliários Ltda.  ANÁPOLIS, Mapa do bairro Paraíso SS 2ª etapa. In: Mapoteca de Anápolis, 2015.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Malacachêta.
<b>Causa da designação:</b> O termo <i>Paraíso</i> é uma referência bíblica: “Se é necessário que me glorie, ainda que não convém, passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu”. (2Co 12:1-2). “foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir.” (2Co 12:4). (A BÍBLIA..., 2003, p. 1476). Já as letras “SS” possivelmente fazem referência a Sebastião Silva, proprietário do bairro <i>Paraíso 1ª etapa</i> , embora elas apareçam apenas nos documentos originais.

## QUADRO 21 - FICHA 19 PROMISSÃO

<b>Topônimo:</b> Promissão.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 1.112.750,00m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: loteamento caracterizado por quadra de lotes residenciais e chácaras de recreio, cortado pela Rodovia BR 414, situado entre seus diversos lados por áreas não loteadas, através de quadras de lotes e vias públicas; Córrego Capão do Meio, limítrofe a áreas de propriedade particular.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Jardim.
<b>Ano de loteamento:</b> 1955.
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim.
<b>Etimologia:</b> Promissão do latim <i>promissio -onis</i> ‘promessa’ (CUNHA, 1982, p. 639).
<b>Histórico:</b> Proprietários: Leek Bowen e Joan Lowel Bowen.
ANÁPOLIS, Portaria 131, de 12 de outubro de 1955. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Godoi ou Olaria.
<b>Causa da designação:</b> O termo <i>Promissão</i> significa ato ou efeito de prometer. Ação muito usada por fiéis a fim de se conquistar uma graça.

## QUADRO 22 - FICHA 20 REVERENDO ARCHIBALD

<b>Topônimo:</b> Reverendo Archibald - Mirage - Village Anápolis.
<b>Localização:</b> MIRRAGE – JARDIM, REVERENDO ARCHIBALD, área total do perímetro: 179.217,89m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Village Jardim Anápolis, através da Rua Jaguaribe; Parque Iracema, através da Avenida Nossa Senhora Aparecida e quadras de lotes; Jardim Alexandrina, através da Avenida Valdomiro Correa Melo -Avenida 24 de agosto; Jardim Progresso, através da Avenida Dona Eva Esteves da Fonseca -Avenida 10.
VILLAGE ANÁPOLIS – JARDIM, REVERENDO ARCHIBALD, área total do perímetro: 226.772,95m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo Loteamento Parque Iracema, através da Rua 12; Jardim Mirage, através da Rua Jaguaribe; Jardim Progresso, através da Avenida Dona Eva Esteves da Fonseca -Avenida 10; Rodovia BR153, através da Rua Tupi.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro (?) - Conjunto/Jardim - Jardim.
<b>Ano de loteamento:</b> 1975.
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo - (?) – Poliotopônimo + Corotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + (?) - (?) - Latim + Hebraico + Grego.
<b>Etimologia:</b> Reverendo do latim <i>reverendus</i> ‘reverência’ ‘respeito, marcado pelo temor, às coisas sagradas’. (CUNHA, 1982, p. 683). + Archibald (etimologia não encontrada).
Mirage (etimologia não encontrada).
Village possivelmente é uma palavra derivada do termo vila do latim <i>villa</i> ‘povoação, cidade’ (CUNHA, 1982, p. 822). Village em francês significa “aldeia, lugar, cidadezinha,

vilarejo” (MAROTE, 2009, p. 346) + Anápolis junção de Ana do hebraico <i>Hanah</i> , <i>Hannah</i> : “graça, clemência, mercê”. Outra forma: Anna. (GUÉRIOS, 1994, p. 65) + a palavra grega polis ‘cidade’.
<b>Histórico:</b> Proprietário: Gilbert Wesley Archibald.
ANÁPOLIS, Portaria 205, de 20 de novembro de 1975. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> O termo <i>Reverendo Archibald</i> é uma possível homenagem ao Reverendo Arthur Wesley Archibald, um dos fundadores da Associação Educativa Evangélica – AEE mantenedora da UniEVANGÉLICA e do Colégio Couto Magalhães. (BALANÇO..., 2011). Tal Reverendo, possivelmente, era um parente próximo do proprietário do loteamento, Gilbert Wesley Archibald, pois ambos têm os mesmos sobrenomes.

### QUADRO 23 - FICHA 21 RIO JORDÃO

<b>Topônimo:</b> Rio Jordão.
<b>Localização:</b> área de 192.208,57 m <sup>2</sup> dentro dos seguintes limites e confrontações: inicia-se no ponto do lado direito do Córrego Catingueiro e dividindo com Rosângela de Souza França e Outro; daí, segue com os azimutes de 68°31’25” – 55,20 m, 67°45’12” – 119,22m, 67°40’12” – 72,03m, 67°14’136” – 33,33m, 66°47’32” – 196,05m até encontrar outro ponto do lado Direito da Avenida Professor Benvindo Machado sentido Anápolis e segue confrontando com a citada Avenida Professor Benvindo Machado num desenvolvimento de 312,05m até outro ponto dividindo com Jardim Suíço; daí, na mesma confrontação segue a direita com os azimutes e distâncias de 205°34’36” – 121,41m, 206°10’52” – 12,00m, 195°36’22” – 34,51m, 216°47’27” – 74,35, 192°04’24” – 64,26m, 184°30’19” – 58,93m até encontrar o Córrego Catingueiro; daí segue o referido Córrego abaixo numa distância de 719,83m até encontrar o ponto onde iniciou-se a descrição deste perímetro”.
ANÁPOLIS, Decreto 33. 846, de 04 de maio de 2012. In: Diário Oficial Município de Anápolis, de 07 de maio de 2012.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Residencial.
<b>Ano de loteamento:</b> 2012.
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim +Hebraico.
<b>Etimologia:</b> Rio do latim <i>rivus -i</i> ‘curso de água natural’ (CUNHA, 1982, p. 686) + Jordão do hebraico, <i>Iordan</i> : “o rio”, ou “o que desce”. (GUÉRIOS, 1994, p. 200).
<b>Histórico:</b> Proprietários: Lírios do Campo Empreendimentos Imobiliários Ltda.
ANÁPOLIS, Decreto 33. 846, de 04 de maio de 2012. In: Diário Oficial Município de Anápolis, de 07 de maio de 2012.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Catingueiro.
<b>Causa da designação:</b> Nome de um rio da Palestina, famoso nas Sagradas Escrituras. (GUÉRIOS, 1994, p. 200).

### QUADRO 24 - FICHA 22 SANTA CECÍLIA

<b>Topônimo:</b> Santa Cecília.
---------------------------------

<b>Localização:</b> Setor Sul; área total do perímetro: 145.062,36m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Vila São Joaquim, através da Rua Antônio Sabino; Residencial das Brisas, em fase de aprovação, através da Rua Antônio Sabino; Rodovia GO-222, através de rua paralela.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Jardim.
<b>Ano de loteamento:</b> 1988 (ano possível).
<b>Taxionomia:</b> Hagiopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Cecília latim <i>Caecilia</i> : “ceguinha”, diminutivo de <i>caeca</i> , “cega”. Provavelmente o nome romano provenha de uma família, com algum antepassado cego. (GUÉRIOS, 1994, p. 113).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Romeu Rodrigues Carneiro.
ANÁPOLIS, Relação de lotes do Jardim Santa Cecília. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> Santa (200 d.C. - 230 d.C.) de origem italiana, padroeira dos músicos e instrumentistas. Comemoração: 22 de novembro. <i>Santa Cecília</i> tem sido venerada pela Igreja Católica há mais de mil anos. Uma antiga tradição diz que ela pertencia a uma das principais famílias de Roma, que costumava vestir uma túnica de tecido muito áspero e que havia consagrado sua virgindade a Deus. Cecília foi presa e incitada a renegar sua fé, mas ela declarou que preferia morrer a renegar sua verdadeira religião. Então, foi levada a um forno quente para ser sufocada com os terríveis gases que saíam dali, mas, em vez de asfixiar-se, ela cantava. Por isso, é considerada a patrona dos músicos. Vendo que tal martírio não acabaria com ela, mandaram cortar-lhe a cabeça. (SANTOS, 2006, p. 18-19).

#### QUADRO 25 - FICHA 23 SANTA CLARA

<b>Topônimo:</b> Santa Clara.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 185.203,52m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Jardim São Paulo, através de quadras de lotes; Jardim Diana, através da Rua Cachoeira Dourada e áreas públicas; Jardim Arco Verde, através da Avenida Contorno e quadras de lotes; desmembramento de lotes, através de quadras de lotes, limítrofe à Rodovia BR-153; Motel Lility, através da Rua S-6 e Rua SC-7; faixa de domínio da Rede Ferroviária Federal - invasão, através de quadras de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Setor.
<b>Ano de loteamento:</b> 1998 (ano provável).
<b>Taxionomia:</b> Hagiopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Claro, -A, latim <i>Clarus</i> ; “claro, ilustre, brilhante”. (GUÉRIOS, 1994, p. 117).
<b>Histórico:</b> Proprietário: CEL – Engenharia Ltda.
ANÁPOLIS, Mapa do bairro Setor Santa Clara. In: Mapoteca de Anápolis, 2015.
<b>Designações anteriores:</b> -

**Causa da designação:** Santa de origem italiana, conhecida também por *Santa Clara de Assis*, padroeira da televisão. Fundadora do ramo feminino da Ordem Franciscana. Comemoração: 11 de agosto. Santa Clara nasceu em Assis, Itália, em 1193. Muito bonita e de família nobre, desde cedo destacou-se pela sua caridade e respeito para com os mais humildes. Por isso, ao deparar-se com a pobreza evangélica vivida por Francisco de Assis, teve o irresistível impulso religioso de segui-lo, mesmo sob oposição da família. E assim, aos 18 anos de idade, Clara abandonou seu lar para seguir Jesus. Foi então ao encontro de São Francisco de Assis, na Porciúncula, e fundou o ramo feminino da Ordem Franciscana, também conhecido como Ordem das Damas Pobres ou Clarissas. Viveu na mais estrita pobreza e morreu em 1253. (SANTOS, 2006. p. 21).

#### QUADRO 26 - FICHA 24 SANTA CRUZ

<b>Topônimo:</b> Santa Cruz.
<b>Localização:</b> -
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Residencial.
<b>Ano de loteamento:</b> 2015.
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Cruz do latim <i>crux crucis</i> ‘antigo instrumento de suplício, constituído por dois madeiros, um atravessado no outro, em que se amarravam ou pregavam os condenados à morte’ (GUÉRIOS, 1994, p. 231).
<b>Histórico:</b> Proprietário: SPE – Residencial Santa Cruz LTDA / Grupo Confiança.  ANÁPOLIS, Decreto 40.404, de 29 de dezembro de 2016. In: Diário Oficial Município de Anápolis, de 29 de dezembro de 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Boa Vista ou Capão do Pena.
<b>Causa da designação:</b> Os termos ‘santa’ e ‘cruz’ são transparentes, não requerem explicação. Os dois são relacionados a diferentes doutrinas religiosas.

#### QUADRO 27 - FICHA 25 SANTA HELENA

<b>Topônimo:</b> Santa Helena.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 7.184,00m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Bairro Bom Sucesso, através das Ruas 2 e Cuiabá, e quadras de lotes; Anexo Bom Sucesso, através da Rua Dom Bosco e quadras de lotes; Setor Central, através de quadras de lotes.  ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Geográfico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> 1951.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Grego.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Helena grego <i>Heléne</i> , o mesmo que Selene. Há quem o aproxime do grego <i>hélios</i> “sol”. (GUÉRIOS, 1994, p. 183).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Lazaro Francisco de Carvalho.  ANÁPOLIS, Portaria nº 135, de 10 de dezembro de 1951. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> <i>Santa Helena</i> (c. 250-330). Mãe do imperador Constantino. Convertida ao cristianismo em 312, quando tinha 60 anos. Vida de grande retidão e bondade desde a infância, sua modéstia no vestir, sua generosidade e entrega aos pobres e à Igreja eram de todos conhecidas. Morreu em 330 durante sua estada em Jerusalém, onde fora visitar os Santos Lugares e adorar a Cruz do Senhor, que ela havia contribuído para descobrir. A arte perpetuou esse fato em inúmeros quadros e relevos. Festa, 18 de agosto. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 98).

QUADRO 28 - FICHA 26 SANTA ISABEL 1ª ETAPA

<b>Topônimo:</b> Santa Isabel 1ª etapa.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 490.584,93m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Cidade Universitária, através da Rua Professor Alarico; Bairro Boa Vista, através da Avenida Augusto Pinto Pereira - Avenida Palestina; Bairro Cidade Jardim, através da Travessa 1; Jardim Bandeirante, através da Rua Costa e Silva; Parque dos Eucaliptos, através da Avenida Universitária; Vila Santa Isabel 2ª Etapa, através da Avenida Universitária; Bairro Antônio Fernandes, através da Avenida Universitária; Residencial Araújoville, através da Avenida Universitária; Vila dos Oficiais da Aeronáutica, através da Avenida Universitária; Anashoping, através da Avenida Universitária.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Geográfico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> 1950.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Hebraico.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Isabel do hebraico Elishaba ‘, significa, “juramento de Deus, Deus é fiel ou Deus é juramento, Deus é meu juramento”. (MORAES, 2010, p. 220) Outros fazem-no provir do hebraico <i>Izebel</i> : “casta”. (GUÉRIOS, 1994, p. 193).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Antônio Fernandes Rio.
ANÁPOLIS. Documento, de 16 de julho de 1959. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Brejo Grande.
<b>Causa da designação:</b> <i>Santa Isabel</i> pode ser uma referência a Santa Isabel da Hungria, padroeira da Ordem Franciscana Secular/ Ordem Terceira Franciscana ou Santa Isabel de Portugal, patrona da Paz. (CERVI, 1997, p. 38). Santa Isabel de Portugal nasceu em 11 de fevereiro de 1270, em Saragosa e aos 12 anos casou-se com D. Dinis, rei de Portugal. Ela era filha de Pedro III, rei de Aragão, e recebeu esse nome em homenagem à sua tia, Santa Isabel da Hungria, que anos antes fora canonizada e de quem esperavam que ela herdasse a bondade e a santidade. Educada em família religiosa, Isabel seguia com rigor os preceitos da Igreja. Muito caridosa, contribuía com os conventos do reino, principalmente com o de Santa Clara. Faleceu em 4 de julho de 1336 e foi canonizada pelo Papa Urbano VIII no dia 25 de maio de 1625. (SANTOS, 2006, p. 33-34).

QUADRO 29 - FICHA 27 SANTA ISABEL 2ª ETAPA

<b>Topônimo:</b> Santa Isabel 2ª etapa.
---

<b>Localização:</b> área total do perímetro: 53.287,00m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Vila Santa Isabel 1ª Etapa, através da Avenida Universitária; Bairro Antônio Fernandes, através de quadras de lotes; Parque dos Eucaliptos, através da Rua Célio Vieira e quadras de lotes; Córrego dos Cesários.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Geográfico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> 1973 (ano provável).
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Hebraico.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Isabel do hebraico Elishaba ‘, significa, “juramento de Deus, Deus é fiel ou Deus é juramento, Deus é meu juramento”. (MORAES, 2010, p. 220) Outros fazem-no provir do hebraico <i>Izebel</i> : “casta”. (GUÉRIOS, 1994, p. 193).
<b>Histórico:</b> Alexandrina Fernandes Avelar.
ANÁPOLIS, Mapa do bairro Vila Santa Isabel 2ª etapa. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> <i>Santa Isabel</i> pode ser uma referência a Santa Isabel da Hungria, padroeira da Ordem Franciscana Secular/ Ordem Terceira Franciscana ou Santa Isabel de Portugal, patrona da Paz. (CERVI, 1997, p. 38). Santa Isabel de Portugal nasceu em 11 de fevereiro de 1270, em Saragosa e aos 12 anos casou-se com D. Dinis, rei de Portugal. Ela era filha de Pedro III, rei de Aragão, e recebeu esse nome em homenagem à sua tia, Santa Isabel da Hungria, que anos antes fora canonizada e de quem esperavam que ela herdasse a bondade e a santidade. Educada em família religiosa, Isabel seguia com rigor os preceitos da Igreja. Muito caridosa, contribuía com os conventos do reino, principalmente com o de Santa Clara. Faleceu em 4 de julho de 1336 e foi canonizada pelo Papa Urbano VIII no dia 25 de maio de 1625. (SANTOS, 2006, p. 33-34).

### QUADRO 30 - FICHA 28 SANTA MARIA

<b>Topônimo:</b> Santa Maria.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 216.988,13m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Vila São Jorge, através da Avenida Doutor Luiz de Lima -Avenida Federal e quadras de lotes; Setor Central, através da Avenida Doutor Luiz de Lima -Avenida Federal, Rua Quintino Bocaiúva e quadras de lotes; Vila Brasil, através de quadras de lotes e afluente do Córrego Catingueiro; área não loteada de propriedade particular, através de quadra de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Geográfico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> 1951.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Língua semítica entre outros étimos.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Maria de uma língua semítica: “senhora” (?). São muitos os étimos propostos. Correspondentes: hebraico <i>Miryám</i> ; árabe e etíope <i>Maryam</i> . Do mesmo radical do siríaco <i>Marta</i> ? Segundo o Pe E. Vogt, <i>Maria</i> é adaptação grega de <i>Maryám</i> , antiga forma hebraica, que significa

“excelsa, sublime”, do ugarítico. Para F. Zorell, do egípcio “predileta de Javé”. (GUÉRIOS, 1994, p. 227).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Maria Gomes de Paula.
ANÁPOLIS, Certidão, de 15 de setembro de 1955. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> A Encíclica “Marialis cultus” coloca a solenidade de Maria, Mãe de Deus, no dia 1º de janeiro. “Está destinada a celebrar a missão que teve Maria no mistério da salvação e a exaltar a singular dignidade de que gozou a Mãe Santa pela qual merecemos o autor da vida” (MC, 5). O culto à Mãe de Deus em forma de solenidade e festa o encontramos já nos primeiros séculos da Igreja na liturgia bizantina da <i>Santíssima Theotokos</i> (Mãe de Deus). A partir do s. V aparece já em Milão, na Gália e na Espanha com diferentes datas. Um pouco mais tarde aparece em Roma, onde se celebrava em 1º de janeiro. A nova reforma estabeleceu o uso original da Igreja de Roma, com esta festa e solenidade da Mãe de Deus, tal como se proclamou em Éfeso (325), por ser Mãe de Jesus. É também mãe da Igreja e de todos os homens. Coincidentemente com a festa, celebra-se o Dia mundial da Paz, um bom augúrio para o ano que começa. Festa, 1º de janeiro. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 159).

#### QUADRO 31 - FICHA 29 SANTA MARIA DE NAZARÉ

<b>Topônimo:</b> Santa Maria de Nazaré.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 780.772,38m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Bairro Jundiaí, através da Avenida Mato Grosso e quadras de lotes; faixa de domínio da Rede Ferroviária, lotes legalizados, através da Rua Jorge Miguel; Córrego das Antas e Água Fria, através de quadras de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Geográfico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> 1951.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Língua semítica entre outros étimos + Hebraico.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Maria de uma língua semítica: “senhora” (?). São muitos os étimos propostos. Correspondentes: hebraico <i>Miryám</i> ; árabe e etíope <i>Maryam</i> . Do mesmo radical do siríaco <i>Marta</i> ? Segundo o Pe E. Vogt, <i>Maria</i> é adaptação grega de <i>Maryám</i> , antiga forma hebraica, que significa “excelsa, sublime”, do ugarítico. Para F. Zorell, do egípcio “predileta de Javé”. (GUÉRIOS, 1994, p. 227) + Nazaré do hebraico Netsaret, significa, “o que é guardado”, “guarda”, ou “a florida, verde, verdejante”. Mateus 2:23 (MORAES, 2010, p. 282)
<b>Histórico:</b> Proprietário: Odorico da Silva Leão.
ANÁPOLIS, Documento, 4 de junho de 1951. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> Nazaré (de), nome de origem cristã; usado com o nome <i>Maria</i> : <i>Maria de Nazaré</i> , da invocação – Virgem ou Senhora de Nazaré. (GUÉRIOS, 1994, p. 246). Mais uma referência a mãe de Jesus.

## QUADRO 32 - FICHA 30 SANTA RITA

<b>Topônimo:</b> Santa Rita.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 18.580,56m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Chácara Jonas Duarte, através de quadras de lotes; Vila Nossa Senhora D'Abadia, através da Rua Alberico Borges Carvalho; Jardim Gonçalves, através da Avenida Brasil e Engenheiro Portela.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Geográfico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> 1951.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Italiano.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Rita hipocorístico abreviatura italiana de <i>Margherita</i> . Difundido graças a Santa Rita de Cascia, Itália, celebração litúrgica 22-5. (GUÉRIOS, 1994, p. 283).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Raimundo de Oliveira Castro.
ANÁPOLIS, Portaria nº 117, de 07 de novembro de 1951. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> Possível referência a <i>Santa Rita de Cássia</i> , padroeira das causas impossíveis, cuja comemoração é em 22 de maio. Desde de criança Santa Rita queria ser freira. Por obediência a seus pais, casou-se aos 12 anos de idade com um homem violento, infiel e fanfarrão que, depois de 18 anos de casamento foi assassinado. Os dois filhos do casal morreram na tentativa de vingar a morte do pai. Sozinha no mundo, ela quis entrar para o convento agostiniano de Santa Maria Madalena, em Cássia, e inicialmente não foi aceita por ser viúva. Mas acabou sendo admitida e foi exemplo de vida religiosa. Santa Rita faleceu de tuberculose no dia 22 de maio de 1457 e foi beatificada em 1626 pelo Papa Urbano VIII. Foi canonizada em 24 de maio de 1900 por Leão XII. (SANTOS, 2006, p. 52-53).

## QUADRO 33 - FICHA 31 SANTA ROSA

<b>Topônimo:</b> Santa Rosa.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 36.488,65m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Jardim Gonçalves, através de quadras de lotes; Jardim Ana Paula, através das Ruas Alfredo Jacomossi - Pérola e Monteiro Lobato; Santo André, através da Rua Bela Vista.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Geográfico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> 1955.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Rosa latim <i>rosa</i> . – Difundido graças a Santa Rosa de Viterbo (século XIII), celebração litúrgica 5-9, e a Santa Rosa de Lima (1586-1617). (GUÉRIOS, 1994, p. 287).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Francisco Vieira de Farias.
ANÁPOLIS, Portaria nº 130, de 12 de outubro de 1955. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Gois ou Monjolo.
<b>Causa da designação:</b> Pode ser uma referência tanto a <i>Santa Rosa de Viterbo</i> quanto a <i>Santa Rosa de Lima</i> . Essa última foi a primeira santa americana e padroeira principal da América e das Filipinas, nasceu em Lima (Peru) de pais espanhóis em 1586. Seu nome de batismo era Isabel Flores e de Oliva. Morreu em Lima em 24 de agosto de 1617. Canonizada em 1617. Festa, 23 de agosto. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 225).

#### QUADRO 34 - FICHA 32 SANTA TEREZINHA

<b>Topônimo:</b> Santa Terezinha.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 160.616,21m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Setor Central, através da Avenida Pedro Ludovico, Engenheiro Portela e quadras de lotes; Vila Góis, através do Córrego das Antas.  ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Geográfico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> 1955 (ano provável).
<b>Taxionomia:</b> Hagiopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Terezinha diminutivo de Teresa, o nome aparece, pela primeira vez, na Espanha, onde uma mocinha grega, por ter nascido na ilha de <i>Therasía</i> (Egeu), foi chamada, em latim <i>Therasia</i> (ou <i>Theresia</i> ), e após convertida ao Cristianismo, em Barcelona, foi esposa de Paulino de Nola, em 390, o qual, mais tarde, veio a ser sacerdote, e bispo em 410. – Do latim <i>Theresia</i> o português <i>T(h)eresa</i> . O arcaico <i>Tareja</i> ( <i>Tareija</i> , <i>Tareigia</i> ) Nascentes o justifica por um latim <i>Tharasia</i> . O significado de Teresa, é, portanto, “a natural de <i>Terásia</i> ”. – O nome tornou-se popular desde Santa Teresa de Jesus (século XVI) e, atualmente, por Santa Teresinha do Menino Jesus (1873-1897). Celebração litúrgica 1º-10. (GUÉRIOS, 1994, p. 314).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Orestes Ribas Gomes.  ANÁPOLIS, Portaria nº 745, de 01 de setembro de 1964. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> Referência a <i>Santa Teresinha do Menino Jesus</i> , padroeira das missões. Comemoração: 1º de outubro. Nascida na França, em 1873, Santa Teresinha entrou para o convento das carmelitas, na cidade de Lisieux, aos 15 anos de idade. Depois de nove anos vivendo a mais intensa fé eclesial, descobriu-se que ela estava com tuberculose. Morreu no dia 1º de outubro de 1897. (SANTOS, 2006, p. 57).

#### QUADRO 35 - FICHA 33 SANTANA 1ª ETAPA

<b>Topônimo:</b> Santana 1ª etapa.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 54.572,08m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelos loteamentos Jardim Santana 2ª Etapa e Jardim Suíço através da Avenida Professor Benvindo Machado; Jardim Goiano, através de quadras de lotes; Bairro São José, através de afluente do Córrego Catingueiro; área não loteada, através de quadras de lotes.

ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Geográfico:</b> bairro Jardim.
<b>Ano de loteamento:</b> 1952.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Hebraico.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Ana do hebraico <i>Hanah, Hannah</i> : “graça, clemência, mercê”. Outra forma: Anna. (GUÉRIOS, 1994, p. 65).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Cia de Investimentos Jardim Santana.
ANÁPOLIS, Portaria nº 290, de 29 de outubro de 1952. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> <i>Santa Ana</i> , mãe de Maria, avó de Jesus Cristo. Padroeira das donas de casa, das mães, dos negociantes de fazendas. Comemoração: 26 de julho. (CERVI, 1997, p. 30). De Ana não temos nenhum dado histórico. Seu nome aparece no <i>Protoevangelho apócrifo de São Tiago</i> . Justiniano (s. IV) levantou uma igreja em seu nome em Constantinopla. Outra igreja foi edificada em Roma (s. VIII). A partir do s. X seu culto estende-se por toda a Europa. O culto da santa foi rejeitado por Lutero em sua Reforma. Apesar disso a Igreja o estendeu à Igreja universal em 1584. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 133).

QUADRO 36 - FICHA 34 SANTANA 2ª ETAPA

<b>Topônimo:</b> Santana 2ª etapa.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 151.155,84m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelos loteamentos Jardim Santana 1ª Etapa e Jardim Goiano, através da Avenida Professor Benvindo Machado; Residencial IAPC, através da Rua Euclides da Cunha e quadra de lotes; Residencial Caminho das Águas, através da Rua Ipê e área desmembrada de lotes; Vila Residencial Pedro Ludovico e Parque das Nações, através de afluentes do Córrego Catingueiro; Jardim Suíço, através da Rua Ibiá, Catingueiro e quadras de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Geográfico:</b> bairro Jardim.
<b>Ano de loteamento:</b> -
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Hebraico.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Ana do hebraico <i>Hanah, Hannah</i> : “graça, clemência, mercê”. Outra forma: Anna. (GUÉRIOS, 1994, p. 65).
<b>Histórico:</b> -
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> <i>Santa Ana</i> , mãe de Maria, avó de Jesus Cristo. Padroeira das donas de casa, das mães, dos negociantes de fazendas. Comemoração: 26 de julho. (CERVI, 1997, p. 30). De Ana não temos nenhum dado histórico. Seu nome aparece no <i>Protoevangelho apócrifo de São Tiago</i> . Justiniano (s. IV) levantou uma igreja em seu nome em Constantinopla. Outra igreja foi edificada em Roma (s. VIII). A partir do s. X seu culto estende-se por toda a Europa. O culto da santa foi rejeitado por Lutero em sua Reforma. Apesar disso a Igreja o estendeu à Igreja universal em 1584. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 133).

## QUADRO 37 - FICHA 35 SANTANA

<b>Topônimo:</b> Santana.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 184.139,79m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Bairro Jundiaí, através da Rua Dr. Pedro de Toledo -Avenida Federal; Loteamento Andracel Center, através de quadras de lotes; Setor Central, através da Avenida Brasil e quadras de lotes; Vila Industrial Jundiaí, através da Rua Dr. Pedro de Toledo.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Geográfico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> anterior a 1954.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Hebraico.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Ana do hebraico <i>Hannah, Hannah</i> : “graça, clemência, mercê”. Outra forma: Anna. (GUÉRIOS, 1994, p. 65).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Banco Imobiliário e Mercantil do Oeste Brasileiro S/A.
ANÁPOLIS, Portaria nº 277, de 14 de dezembro de 1954. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> <i>Santa Ana</i> , mãe de Maria, avó de Jesus Cristo. Padroeira das donas de casa, das mães, dos negociantes de fazendas. Comemoração: 26 de julho. (CERVI, 1997, p. 30). De Ana não temos nenhum dado histórico. Seu nome aparece no <i>Protoevangelho apócrifo de São Tiago</i> . Justiniano (s. IV) levantou uma igreja em seu nome em Constantinopla. Outra igreja foi edificada em Roma (s. VIII). A partir do s. X seu culto estende-se por toda a Europa. O culto da santa foi rejeitado por Lutero em sua Reforma. Apesar disso a Igreja o estendeu à Igreja universal em 1584. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 133).

## QUADRO 38 - FICHA 36 SANTO ANDRÉ

<b>Topônimo:</b> Santo André.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 411.385,55m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelos loteamentos: Jardim Gonçalves, através da Rua Bela Vista; Vila João Luiz de Oliveira, através da Rua Rosário Paulista Ramos; Jardim Bom Clima, através de quadras de lotes e Clube dos Bancários; Residencial Victor Braga, através da Rua 1, limítrofe à área pública municipal; Loteamento Olhos D'Água, através da Avenida Belo Horizonte e quadras de lotes; área loteada através de quadras de lotes, limítrofe à Rua Boaventura de Puxim e Vila Popular Munir Calixto, através de quadras de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Geográfico:</b> bairro.
<b>Ano de loteamento:</b> 1983.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Grego.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + André, grego <i>Andréas</i> , derivado de <i>andreios</i> : “varonil, viril, robusto, másculo”. (GUÉRIOS, 1994, p. 66).

<b>Histórico:</b> Proprietário: Sarkis Imóveis Ltda.
ANÁPOLIS, Decreto nº 2.887, de 17 de junho de 1983. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Góis ou Monjolo.
<b>Causa da designação:</b> Apóstolo e mártir, irmão de Simão Pedro, príncipe dos Apóstolos. Pescador, como seu irmão e seu pai, Jonas de Betsaida. Natural de Cafarnaum, no lago de Tiberíades. Discípulo de João Batista, antes de conhecer Jesus. Foi o primeiro, junto com João evangelista, a seguir o Mestre a quem apresentou seu irmão Pedro (Jo 1,35-42). Na lista dos Apóstolos que os Evangelhos oferecem, André ocupa o quarto posto, depois de Pedro, Tiago e João. Não se sabe ao certo sobre o local de sua pregação, nem onde morreu, nem onde foi enterrado. A tradição supõe que foi crucificado em Patras (a. 60). Suas relíquias foram levadas para Constantinopla em 357. É tido como Cabeça da Igreja Oriental da qual se supunha ter sido o fundador. Depois da queda de Constantinopla em 1204, suas relíquias foram trazidas pelos cruzados para Amalfi (Itália) em 1208. Mais tarde, sua cabeça foi trasladada para Roma (1462). Paulo VI, como sinal ecumênico, devolveu-as para Patras em 1964. As atas apócrifas de seu martírio registram sua crucifixão sobre uma cruz <i>decussada</i> , com os braços em forma de X, conhecida hoje como cruz de Santo André. Seu culto é muito difundido tanto no Oriente como no Ocidente. Em especial na Inglaterra e na Escócia, onde é o patrono. Festa, 30 de novembro. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 18).

#### QUADRO 39 - FICHA 37 SANTO ANTÔNIO

<b>Topônimo:</b> Santo Antônio.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 504.261,05m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Residencial Anaville, através da Rua Naiá Batista; Granja Santo Antônio, através da Rua Elias Isaac; Rodovia BR-060, através de pista lateral; áreas não loteadas de propriedade particular, através de vias públicas.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Geográfico:</b> bairro.
<b>Ano de loteamento:</b> 1960.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim/Grego. Étimo controverso.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Antônio, latim <i>Antonius</i> , grego <i>Antónios</i> . Étimo controverso. A <i>gens</i> Antônia, uma família muito antiga em Roma, era de origem helênica. De fato, Plutarco afirma que os <i>Antônios</i> formavam uma família dos Heraclidas, descendentes de <i>Ánton</i> , filho de Hércules. E o grego <i>Ánton</i> deriva provavelmente de <i>antéo</i> , forma jônica, em vez de <i>antáo</i> : “opor-se, fazer frente a (Fumagalli)”. Há quem veja em <i>Antonius</i> abreviação (?) do nome <i>Antistius</i> , que parece prender-se ao latim <i>antistes</i> : “chefe, principal, preeminente”. Outros, como Wasserziecher, prendem-no ao latim <i>Antius</i> : “o que está na vanguarda, vanguardeiro”. E por fim há quem o faça provir do etrusco, ou pelo menos (M. - L.) o sufixo <i>onius</i> , usual em nomes itálicos, como <i>Antonius</i> , etc. Deve-se a Santo Antonio de Lisboa (de Pádua) a ampla difusão que tem Português arcaico e popular <i>Antoino</i> , <i>Antonho</i> . (GUÉRIOS, 1994, p. 68).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Jorge Antonio Sahium.
ANÁPOLIS, Portaria nº 368, de 23 de maio de 1960. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -

**Causa da designação:** Referência a *Santo Antônio de Lisboa* ou *Santo Antônio de Pádua*, conhecido popularmente como santo casamenteiro, por ser padroeiro de casamentos. As celebrações em homenagem, no dia 13 de junho, dão início as festas juninas. Santo Antônio nasceu em Lisboa, no de 1195, com o nome de Fernando de Bulhões y Taveira de Azevedo, e é contemporâneo de São Francisco de Assis. Faleceu no dia 13 de junho, aos 36 anos de idade. Santo Antônio foi canonizado por Gregório XI, um ano depois de sua morte. Mais tarde, Pio XII declarou-o Doutor da Igreja. (SANTOS, 2006, p. 9).

#### QUADRO 40 - FICHA 38 SANTO ANTÔNIO

<b>Topônimo:</b> Santo Antônio.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 329.012,86m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Residencial Alfredo Abrahão, através da Rua B; Residencial Anaville, através da Avenida Perimetral; Setor Santo Antônio, através das Ruas A, C e quadras de lotes; Rodovia BR-060, através de pista lateral; área remanescente, através de quadras de lotes; áreas não loteadas de propriedade particular.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Geográfico:</b> bairro Granjas.
<b>Ano de loteamento:</b> 1962.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim/Grego. Étimo controverso.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Antônio, latim <i>Antonius</i> , grego <i>Antónios</i> . Étimo controverso. A <i>gens</i> Antônia, uma família muito antiga em Roma, era de origem helênica. De fato, Plutarco afirma que os <i>Antônios</i> formavam uma família dos Heraclidas, descendentes de <i>Ánton</i> , filho de Hércules. E o grego <i>Ánton</i> deriva provavelmente de <i>antéo</i> , forma jônica, em vez de <i>antáo</i> : “opor-se, fazer frente a (Fumagalli)”. Há quem veja em <i>Antonius</i> abreviação (?) do nome <i>Antistius</i> , que parece prender-se ao latim <i>antistes</i> : “chefe, principal, preeminente”. Outros, como Wasserziecher, prendem-no ao latim <i>Antius</i> : “o que está na vanguarda, vanguardeiro”. E por fim há quem o faça provir do etrusco, ou pelo menos (M. - L.) o sufixo <i>onius</i> , usual em nomes itálicos, como <i>Antonius</i> , etc. Deve-se a Santo Antonio de Lisboa (de Pádua) a ampla difusão que tem Português arcaico e popular <i>Antoino</i> , <i>Antonho</i> . (GUÉRIOS, 1994, p. 68).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Jorge Antonio Sahium.
ANÁPOLIS, Portaria nº 423, de 19 de outubro de 1962. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Morro Limpo ou Boa Vista do Morro Limpo.
<b>Causa da designação:</b> Referência a <i>Santo Antonio de Lisboa</i> ou <i>Santo Antonio de Pádua</i> , conhecido popularmente como santo casamenteiro, por ser padroeiro de casamentos. As celebrações em sua homenagem, no dia 13 de junho, dão início as festas juninas. Santo Antônio nasceu em Lisboa, no de 1195, com o nome de Fernando de Bulhões y Taveira de Azevedo, e é contemporâneo de São Francisco de Assis. Faleceu no dia 13 de junho, aos 36 anos de idade. Santo Antônio foi canonizado por Gregório XI, um ano depois de sua morte. Mais tarde, Pio XII declarou-o Doutor da Igreja. (SANTOS, 2006, p. 9).

#### QUADRO 41 - FICHA 39 SANTO ANTÔNIO

<b>Topônimo:</b> Santo Antônio.
<b>Localização:</b> -

<b>Elemento Geográfico:</b> bairro Residencial.
<b>Ano de loteamento:</b> 2011 (ano provável).
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim/Grego. Étimo controverso.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Antônio, latim <i>Antonius</i> , grego <i>Antónios</i> . Étimo controverso. A <i>gens</i> Antônia, uma família muito antiga em Roma, era de origem helênica. De fato, Plutarco afirma que os <i>Antónios</i> formavam uma família dos Heraclidas, descendentes de <i>Ánton</i> , filho de Hércules. E o grego <i>Ánton</i> deriva provavelmente de <i>antéo</i> , forma jônica, em vez de <i>antáo</i> : “opor-se, fazer frente a (Fumagalli)”. Há quem veja em <i>Antonius</i> abreviação (?) do nome <i>Antistius</i> , que parece prender-se ao latim <i>antistes</i> : “chefe, principal, preeminente”. Outros, como Wasserziecher, prendem-no ao latim <i>Antius</i> : “o que está na vanguarda, vanguardeiro”. E por fim há quem o faça provir do etrusco, ou pelo menos (M. - L.) o sufixo <i>onius</i> , usual em nomes itálicos, como <i>Antonius</i> , etc. Deve-se a Santo Antonio de Lisboa (de Pádua) a ampla difusão que tem Português arcaico e popular <i>Antoino</i> , <i>Antonho</i> . (GUÉRIOS, 1994, p. 68).
<b>Histórico:</b> Proprietário: J. Soares Construtora e Incorporadora Ltda.  ANÁPOLIS, Despacho, de 18 de março de 2011. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> Referência a <i>Santo Antonio de Lisboa</i> ou <i>Santo Antonio de Pádua</i> , conhecido popularmente como santo casamenteiro, por ser padroeiro de casamentos. As celebrações em sua homenagem, no dia 13 de junho, dão início as festas juninas. Santo Antônio nasceu em Lisboa, no de 1195, com o nome de Fernando de Bulhões y Taveira de Azevedo, e é contemporâneo de São Francisco de Assis. Faleceu no dia 13 de junho, aos 36 anos de idade. Santo Antônio foi canonizado por Gregório XI, um ano depois de sua morte. Mais tarde, Pio XII declarou-o Doutor da Igreja. (SANTOS, 2006, p. 9).

#### QUADRO 42 - FICHA 40 SANTO ANTÔNIO

<b>Topônimo:</b> Santo Antônio.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 49.019,00m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado na parte interna do loteamento Granjas Santo Antônio, através das Ruas A, C e quadras de lotes 1 e 4.  ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Geográfico:</b> bairro Setor.
<b>Ano de loteamento:</b> 1983.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim/Grego. Étimo controverso.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Antônio, latim <i>Antonius</i> , grego <i>Antónios</i> . Étimo controverso. A <i>gens</i> Antônia, uma família muito antiga em Roma, era de origem helênica. De fato, Plutarco afirma que os <i>Antónios</i> formavam uma família dos Heraclidas, descendentes de <i>Ánton</i> , filho de Hércules. E o grego <i>Ánton</i> deriva provavelmente de <i>antéo</i> , forma jônica, em vez de <i>antáo</i> : “opor-se, fazer frente a (Fumagalli)”. Há quem veja em <i>Antonius</i> abreviação (?) do nome <i>Antistius</i> , que parece prender-se ao latim <i>antistes</i> : “chefe, principal, preeminente”. Outros, como Wasserziecher, prendem-no ao latim <i>Antius</i> : “o que está na vanguarda, vanguardeiro”. E por fim há quem o faça provir do etrusco, ou pelo menos (M. - L.) o sufixo <i>onius</i> , usual em nomes itálicos, como <i>Antonius</i> , etc. Deve-se a Santo Antonio de Lisboa (de Pádua) a

<p>ampla difusão que tem Português arcaico e popular <i>Antoino, Antonho</i>. (GUÉRIOS, 1994, p. 68).</p>
<p><b>Histórico:</b> Izaltina Vieira dos Santos, requer ao Prefeito Municipal, autorização para lotear chácaras de sua propriedade, localizadas nas denominadas “Granjas Santo Antonio”, a cujo loteamento denominou de: “Setor Santo Antonio”.</p> <p>ANÁPOLIS, Parecer nº 041, de 25 de março de 1983. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.</p> <p>O PREFEITO MUNICIPAL DE ANÁPOLIS, [...] DECRETA: Art. 1º - Fica aprovado o loteamento denominado “Setor Santo Antonio”.</p> <p>ANÁPOLIS, Decreto nº 2.841, de 13 de abril de 1983. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.</p>
<p><b>Designações anteriores:</b> -</p>
<p><b>Causa da designação:</b> Referência a <i>Santo Antonio de Lisboa</i> ou <i>Santo Antonio de Pádua</i>, conhecido popularmente como santo casamenteiro, por ser padroeiro de casamentos. As celebrações em sua homenagem, no dia 13 de junho, dão início as festas juninas. Santo Antônio nasceu em Lisboa, no de 1195, com o nome de Fernando de Bulhões y Taveira de Azevedo, e é contemporâneo de São Francisco de Assis. Faleceu no dia 13 de junho, aos 36 anos de idade. Santo Antônio foi canonizado por Gregório XI, um ano depois de sua morte. Mais tarde, Pio XII declarou-o Doutor da Igreja. (SANTOS, 2006, p. 9).</p>

#### QUADRO 43 - FICHA 41 SANTO EXPEDITO

<p><b>Topônimo:</b> Santo Expedito.</p>
<p><b>Localização:</b> limites e confrontações: inicia em ponto da divisa com terras de Espólio de Ronaldo Jaime e com o Córrego Formiga; daí confrontando com as terras de Espólio de Ronaldo Jaime segue com os seguintes azimutes e distância de 345°22’56”- 23,60m, 329°31’25” – 10,00m, 332°14’55” – 93,98m, 273°38’44” – 460,09m até outro ponto na divisa com a Quadra 03 do Loteamento Jardim Primavera 2ª Etapa; daí, confrontando com a Quadra 03 do Loteamento Jardim Primavera 2ª Etapa segue com os seguintes azimutes e distância de 22°16’16” – 24,42m, 293°26’48” – 7,45 metros até outro ponto na divisa com a Rua JP-26 do Loteamento Jardim Primavera 2ª Etapa; daí, confrontando com a Rua JP-26, Quadra – 07, Rua JP-29, Quadra – 08, Rua JP-30 e Quadra – 10 do Loteamento Jardim Primavera 2ª Etapa segue com o azimute de 25°09’25” e distância de 206,40 metros até outro ponto na divisa com a Quadra 10 do Loteamento Jardim Primavera 2ª Etapa; daí, confrontando com a Quadra – 10, Rua JP-55, Quadra – 20, Rua JP-54, Quadra – 21, Rua JP-53, Quadra – 27, Rua JP-52, Quadra – 28, Rua JP-51, Área da Prefeitura, Avenida JP-50, Área da Prefeitura, Rua JP-48, Quadra – 31, Rua JP-46, Quadra – 32, Rua JP – 45, Área de Prefeitura segue com o azimute de 115°45’35” e distância de 808,67 metros até outro ponto na divisa com terras de Saburo Sato: daí, confrontando com terras de Saburo Sato segue com o azimute de 198°09’03” e distância de 126,79 metros até outro ponto do lado esquerdo do Córrego Formiga; daí, córrego acima até encontrar o ponto onde iniciou-se a descrição deste perímetro.</p> <p>ANÁPOLIS, Decreto nº 31.349, de 26 de novembro de 2010. In: Diário Oficial Município de Anápolis, de 26 de novembro de 2010.</p>
<p><b>Elemento Geográfico:</b> bairro Residencial.</p>
<p><b>Ano de loteamento:</b> 2010.</p>
<p><b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.</p>

<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim.
<b>Etimologia:</b> Santo, -A latim <i>sanctus</i> : “santo” (GUÉRIOS, 1994, p. 294) + Expedito, latim <i>Expeditus</i> : “expedito, pronto, disposto”, isto é, desembaraçado (das coisas materiais e pronto para as coisas espirituais) (Mateus 24, 42). – De origem cristã, provavelmente Santo Expedito (celebração litúrgica a 19-4) haja sido o primeiro desse nome; mártir na Armênia, sob Diocleciano (284-305). (GUÉRIOS, 1994, p. 150).
<b>Histórico:</b> Proprietária: C.B.I. Comercial Brasileira de Imóveis Ltda.  ANÁPOLIS, Decreto nº 31.349, de 26 de novembro de 2010. In: Diário Oficial Município de Anápolis, de 26 de novembro de 2010.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Formiga.
<b>Causa da designação:</b> <i>Santo Expedito</i> , padroeiro das causas urgentes. Comemoração: 19 de abril. Santo Expedito, comandante de uma legião de soldados romanos na cidade de Melitene, no final do século III, tivera uma vida devassa antes de converter-se ao cristianismo. Por causa de sua conversão, Santo Expedito foi torturado, flagelado e decapitado em 19 de abril de 303, durante a perseguição aos cristãos do império de Dioclesiano. (SANTOS, 2006, p. 25).

#### QUADRO 44 - FICHA 42 SÃO CARLOS 1ª ETAPA

<b>Topônimo:</b> São Carlos 1ª etapa.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 297.264,79m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Bairro Boa Vista, através das Avenidas Brasil e Senador Ramos Caiado; Bairro Alvorada, através da Avenida Maria Leite de Godói - Avenida Araguaia -e Rua Tocantins; Bairro São Carlos 2ª etapa, através da Rua Doutor Kalil e da Avenida Presidente Jânio Quadros; Cidade Jardim, através da Rua Nova Capital.  ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro.
<b>Ano de loteamento:</b> 1960.
<b>Taxionomia:</b> Hagiopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim.
<b>Etimologia:</b> São - santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’(CUNHA, 1982, p. 704) + Carlos, do nome latino <i>Cárolus</i> , por sua vez do alto-alemão antigo <i>Kharal</i> : “homem”. É um dos pouquíssimos nomes germânicos antigos de um só tema; contudo há quem afirme ser abreviação de <i>Karalmann</i> . Sentido primitivo: “viril, varonil, vigoroso”. De uso freqüentíssimo desde Carlos Magno. Na Itália <i>Carlo</i> , muito difundido, graças a São Carlos Borromeu (1538-1584), celebração litúrgica 4-11. (GUÉRIOS, 1994, p. 107).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Antonio Elias.  ANÁPOLIS, Portaria nº 488, de 28 de novembro de 1960. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> Referência à <i>São Carlos Borromeu</i> (1538-1584). Nascido no castelo de Arona (1538), perto do Lago Maior, de uma família aparentada com os Médicis. Representa o modelo de homem do Renascimento e do “homem de Igreja”. Educado em Milão e Pavia nos valores humanísticos, aos doze anos recebeu a tonsura com os emolumentos da abadia de Arona. Aos vinte recebeu o grau de doutor em ambos os direitos, para entrar em seguida na vida pública e eclesiástica pelas mãos de seu tio, o papa Pio IV: legados, protetorados, administração da diocese de Milão, nomeação de

cardeal e, na prática, secretário de Estado. Em 1564 foi ordenado sacerdote e consagrado bispo. Morreu em Milão, em 3 de novembro, aos 46 anos. Foi sepultado na catedral. Canonizado em 1610. Sua glória foi ter abordado e vivido a reforma interior da Igreja. Festa, 4 de novembro. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 44-45).

#### QUADRO 45 - FICHA 43 SÃO CARLOS 2ª ETAPA

<b>Topônimo:</b> São Carlos 2ª etapa.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 482.759,68m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento São Carlos 1ª etapa, através da Avenida Presidente Jânio Quadros, Rua Pedro Álvares Cabral e Dr. Kalil; Córrego Boa Vista, limítrofe ao Bairro Cidade Jardim; Córrego das Antas, limítrofe à Vila Santa Maria de Nazareth e Anápolis City; área não loteadas de propriedade particular, através de quadra de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro.
<b>Ano de loteamento:</b> -
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim.
<b>Etimologia:</b> São - santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’(CUNHA, 1982, p. 704) + Carlos, do nome latino <i>Cárolus</i> , por sua vez do alto-alemão antigo <i>Kharal</i> : “homem”. É um dos pouquíssimos nomes germânicos antigos de um só tema; contudo há quem afirme ser abreviação de <i>Karalmann</i> . Sentido primitivo: “viril, varonil, vigoroso”. De uso freqüentíssimo desde Carlos Magno. Na Itália <i>Carlo</i> , muito difundido, graças a São Carlos Borromeu (1538-1584), celebração litúrgica 4-11. (GUÉRIOS, 1994, p. 107).
<b>Histórico:</b>
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> Referência à <i>São Carlos Borromeu</i> (1538-1584). Nascido no castelo de Arona (1538), perto do Lago Maior, de uma família aparentada com os Médicis. Representa o modelo de homem do Renascimento e do “homem de Igreja”. Educado em Milão e Pavia nos valores humanísticos, aos doze anos recebeu a tonsura com os emolumentos da abadia de Arona. Aos vinte recebeu o grau de doutor em ambos os direitos, para entrar em seguida na vida pública e eclesiástica pelas mãos de seu tio, o papa Pio IV: legados, protetorados, administração da diocese de Milão, nomeação de cardeal e, na prática, secretário de Estado. Em 1564 foi ordenado sacerdote e consagrado bispo. Morreu em Milão, em 3 de novembro, aos 46 anos. Foi sepultado na catedral. Canonizado em 1610. Sua glória foi ter abordado e vivido a reforma interior da Igreja. Festa, 4 de novembro. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 44-45).

#### QUADRO 46 - FICHA 44 SÃO CONRADO

<b>Topônimo:</b> São Conrado.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 58.753,82m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Jardim Alvorada, através da Avenida Paranoá; áreas não loteadas de propriedade particular, limítrofe à Vila Operária, através de quadras de lotes; Rodovia BR-060, através da Rua A.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Parque.

<b>Ano de loteamento:</b> -
<b>Taxionomia:</b> Hagiopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Alemão.
<b>Etimologia:</b> São - Santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’(CUNHA, 1982, p. 704) + Conrado, alto-alemão antigo <i>Chuonrad</i> , <i>Chuonrat</i> : “sábio, audaz, esperto ( <i>chuon</i> ) no conselho ( <i>rad</i> )”. Outros: “consultor ( <i>rad</i> ) dos parentes ( <i>chuon</i> ) ou da raça”. Alemão <i>Kunrath</i> , sobrenome. (GUÉRIOS, 1994, p. 121).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Henrique Gomes da Silva.
ANÁPOLIS, Mapa do bairro São Conrado. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Morro Limpo.
<b>Causa da designação:</b> Referência a <i>São Conrado</i> , cuja celebração ocorre todo dia 19 de fevereiro. (CERVI, 1997, p. 34). <i>São Conrado</i> nasceu em Piacenza, ao sul de Milão, por volta do ano 1290. Quando jovem, tornou-se soldado e se casou com a jovem Eufrosina de Lodi. Seus divertimentos eram os torneios, as armas e as caçadas. Certo dia, para emboscar uma presa, acabou provocando um incêndio em todo um bosque. O fogo provocou estragos também em culturas de campos vizinhos. Os colonos se revoltaram porque tiveram muitos prejuízos. O governador, Galeazzo Visconti, para aplacar a ira dos camponeses, condenou à morte o primeiro suspeito, que na ocasião pegaram no bosque. Mas São Conrado para não permitir que um inocente pagasse por um erro seu, apresentou-se ao governador e confessou sua culpa. Comprometeu-se a indenizar os prejudicados. Para isso vendeu todas as suas posses, ficando completamente pobre. Na pobreza, ele e sua esposa buscaram refúgio em Deus e se dedicaram ao serviço do Senhor. Ele morreu na gruta de Pizzoni, no dia 19 de fevereiro de 1351. Seu processo de beatificação passou pelos papas Leão X, Paulo III e Urbano VIII. Este último o canonizou no dia 12 de setembro de 1625. (SANTO..., 2011, <i>online</i> ).

#### QUADRO 47 - FICHA 45 SÃO JERÔNIMO

<b>Topônimo:</b> São Jerônimo.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 165.529,88m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Residencial Ayrton Senna, através da Rua Interlagos e quadras de lotes; Parque Brasília 1ª etapa, através de quadras de lotes; Parque Brasília 2ª etapa, através da Avenida Ayrton Senna; Rodovia BR-153, através de área não edificante; área não loteada de propriedade particular, através de quadra de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Parque.
<b>Ano de loteamento:</b> 2000.
<b>Taxionomia:</b> Hagiopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Grego.
<b>Etimologia:</b> São - Santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’. (CUNHA, 1982, p. 704) + Jerônimo, grego <i>Hierónimos</i> : “(que tem) nome ( <i>ónimos</i> ) sagrado ( <i>hierós</i> )”. (GUÉRIOS, 1994, p. 198).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Paulo Augusto de Souza.
ANÁPOLIS, Decreto nº 10.576 de 29 de setembro de 2000. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Godóis ou Água Fria.
<b>Causa da designação:</b> <i>São Jerônimo</i> , doutor da Igreja (c. 347-420) nasceu em Stridon (Dalmácia), próximo da atual cidade de Lubiana, na Eslovênia, e morreu em Belém. Tido

como o mais sábio dos padres latinos, reuniu em sua pessoa o ermitão, o monge e o escritor preocupado com os assuntos da Igreja. Filho de uma família cristã, aos doze de idade já se encontrava em Roma, onde estudou gramática, retórica e filosofia. Foi enterrado sob a Igreja da Natividade em Belém, para ser posteriormente trasladado para Santa Maria Maior em Roma. Um homem que, acima de tudo, quis ser cristão. Sua profunda oração, penitência e entrega ao serviço da Igreja e das almas, fazem esquecer seu caráter duro e polêmico. A Igreja reconhece seu grande trabalho nomeando-o Doutor por zelo, preparação e sabedoria “o maior erudito entre os escritores latinos da antiguidade cristã, só comparável a Santo Agostinho”. Deixou uma mensagem: “Ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo, e o que não conhece as Escrituras não conhece o poder de Deus nem sua sabedoria”. Festa, 30 de setembro. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 111-112). Padroeiro dos estudantes. (CERVI, 1997, p. 38).

#### QUADRO 48 - FICHA 46 SÃO JOÃO

<b>Topônimo:</b> São João.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 905.499,70m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Vila Esperança, através da Avenida Contorno; Residencial Marla Cristina, através da Avenida Contorno; Residencial Arco-Íris, através da Avenida Contorno; Parque São João, através da Avenida Contorno e quadras de lotes; Polocentro 2 <sup>a</sup> etapa, através de quadras de lotes; Polocentro 1 <sup>a</sup> etapa, através da Avenida Brasil, Ruas Santana das Antas e Poeta Paulo Nunes; Faixa de domínio da Rede Ferroviária, invasão, através da Avenida Contorno e quadras de lotes e áreas não loteadas de propriedade particular, através de vias públicas e quadras de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro.
<b>Ano de loteamento:</b> 1960.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Hebraico.
<b>Etimologia:</b> São -Santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’. (CUNHA, 1982, p. 704) + João, hebraico, <i>Iehohanan</i> , <i>Iohanan</i> : “Javé ( <i>Ieho</i> ) é (cheio) de graças ( <i>hanan</i> )”. Ou “Javé é misericordioso”. Outros: “Javé deu, presenteou”. (GUÉRIOS, 1994, p. 199).
<b>Histórico:</b> Proprietário: João Batista de Almeida.
ANÁPOLIS, Portaria nº 458 de 04 de outubro de 1960. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> Pode ser uma referência a <i>São João</i> , apóstolo e evangelista (séc. I). As informações sobre ele procedem diretamente do evangelho. Marcos nos diz que foi filho de Zebedeu, pescador de Betsaida (Mc 1,20) e de Salomé, uma das mulheres a serviço de Jesus (Mc 15,40; Mt 27,56). Provável discípulo de João Batista (Jo 1, 39), passou a seguir Jesus com André, irmão de Pedro, para converter-se em um dos discípulos prediletos. Sua morte aconteceu nos finais do século I, no reinado de Trajano. A presença do evangelista no NT é decisiva. A ele se atribuem três cartas das chamadas católicas, o <i>Apocalipse</i> e o 4º Evangelho. João transmite-nos a mensagem fundamental de Cristo: “Amái-vos uns aos outros... É o mandamento do Senhor; se ele é praticado, é o que basta”. Patrono dos teólogos. Seu símbolo, a águia. Festa, 27 de dezembro. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 115). Ou pode ser referência uma referência a <i>São João Batista</i> (s. I). Conhecido como o precursor de Cristo. Sua vida e pregação, seus atos e morte aparecem nos evangelhos (Mt 3,12; Mc 1,1-8; Lc 1,1-25, 57-80; 3,1-20; Mc 14, 3-12; Mt

11,1-15). Filho de Zacarias, sacerdote do Templo, e de Isabel, prima de Maria, a Mãe de Jesus. Nasceu milagrosamente, quando seus pais eram já idosos. Nada sabemos de sua infância e adolescência, até que começou a pregar e batizar próximo do ano 27 de nossa era. Cumprindo sua missão de profeta, denunciou a união incestuosa de Herodes Antipas com sua sobrinha Herodíades, mulher de seu irmão. O ódio de uma e a debilidade do outro se combinaram para que Salomé, filha de Herodíades, a pedido de sua mãe, exigisse a cabeça de João depois de haver dançado na frente do rei. Herodes mandou executá-lo na prisão de Maqueronte, às margens do Mar Morto. Pouco depois lhe era apresentada a cabeça em uma bandeja. Nada sabemos com certeza sobre suas relíquias. Várias tradições as situam em Sebaste (Samaria) onde lhe era rendido culto já no s. IV. A festa de seu nascimento vem sendo celebrada ininterruptamente desde o s. IV no dia 24 de junho, tanto no Oriente como no Ocidente. Numerosas igrejas levam seu nome em todo o mundo. A festa de sua decapitação ou morte, celebra-se a 29 de agosto. Festa, 24 e junho. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 116-117).

#### QUADRO 49 - FICHA 47 SÃO JOÃO

<b>Topônimo:</b> São João.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 338.800,00m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Bairro São João, através da Avenida Contorno e quadras de lotes; Polocentro 2ª etapa, através de quadras de lotes; Bairro Calixtolândia, através de quadras de lotes e Avenida Brasil; Residencial Sunflower, através da Rua Itália; Residencial Giovani Braga, através das Ruas 2 e 5; áreas não loteadas de propriedade particular, através da Avenida Contorno.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Parque.
<b>Ano de loteamento:</b> 1975.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Hebraico.
<b>Etimologia:</b> São -Santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’. (CUNHA, 1982, p. 704) + João, hebraico, <i>Iehohanan</i> , <i>Iohanan</i> : “Javé ( <i>Ieho</i> ) é (cheio) de graças ( <i>hanan</i> )”. Ou “Javé é misericordioso”. Outros: “Javé deu, presenteou”. (GUÉRIOS, 1994, p. 199).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Firma Triângulo Imóveis Comércio e Representações Ltda.
ANÁPOLIS, Portaria nº 116 de 23 de junho de 1975. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> Pode ser uma referência a <i>São João</i> , apóstolo e evangelista (séc. I). As informações sobre ele procedem diretamente do evangelho. Marcos nos diz que foi filho de Zebedeu, pescador de Betsaida (Mc 1,20) e de Salomé, uma das mulheres a serviço de Jesus (Mc 15,40; Mt 27,56). Provável discípulo de João Batista (Jo 1, 39), passou a seguir Jesus com André, irmão de Pedro, para converter-se em um dos discípulos prediletos. Sua morte aconteceu nos finais do século I, no reinado de Trajano. A presença do evangelista no NT é decisiva. A ele se atribuem três cartas das chamadas católicas, o <i>Apocalipse</i> e o 4º Evangelho. João transmite-nos a mensagem fundamental de Cristo: “Amai-vos uns aos outros... É o mandamento do Senhor; se ele é praticado, é o que basta”. Patrono dos teólogos. Seu símbolo, a águia. Festa, 27 de dezembro. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 115). Ou pode ser referência uma referência a <i>São João Batista</i> (s. I). Conhecido como o precursor de Cristo. Sua vida e pregação, seus atos e morte aparecem nos evangelhos (Mt 3,12; Mc 1,1-8; Lc 1,1-25, 57-80; 3,1-20; Mc 14, 3-12; Mt

11,1-15). Filho de Zacarias, sacerdote do Templo, e de Isabel, prima de Maria, a Mãe de Jesus. Nasceu milagrosamente, quando seus pais eram já idosos. Nada sabemos de sua infância e adolescência, até que começou a pregar e batizar próximo do ano 27 de nossa era. Cumprindo sua missão de profeta, denunciou a união incestuosa de Herodes Antipas com sua sobrinha Herodíades, mulher de seu irmão. O ódio de uma e a debilidade do outro se combinaram para que Salomé, filha de Herodíades, a pedido de sua mãe, exigisse a cabeça de João depois de haver dançado na frente do rei. Herodes mandou executá-lo na prisão de Maqueronte, às margens do Mar Morto. Pouco depois lhe era apresentada a cabeça em uma bandeja. Nada sabemos com certeza sobre suas relíquias. Várias tradições as situam em Sebaste (Samaria) onde lhe era rendido culto já no s. IV. A festa de seu nascimento vem sendo celebrada ininterruptamente desde o s. IV no dia 24 de junho, tanto no Oriente como no Ocidente. Numerosas igrejas levam seu nome em todo o mundo. A festa de sua decapitação ou morte, celebra-se a 29 de agosto. Festa, 24 e junho. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 116-117).

#### QUADRO 50 - FICHA 48 SÃO JOÃO

<b>Topônimo:</b> São João.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 96.402,00m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Bairro São Lourenço, através da Rua Rita Pereira de Moura e quadras de lotes; Setor Central, através da Rua Luiz Schinor, Benjamin Constant, João Pedro Rosa e quadras de lotes; Vila Menino Jesus, através da Rua João Pedro Rosa -Rua B; Bairro Nossa Senhora Aparecida, através da Rua João Pedro Rosa Rua 4, Rua José Bonifácio e quadras de lotes; Bairro Frei Eustáquio, através da Rua Riachuelo; Cemitério São Miguel, através de quadras de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> 1952.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Hebraico.
<b>Etimologia:</b> São -Santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’. (CUNHA, 1982, p. 704) + João, hebraico, <i>Iehohanan</i> , <i>Iohanan</i> : “Javé ( <i>Ieho</i> ) é (cheio) de graças ( <i>hanan</i> )”. Ou “Javé é misericordioso”. Outros: “Javé deu, presenteou”. (GUÉRIOS, 1994, p. 199).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Ana Carneiro de Rezende.
ANÁPOLIS, Documento de 24 de setembro de 1959. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> Pode ser uma referência a <i>São João</i> , apóstolo e evangelista (séc. I). As informações sobre ele procedem diretamente do evangelho. Marcos nos diz que foi filho de Zebedeu, pescador de Betsaida (Mc 1,20) e de Salomé, uma das mulheres a serviço de Jesus (Mc 15,40; Mt 27,56). Provável discípulo de João Batista (Jo 1, 39), passou a seguir Jesus com André, irmão de Pedro, para converter-se em um dos discípulos prediletos. Sua morte aconteceu nos finais do século I, no reinado de Trajano. A presença do evangelista no NT é decisiva. A ele se atribuem três cartas das chamadas católicas, o <i>Apocalipse</i> e o 4º Evangelho. João transmite-nos a mensagem fundamental de Cristo: “Amai-vos uns aos outros... É o mandamento do Senhor; se ele é praticado, é o que basta”. Patrono dos teólogos. Seu símbolo, a águia. Festa, 27 de dezembro. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 115). Ou pode ser uma referência a <i>São João Batista</i> (s. I). Conhecido como o precursor de Cristo. Sua vida e pregação, seus atos e morte aparecem

nos evangelhos (Mt 3,12; Mc 1,1-8; Lc 1,1-25, 57-80; 3,1-20; Mc 14, 3-12; Mt 11,1-15). Filho de Zacarias, sacerdote do Templo, e de Isabel, prima de Maria, a Mãe de Jesus. Nasceu milagrosamente, quando seus pais eram já idosos. Nada sabemos de sua infância e adolescência, até que começou a pregar e batizar próximo do ano 27 de nossa era. Cumprindo sua missão de profeta, denunciou a união incestuosa de Herodes Antipas com sua sobrinha Herodíades, mulher de seu irmão. O ódio de uma e a debilidade do outro se combinaram para que Salomé, filha de Herodíades, a pedido de sua mãe, exigisse a cabeça de João depois de haver dançado na frente do rei. Herodes mandou executá-lo na prisão de Maqueronte, às margens do Mar Morto. Pouco depois lhe era apresentada a cabeça em uma bandeja. Nada sabemos com certeza sobre suas relíquias. Várias tradições as situam em Sebaste (Samaria) onde lhe era rendido culto já no s. IV. A festa de seu nascimento vem sendo celebrada ininterruptamente desde o s. IV no dia 24 de junho, tanto no Oriente como no Ocidente. Numerosas igrejas levam seu nome em todo o mundo. A festa de sua decapitação ou morte, celebra-se a 29 de agosto. Festa, 24 e junho. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 116-117).

#### QUADRO 51 - FICHA 49 SÃO JOAQUIM 1ª ETAPA

<b>Topônimo:</b> São Joaquim 1ª etapa.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 205.019,22m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Jardim Santa Cecília, através da Rua Antônio Sabino; Loteamento Parque das Nações, através da Rodovia GO222; Vila São Joaquim 2ª etapa, através da Avenida Pedro Ludovico; Bairro Manoel Domingues, através das Ruas G, I, K e quadras de lotes; Residencial Pedro Ludovico, através da Avenida Pedro Ludovico; Jardim Calixto, através de quadras de lotes; Residencial das Brisas, loteamento em fase de aprovação, através de quadras de lotes; Córrego Catingueiro, limítrofe ao Bairro Novo Paraíso.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> anterior a/ em 1975.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Hebraico.
<b>Etimologia:</b> São - Santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’. (CUNHA, 1982, p. 704) + Joaquim, hebraico: 1º) <i>Ioakhin</i> : “Javé levanta, restabelece” ou “Javé efetuará, levará a cabo”; outros: “elevação, ou preparação”; 2º) <i>Ioiaquim</i> : “o que fez parar o sol” (Paralipômenos, I, 44, 22). (GUÉRIOS, 1994, p. 199-200).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Joaquim Martins Ferreira.
ANÁPOLIS, Atestado de Salubridade nº06, de 20 de março de 1975. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> <i>São Joaquim</i> não aparece no texto sagrado. Como Santa Ana, aparece pela primeira vez no Protoevangelho de São Tiago (s. II). Sua festa aparece no Ocidente em 1522. Festa, 26 de julho. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 133).

#### QUADRO 52 - FICHA 50 SÃO JOAQUIM 2ª ETAPA

<b>Topônimo:</b> São Joaquim 2ª etapa.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 115.949,34m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Vila São Joaquim 1ª etapa, através da Avenida

Pedro Ludovico; Parque das Nações, através da Avenida Pedro Ludovico; Parque Agropecuário, através de quadras de lotes; Conjunto Residencial Porto Rico, através de quadras de lotes; Córrego das Antas, através de quadra de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> 1975.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Hebraico.
<b>Etimologia:</b> São - Santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’. (CUNHA, 1982, p. 704) + Joaquim, hebraico: 1º) <i>Ioakhin</i> : “Javé levanta, restabelece” ou “Javé efetuará, levará a cabo”; outros: “elevação, ou preparação”; 2º) <i>Ioiaquim</i> : “o que fez parar o sol” (Paralipômenos, I, 44, 22). (GUÉRIOS, 1994, p. 199-200).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Joaquim Martins Ferreira.
ANÁPOLIS, Portaria nº 091, de 07 de abril de 1975. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> <i>São Joaquim</i> não aparece no texto sagrado. Como Santa Ana, aparece pela primeira vez no Protoevangelho de São Tiago (s. II). Sua festa aparece no Ocidente em 1522. Festa, 26 de julho. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 133).

#### QUADRO 53 - FICHA 51 SÃO JORGE

<b>Topônimo:</b> São Jorge.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 143.119,00m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Bairro Frei Eustáquio, através da Rua Duque de Caxias, Osvaldo Cruz e quadras de lotes; Bairro Nossa Senhora Aparecida, através das Ruas Ormidas Soares, Menino Jesus e quadras de lotes; Vila Menino Jesus, através da Rua Menino Jesus; Setor Central, através da Rua Oscar Niemeyer; Vila Santa Maria, através da Avenida Doutor Luiz de Lima - Avenida Federal e quadras de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> anterior a 1980.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Grego.
<b>Etimologia:</b> São - Santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’(CUNHA, 1982, p. 704) + Jorge, grego <i>Geórgios</i> , o mesmo que <i>georgós</i> : “agricultor”. De origem bizantina (M. Alvar). (GUÉRIOS, 1994, p. 200).
<b>Histórico:</b> Proprietárias: Olga Salomão e Maria Aparecida Salomão.
ANÁPOLIS, Decreto nº 2.398, de 22 de outubro de 1980. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> <i>São Jorge</i> , foi um soldado romano no exército do imperador Diocleciano, por isso é considerado o padroeiro da cavalaria, dos cavaleiros, dos soldados. Conhecido como Santo Guerreiro. É também patrono da Inglaterra. Natural da Capadócia, região que hoje pertence à Turquia, Jorge, desde pequeno, aprendeu a temer a Deus e a crer em Jesus como seu salvador. São Jorge foi um soldado romano e se rebelou contra o imperador Diocleciano, quando esse deu a ordem para que se matassem todos os cristãos. Jorge foi torturado de vários modos para que desistisse da sua fé, mas se manteve

firme nela até ser degolado a mando do imperador, em 23 de abril de 303. (SANTOS, 2006, p. 38).

#### QUADRO 54 - FICHA 52 SÃO JOSÉ

<b>Topônimo:</b> São José.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 227.418,09m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Vila Calixto Abrão, através das Ruas Barbahan Helou, Sócrates Diniz e quadras de lotes; Bairro Dom Pedro II, através de quadras de lotes; Parque Michel, através de quadras de lotes; Jardim Goiano, através de quadras de lotes; Afluente do Córrego Catingueiro, através de quadras.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro.
<b>Ano de loteamento:</b> 1956 (ano provável).
<b>Taxionomia:</b> Hagiopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Hebraico.
<b>Etimologia:</b> São - Santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’(CUNHA, 1982, p. 704) + José, hebraico <i>Iosseph, Iehussef</i> : “Ele (Deus) dê aumento, ou (Deus) aumente (com outro filho)” (Gênesis 30, 24). (GUÉRIOS, 1994, p. 200).
<b>Histórico:</b> Proprietário: José Xavier de Almeida Júnior.
ANÁPOLIS, Portaria nº 356 de 20 de setembro de 1956. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> <i>São José</i> foi o marido de Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo. Padroeiro da boa morte. Patrono universal da Igreja. Comemoração: 19 de março. De São José sabe-se apenas os dados históricos narrados por São Mateus e São Lucas no Evangelho. Segundo São Mateus, ele pertencia à família de Davi, e alguma tradição conta que ele morreu aos 19 de março. (SANTOS, 2006, p. 39).

#### QUADRO 55 - FICHA 53 SÃO JOSÉ

<b>Topônimo:</b> São José.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 120.943,20m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Vila Goiás, através de quadras de lotes; Vila Industrial Jundiá, através da faixa de domínio da Rede Ferroviária; Bairro Eldorado, através da faixa de domínio da Rede Ferroviária e Rua 3; Córrego Góis; área não loteada de propriedade particular, através de quadras de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> 1953.
<b>Taxionomia:</b> Hagiopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Hebraico.
<b>Etimologia:</b> São - Santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’(CUNHA, 1982, p. 704) + José, hebraico <i>Iosseph, Iehussef</i> : “Ele (Deus) dê aumento, ou (Deus) aumente (com outro filho)” (Gênesis 30, 24). (GUÉRIOS, 1994, p. 200).
<b>Histórico:</b> Proprietário: José Paulino dos Santos.

ANÁPOLIS, Portaria nº 92 de 15 de outubro de 1953. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Góis ou Monjolo.
<b>Causa da designação:</b> <i>São José</i> foi o marido de Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo. Padroeiro da boa morte. Patrono universal da Igreja. Comemoração: 19 de março. De São José sabe-se apenas os dados históricos narrados por São Mateus e São Lucas no Evangelho. Segundo São Mateus, ele pertencia à família de Davi, e alguma tradição conta que ele morreu aos 19 de março. (SANTOS, 2006, p. 39).

#### QUADRO 56 - FICHA 54 SÃO LOURENÇO

<b>Topônimo:</b> São Lourenço.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 199.026,31m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo Setor Central, através da Rua Firmo de Velasco -Rua das Flores e quadras de lotes; Vila São João, através da Rua Rita Pereira de Moura e quadras de lotes; Bairro Frei Eustáquio, através de quadras de lotes; Faixa de domínio da Rede Ferroviária Federal, através de quadras de lotes; afluente do Córrego Catingueiro, através de quadras; Cemitério São Miguel, através de quadras de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro.
<b>Ano de loteamento:</b> 1954.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim.
<b>Etimologia:</b> São - Santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’(CUNHA, 1982, p. 704) + Lourenço, latim <i>Laurentius</i> : “natural de Laurento”, cidade do Lácio que, por sua vez, se prende a <i>laurus</i> . Ou segundo Virgílio, Eneida, VII, 59: “a celebridade de um só louro”, “o adornado com louro”. (GUÉRIOS, 1994, p. 217-218).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Joaquim Côrrea Leal.
ANÁPOLIS, Portaria nº 133, de 12 de janeiro de 1954. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Catingueiro.
<b>Causa da designação:</b> Pode ser referência à <i>São Lourenço</i> , o santo espanhol, também conhecido como <i>Lourenço de Huesta</i> ou <i>Valência</i> ; ou referência à <i>São Lourenço de Brindisi</i> , da Itália. Esse último é considerado o padroeiro dos diáconos e foi uma das vítimas da perseguição do imperador Valeriano, que no começo de agosto de 258 lançou um edital condenando sumariamente à morte todos os bispos, padres e diáconos. Ao ato imperial, seguiram-se as execuções de sete diáconos, e Lourenço foi o último deles. Não existem relatos escritos de seu martírio, mas, segundo narração de Santo Ambrósio, ele teria sido queimado. (SANTOS, 2006, p. 42).

#### QUADRO 57 - FICHA 55 SÃO MARCOS

<b>Topônimo:</b> São Marcos.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 30.250,00m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento: Anápolis City, através da Avenida Perimetral Leste e afluente do Córrego das Antas; área não loteada de propriedade particular, através de quadras de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Residencial.

<b>Ano de loteamento:</b> -
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim.
<b>Etimologia:</b> São - Santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’(CUNHA, 1982, p. 704) + Marco(s), latim <i>Marcus</i> , proximamente é derivada de <i>marcus</i> : “grande martelo de ferreiro”, cognato do latim <i>Mars, Martis</i> : “deus da guerra”. Segundo L. Deroy, provém do etrusco <i>Marce</i> , “martelador, ferreiro”, da raiz <i>*mar-</i> , “bater, ferir”. No latim popular <i>Martellus</i> : “martelo” (Carlos Martel). (GUÉRIOS, 1994, p. 227)
<b>Histórico:</b> -
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> <i>São Marcos</i> Evangelista (s. I). Os dados que possuímos sobre Marcos procedem do NT. Foi companheiro de apostolado de Pedro e Paulo. Fora do NT temos o testemunho de Papias e Eusébio (s. III). Estes o apresentam como o seguidor e discípulo de Pedro, cuja doutrina deixou escrita no Evangelho de Marcos. A mesma tradição nos diz que ele foi o primeiro bispo da Alexandria (Egito), sem que existam provas históricas disso. É, contudo, constante a tradição que situa seu martírio em Roma e no “ano oitavo de Nero”. Suas relíquias foram trasladadas em 976 para Veneza. Desde então venera-se sua memória na magnífica basílica e na série de mosaicos dos s. XII-XIII. Deixou-nos o segundo dos evangelhos sinópticos. O propósito de Marcos é mostrar que Jesus é o Messias, incompreendido e rejeitado pelos homens, mas vencedor e confiado por Deus. Festa, 25 de abril. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 156).

#### QUADRO 58 - FICHA 56 SÃO PAULO

<b>Topônimo:</b> São Paulo.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 183.028,00m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelos loteamentos: Faixa de domínio da Rede Ferroviária, anexa ao Bairro São João, através da Rua Pacaembu, Avenida Ferroviária e quadras de lotes; Loteamento Santa Clara, através de quadras de lotes; Rodovia BR 153, através da Avenida Paulista; Faculdade Fibra, através de quadra de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Jardim.
<b>Ano de loteamento:</b> 2000.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim.
<b>Etimologia:</b> São - santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’(CUNHA, 1982, p. 704) + Paulo, latim <i>Paulus, Paullus</i> : “pequeno”. Compare os adjetivos <i>paulus</i> e <i>paucus</i> . A forma latina com dois <i>-ll-</i> é um diminutivo expressivo ou afetivo. Os romanos usavam-no muito como sobrenome. – Santo, o Apóstolo dos gentios, nome Tarso, com o nome de Saulo. Foi um dos perseguidores dos cristãos; converteu-se por causa de uma visão no caminho de Damasco (Atos, 9:1-9), e foi um dos mais ardentes apóstolos do Cristianismo. Pregou na Ásia Menor, Grécia, Jerusalém, etc. Foi, em Roma, decapitado com São Pedro, em 66 ou 67, Celebração litúrgica 25-1 (dia da sua conversão) e 29-6 (dia de sua morte). (GUÉRIOS, 1994, p. 263).
<b>Histórico:</b> Proprietária: Construtora e Incorporadora Mounir Filho Ltda.
ANÁPOLIS, Decreto nº 10.445 de 11 de maio de 2000. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Barreiro de Cima e Barreiro de Baixo

**Causa da designação:** *São Paulo*, o apóstolo (10-67). Saulo ou Saul, conhecido mais tarde como Paulo, nasceu em Tarso, Ásia Menor, de família hebreia, na primeira década do séc. I. Cidadão romano por seu nascimento numa cidade livre, foi educado, desde sua juventude, pelo sábio rabino Gamaliel, nas doutrinas dos fariseus. Grande inimigo da nascente Igreja e implicado na morte de Estêvão, o primeiro mártir cristão, sua vida mudou bruscamente por seu encontro no caminho de Damasco com o Senhor ressuscitado. Jesus manifestou-lhe a verdade da fé cristã e lhe deu a conhecer sua missão especial de apóstolo dos gentios (At 9). Reconhecido como “o apóstolo” por excelência, sua festa se celebra hoje junto com a de São Pedro, “príncipe dos apóstolos”, em 29 de junho. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 198-199).

#### QUADRO 59 - FICHA 57 SÃO SEBASTIÃO

<b>Topônimo:</b> São Sebastião.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 157.247,00m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Vila Formosa, através da Rua Onix e quadras de lotes; Avenida Federal, limítrofe a área não loteada; áreas não loteadas de propriedade particular, através de quadras de lotes e vias públicas.  ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro.
<b>Ano de loteamento:</b> 1982.
<b>Taxionomia:</b> Hagiotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim/Grego.
<b>Etimologia:</b> São - santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’(CUNHA, 1982, p. 704) + Sebastião, latim <i>Sebastianus</i> , do grego <i>Sebastianós</i> , forma ampliada de <i>Sebastós</i> : “augusto, magnífico, venerável”. (GUÉRIOS, 1994, p. 297).
<b>Histórico:</b> Proprietário: JR Empreendimentos Imobiliários Ltda.  ANÁPOLIS, Decreto nº 2.755 de 18 de novembro de 1982. In: Mapoteca de Anápolis, 2017.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> Referência ao santo <i>São Sebastião</i> , cuja festa litúrgica é comemorada dia 20 de janeiro. Padroeiro dos arqueiros, dos soldados e dos atletas. Antigos documentos relatam que São Sebastião era Capitão da Guarda no Palácio Imperial, em Roma, e valia-se do cargo para ajudar aos cristãos perseguidos. Um dia, Sebastião foi denunciado ao imperador Maximino por ser cristão. Este o chamou e lhe propôs o seguinte: deixar de ser cristão e subir de cargo no exército ou continuar crendo em Cristo e ser destituído de seu cargo e ser atravessado por flechas. Mas São Sebastião não teve medo e preferiu continuar seguidor de Cristo até o último instante de sua vida. Então, por ordem do imperador, ele teve seu corpo atravessado por flechas. (SANTOS, 2006, p. 53-54).

#### QUADRO 60 - FICHA 58 SÃO VICENTE

<b>Topônimo:</b> São Vicente.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 224.235,86m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Vila São Vicente Igrejinha, através de quadras de lotes; Sítio de Recreio Presidente, através da Rua Santa Maria, antiga Rodovia Anápolis/Goiânia; área não loteada de propriedade particular, através de quadras de lotes e vias públicas.

ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Residencial.
<b>Ano de loteamento:</b> 2000.
<b>Taxionomia:</b> Hagiopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim.
<b>Etimologia:</b> São - santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’(CUNHA, 1982, p. 704) + Vicente latim <i>Vincens, Vincentis</i> “vencedor (do mal)”, de origem cristã. Cognato do verbo <i>vincere</i> : “vencer”. (GUÉRIOS, 1994, p. 326-327).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Miguel Elias Neto.
ANÁPOLIS, Decreto nº 10.515 de 14 de julho de 2000. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Cabeceira da Sozinha ou Sozinha.
<b>Causa da designação:</b> <i>São Vicente de Paulo</i> (1581-1660). Um estilo de santo original e totalmente evangélico. “Ensinar e fazer”, “pregar e dar o pão”, “obras são amores e não boas razões” são refrãos que resumem sua vida. Toda ela, com efeito, está marcada pela pregação da palavra de Deus sobretudo aos pobres e pelo serviço da caridade aos mais necessitados através das Confrarias de Caridade. Nascido na região das Landas do sul da França em 1581, de família campestre muito humilde, recebeu sua primeira educação nos franciscanos de Dax, depois na universidade de Toulouse e provavelmente na de Saragoça. Aos 19 anos recebeu a ordenação sacerdotal. Morreu em 27 de setembro de 1660. Canonizado por Clemente XII em 1737. Leão XIII nomeou-o patrono de todas as organizações cristãs de caridade (1883). Modelo de apóstolo, resume a bem-aventurança evangélica: “o que fizeres e ensinares será grande no reino dos céus”. Festa, 27 de setembro. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 250).

#### QUADRO 61 - FICHA 59 SÃO VICENTE

<b>Topônimo:</b> São Vicente, popularmente conhecida como Igrejinha.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 93.033,98m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Residencial São Vicente, através de quadras de lotes; Residencial do Trabalhador, através de quadras de lotes; Desmembramento de lotes através da Avenida Principal, ANS-8, antiga Rodovia Anápolis/Goiânia; área não loteada de propriedade particular, através de quadra de lotes e via pública.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Vila.
<b>Ano de loteamento:</b> 1952.
<b>Taxionomia:</b> Hagiopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim + Latim.
<b>Etimologia:</b> São - santo do latim <i>sanctus</i> -a - um. ‘sagrado’(CUNHA, 1982, p. 704) + Vicente latim <i>Vincens, Vincentis</i> “vencedor (do mal)”, de origem cristã. Cognato do verbo <i>vincere</i> : “vencer”. (GUÉRIOS, 1994, p. 326-327).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Conferência São Vicente de Paulo.
ANÁPOLIS, Portaria nº 193, de 12 de maio de 1952. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> Fazenda Pindobal.
<b>Causa da designação:</b> <i>São Vicente de Paulo</i> (1581-1660). Um estilo de santo original e totalmente evangélico. “Ensinar e fazer”, “pregar e dar o pão”, “obras são amores e não boas razões” são refrãos que resumem sua vida. Toda ela, com efeito, está marcada pela pregação da palavra de Deus sobretudo aos pobres e pelo serviço da caridade aos mais

necessitados através das Confrarias de Caridade. Nascido na região das Landas do sul da França em 1581, de família campesina muito humilde, recebeu sua primeira educação nos franciscanos de Dax, depois na universidade de Toulouse e provavelmente na de Saragoça. Aos 19 anos recebeu a ordenação sacerdotal. Morreu em 27 de setembro de 1660. Canonizado por Clemente XII em 1737. Leão XIII nomeou-o patrono de todas as organizações cristãs de caridade (1883). Modelo de apóstolo, resume a bem-aventurança evangélica: “o que fizeres e ensinares será grande no reino dos céus”. Festa, 27 de setembro. (SANTIDRIÁN; ASTRUGA, 2004, p. 250).

#### QUADRO 62 - FICHA 60 VERA CRUZ

<b>Topônimo:</b> Vera Cruz.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 325.275,00m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Jardim Planalto, através da Avenida Presidente JK; Jardim Alvorada, através da Avenida Pirineus; Bairro Campos Elísios e Avenida Presidente Vargas; Residencial Gabriela, através da Avenida Presidente Vargas; área não loteada de propriedade particular, através de via pública.  ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Genérico:</b> bairro Jardim.
<b>Ano de loteamento:</b> 1957.
<b>Taxionomia:</b> Hierotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Russo e outros étimos + Latim.
<b>Etimologia:</b> Vera, ou do russo <i>Wera, Wjera</i> : “fé, crença”; compare sérvio <i>Vyera</i> : ou do latim <i>vera</i> : “verdadeira, real”; compare o sobrenome feminino romano <i>Vera</i> , que também pode provir de <i>ver, veris</i> : “primavera” (GUÉRIOS, 1994. p. 325) + Cruz do latim <i>crux crucis</i> ‘antigo instrumento de suplício, constituído por dois madeiros, um atravessado no outro, em que se amarravam ou pregavam os condenados à morte’ (GUÉRIOS, 1994, p. 231).
<b>Histórico:</b> Proprietário: Imobiliária Nova Capital Ltda.  ANÁPOLIS, Portaria nº 507 de 17 de abril de 1957. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> -
<b>Causa da designação:</b> O nome <i>Vera Cruz</i> é a denominação dada às relíquias provenientes, segundo a tradição cristã, da verdadeira cruz em que Jesus Cristo foi crucificado. (ANSEDE, 2016, <i>online</i> ).

Respondendo ao primeiro problema da pesquisa: Que aspectos religiosos permeiam as motivações para escolha das designações toponímicas dos bairros da cidade de Anápolis (GO)? Podemos responder que cerca de 20% do total dos nomes de bairros de Anápolis apresentam motivação de caráter religioso e percebe-se que a motivação para escolha dos nomes está estreitamente ligada a uma religião em específico, a Católica.

Diante do exposto, podemos constatar que dos 60 nomes de bairros de motivação religiosa, 41 são hagiotopônimos, ou seja, são topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano. São 25 nomes de Santos e 16 nomes de Santas. Os nomes de Santos mais

recorrentes são: Santo Antonio e São João, que aparecerem respectivamente em quatro e três bairros. Já o nome da Santa mais recorrente é o referente a Maria, mãe de Jesus, em suas diferentes formas, *Nossa Senhora Aparecida*, *Nossa Senhora d'Abadia*, *Nossa Senhora da Conceição*, *Santa Maria* e *Santa Maria de Nazaré*. Em segundo lugar, vem o nome de Santana, mãe de Maria, avó de Jesus, que nomeia três bairros da cidade.

A respeito dos bairros com nomes de santos e suas respectivas paróquias, foi detectado que a *Vila São Joaquim* é a única que possui uma Paróquia com o mesmo padroeiro que deu nome ao bairro. Já as Vilas *Nossa Senhora D'Abadia* e *Santana* fazem parte do território pastoral das paróquias *Nossa Senhora D'Abadia* e *Santana*, embora essas se localizem nos bairros *Vila Góis* e *Centro*.

Acerca dos hierotopônimos, topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças, que são em sua totalidade 19, apenas um topônimo pode ser relacionado a religião Evangélica, que é o caso do bairro *Reverendo Archibald*. Aliás esse bairro apresenta outras duas nomeações diferentes: *Conjunto Mirage* e *Jardim Village* concomitantemente. Esses últimos são os nomes conhecidos desses bairros, inclusive são esses os nomes que aparecem nas placas dos respectivos bairros. Mas em suas pastas na Mapoteca, toda documentação está com o nome de *Reverendo Archibald* e o mesmo ocorre em documentos recentes da Prefeitura, a exemplo, a Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009. Fato semelhante ocorre com outro bairro, pois a *Vila Góis* também é nomeada como *Nossa Senhora da Conceição*. Na atualidade esse bairro é mais conhecido como *Vila Góis*, mas tanto na documentação da Mapoteca quanto em documentação recente, o nome *Nossa Senhora da Conceição* está atrelado ao da *Vila Góis*.

A questão é a seguinte com relação a esses dois bairros. Eles não perderam a motivação religiosa, não sofreram uma espécie de desencantamento da toponímia, como foi o caso de alguns bairros que serão citados e analisados no próximo capítulo. Nesses dois casos, ambos os topônimos coexistem, o de motivação religiosa e o de motivação não religiosa. Como a documentação desses bairros não apresentam nenhum documento que explique essa dupla nomeação, o que nos resta a fazer é citar e analisar as duas ocorrências coexistentes.

Outro caso interessante é do bairro *João XXIII*, antigo bairro *Popular Municipal de Lourdes*, como foi nomeado em 1983 pela Prefeitura de Anápolis. Oito anos depois, esse bairro recebeu o nome atual. Ou seja, o seu nome não era de motivação religiosa e passou a ser. Esse foi um dos poucos bairros em que foi constatado que a Prefeitura era a proprietária do loteamento e os dois nomes foram dados pela mesma, fato que foi pouco visto durante a pesquisa. Na maioria dos casos o nome é sugerido pelos donos das terras.

A respeito de outros hierotopônimos que merecem destaque, o bairro *Novo Paraíso* é considerado como um loteamento não legalizado, as chamadas invasões, porém existe há tanto tempo, que achamos por bem incluí-lo na lista, mesmo não sendo um bairro regularizado. A propósito há registros de sua existência desde a década de 30:

O estudo de caso feito na pesquisa é do Bairro Novo Paraíso em Anápolis (GO), que está situado a 1.500 metros do setor central, posicionado no encontro dos bairros Paraíso SS e Vila São Joaquim a sudoeste da cidade. A formação do aglomerado se inicia na década de 1930, inicialmente de forma espontânea, quando surgiu a necessidade de abrigar os familiares e pessoas portadoras de hanseníase em um local fora do perímetro urbano, o entorno do abrigo São Judas Tadeu, de acordo com o relato do enfermeiro Carlos Tadeu Dutra, coordenador do Movimento de Reintegração do Hanseniano – Núcleo Anápolis (Morhan). (BORGES, 2015, p. 12).

Outros fazem crer que ele surgiu na década de 40 “O bairro Novo Paraíso se originou a partir da década de 1940 e apresenta um traçado muito irregular”. (SHIAKU, 2012). Mas o certo é que desde a década de 80 a população local pede a regularização do bairro, fato que ainda não aconteceu.

Nesse momento, partindo do estudo etimológico é interessante constatar a motivação religiosa na formação original de algumas palavras. Os nomes *Emanuel* e *Jerônimo* são alguns exemplos. *Emanuel* significa “Deus (*El*) conosco (*emmanu* ou *imanu*)” e *Jerônimo* significa “(que tem) nome (*ónymos*) sagrado (*hierós*)”. Etimologicamente são nomes de motivação religiosa. Outro fator interessante é como o significado de alguns nomes estavam ligadas as pessoas santificadas, por exemplo, o nome *Paulo*, que logo após a sua análise etimológica veio com a seguinte explicação:

Santo, o Apóstolo dos gentios, nome Tarso, com o nome de *Saulo*. Foi um dos perseguidores dos cristãos; converteu-se por causa de uma visão no caminho de Damasco (Atos, 9:1-9), e foi um dos mais ardentes apóstolos do Cristianismo. Pregou na Ásia Menor, Grécia, Jerusalém, etc. Foi, em Roma, decapitado com São Pedro, em 66 ou 67, Celebração litúrgica 25-1 (dia da sua conversão) e 29-6 (dia de sua morte). (GUÉRIOS, 1994, p. 263).

O mesmo aconteceu com vários outros nomes: *Batista*, *Dom Bosco*, *Aparecida*, *Conceição*, *Rosa*, *Terezinha* e *Antônio*, como foi exposto nas fichas acima. Ainda a respeito da etimologia dos topônimos analisados, a maioria tem como origem linguística o latim, seguido do grego e hebraico. Em casos menores tiveram nomes de origem italiana, portuguesa, persa, alemã e russa.

Por fim, a conclusão à qual chegamos foi que se nota uma significativa presença de topônimos religiosos na cidade de Anápolis, não tão expressiva como o esperado, contudo esses

dados nos permitem detectar que a motivação religiosa dos topônimos está ligada predominantemente a religião Católica. Ao que tudo indica o Catolicismo presente desde a fundação da cidade foi manifestado também na toponímia local.

Neste capítulo foi verificada as motivações religiosas presentes nos topônimos locais, respondendo assim ao primeiro problema da pesquisa. No próximo capítulo será respondido o segundo problema.

### 3 RELIGIÃO E SOCIEDADE

Neste capítulo pretende-se analisar a relação entre a religião e a sociedade por meio do processo denominativo. A princípio iremos fazer um resumo das três perspectivas clássicas da Sociologia acerca do fenômeno religioso. Depois apresentar os dados e analisá-los numa perspectiva sociológica utilizando os conceitos de dois teóricos, Weber e da Mata.

#### 3.1 SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO

Neste tópico serão apresentadas as principais abordagens teóricas das Ciências Sociais acerca das relações entre religião e sociedade. No caso, as três perspectivas clássicas da Sociologia acerca do fenômeno religioso são as de Karl Marx, de Émile Durkheim e de Max Weber. O fenômeno religioso foi abordado por esses cientistas sociais em perspectivas diferentes e esse é o foco aqui, apresentá-las e explicá-las. Mas antes de definir e contextualizar historicamente o campo de estudo dos estudiosos acima. Vamos conceituar e explicar os vocábulos religião e sociedade.

O termo religião vem do latim *religio*, significa “crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais, considerada(s) como criadora(s) do Universo, e que como tal deve(m) ser adorada(s) e obedecida(s)”(CUNHA, 1982, p. 673). Segundo Silva e Silva (2012, p. 354) a palavra religião é um “termo latino que originalmente se referia a qualquer conjunto de regras e interdições”. Sendo “uma categoria de análise histórica e social que pode ser definida como um conjunto de crenças, preceitos e valores que compõem artigo de fé de determinado grupo em um contexto histórico e cultural específico, lembrando que a religião é sempre coletiva”. (2012, p. 354).

Ao que parece, desde os primórdios, a sociedade possui traços de religiosidade. A religião pode ser entendida como a primeira tentativa da sociedade de responder a certas questões, tais como, sua origem e os mistérios da morte, e isso se deve ao seu esforço em querer explicar o mundo e o universo. Do ponto de vista dos que aceitam alguma religião, contrário, aos ateus e os agnósticos, as religiões podem ser divididas em dois grupos: as religiões com divindades, as deístas e as sem divindades, as religiões “ateias”, como por exemplo, o budismo. As religiões deístas, por sua vez, podem ser classificadas em mono e politeístas. Na atualidade, as maiores religiões do mundo são monoteístas e compreendem o Judaísmo, o Cristianismo e o

Islamismo. Essas últimas são as maiores em números de fiéis no mundo. A terceira religião com maior número de adeptos é o Hinduísmo, grande representante da vertente politeísta. (SILVA; SILVA, 2012).

O Cristianismo, como vimos é uma religião monoteísta, pois acredita em uma única divindade e nos seus mais de dois mil anos de existência apresenta numerosas ramificações. Surgiu no Império Romano, com a pregação dos apóstolos de Jesus Cristo, profeta perseguido no século I na Jerusalém romana. Uma de suas vertentes mais conhecidas é a Igreja Católica, que até o Cisma do Oriente, em 1054, foi a única Igreja cristã existente, depois desse acontecimento surgiu a Igreja Ortodoxa. Com a Reforma Religiosa surgiu o Cristianismo protestante e com ela novas igrejas. Da vertente Luterana, surgiram igrejas nacionais como a sueca, a alemã e a norte-americana. Do Calvinismo surgiu a igreja Presbiteriana. A partir da matriz Anglicana surgiram novas denominações: a Episcopal, as Pentecostais, a Batista, entre outras. (SILVA; SILVA, 2012).

A respeito do conceito de sociedade, por vezes ele se confunde com a ciência que a tem como objeto de estudo, ou seja, a Sociologia. De acordo com Viana (2006, p. 13) o significado sociológico de sociedade é “uma associação de seres humanos, compreendendo por isso uma população que vive numa organização coletiva”. Ele completa e afirma que podemos definir por sociedade “o conjunto das relações sociais existentes em determinado território e momento histórico”. (VIANA, 2006, p. 13).

Segundo Silva e Silva (2012) a maioria das definições sociológicas veem a sociedade como “uma população relativamente independente, autossuficiente, que se caracteriza por ter organização interna, territorialidade e cultura distinta, que recruta seus membros por reprodução sexual”. (p. 382). E “No sentido moderno, como propõe Peter Sedgwick, sociedade é uma combinação de instituições, modos de relação, formas de organização, normas etc., que constitui um todo inter-relacionado no qual vive determinada população humana”. (p. 382).

A Sociologia faz parte de um amplo campo de estudo conhecido como Ciências Sociais:

Expressão genérica que designa o conjunto de disciplinas que têm como objeto de estudo os diferentes aspectos da vida grupal, tais como a História, a Política, a Sociologia, a Economia, a Antropologia Cultural e a Geografia Humana. No século XIX, a Sociologia foi encarada como a Ciência Social por excelência. (DICIONÁRIO..., 1963, p. 64-65).

A Sociologia possui várias acepções segundo Viana (2006, p. 7), dentre elas, “ciência dos fatos sociais”, “ciência da ação social”, “ciência das relações sociais” e “ciência dos fenômenos sociais”. Mas, para ele a definição mais comum e utilizada é “ciência da sociedade”,

pois corresponde à etimologia da palavra (socio = social + logia = ciência). Em contrário, Johnson (1997) entende essas múltiplas definições como algo negativo e não acredita na visão simplista do conceito:

Desde o início, a sociologia tem sofrido de uma espécie de crise de identidade, refletida em suas muitas definições. A disciplina é muitas vezes descrita como o “estudo da sociedade”, mas essa definição exclui a vasta maioria de vida social que ocorre em sistemas muito menores do que sociedades. [...] Na outra extremidade do espectro, é ouvida a objeção de que problemas cada vez mais interessantes ocorrem em níveis mais amplos do que sociedades, em níveis que abrangem sistemas econômicos e políticos mundiais. (JOHNSON, 1997, p. 217).

A respeito do contexto histórico do aparecimento da Sociologia. Com a Revolução Industrial uma nova ordem social surge. A atividade antes artesanal passa a ser manufatureira; a população rural começa a emigrar para os centros urbanos e despontam duas novas classes na sociedade: o proletariado e o empresário capitalista:

Nessa época, como se vê, é que a sociologia surgiu; surgiu, portanto com a sociedade industrial, ou melhor, com os seus esboços. Surgiu quando do seu ventre nasceu o proletariado e, essa circunstância, quase sempre esquecida, é de importância decisiva para a compreensão de sua história, de seu método e de seus problemas de hoje. (COSTA PINTO, *op. cit.*, p. 37 apud CASTRO; DIAS, 1992, p. 11).

Coincidentemente, na França, acontecia outra Revolução, a Francesa. A Revolução Industrial e a Revolução Francesa acabaram colaborando para a consolidação do regime capitalista, que provocou graves crises sociais e econômicas. Essas revoluções e as mudanças que elas provocaram, impulsionaram a reflexão sobre a sociedade.

As novas formas de pensar da época, o racionalismo e o positivismo, também contribuíram para o surgimento dos cientistas sociais. Aliás, o filósofo francês, Auguste Comte, considerado pai do positivismo, é apontado como criador do termo Sociologia: “Do francês *sociologie*, vocábulo criado por Augusto (SIC) Comte, em 1830.” (CUNHA, 1982, p. 731).

A respeito do fenômeno religioso, esse foi objeto de estudo de três precursores da Sociologia, antes mesmo dessa se ramificar e uma de suas áreas receber o nome de Sociologia da Religião ou Sociologia Religiosa. Segundo Freund (2010):

A sociologia não tem por obrigação estudar a essência do fenômeno religioso, mas sim o comportamento ao qual este dá origem pelo fato de se apoiar sobre certas experiências particulares, sobre representações e fins determinados. [...] Por este motivo não se trata de especular sobre o valor respectivo dos dogmas, das teologias concorrentes ou das filosofias religiosas, nem tampouco sobre a legitimidade da crença numa outra vida, mas, sim de estudar o comportamento religioso como uma atividade humana deste mundo (*diesseitig*), que se orienta significativamente de

acordo com fins ordinários. Não se trata tampouco de adotar a posição positivista que tem de modo geral por base a negação ou o desprezo, da religião, mas sim de comprometer qual a influência do comportamento religioso sobre as outras atividades, ética, econômica, política ou artística, e de apreender os conflitos que possam surgir da heterogeneidade dos valores que cada uma delas pretende servir. (FREUND, 2010, p. 130).

Por sua vez a Sociologia da Religião é apresentada “ Como aquele campo de trabalho da sociologia no qual tanto as condições e os efeitos sociais dos fenômenos religiosos como as condições e os efeitos religiosos dos fenômenos sociais são empiricamente pesquisados e teoricamente interpretados”. (FILIPE, 2001, p. 20 apud SILVA, 2013, p. 13). A Sociologia estuda a sociedade e a Sociologia da Religião a relação religião-sociedade, ou melhor, o fenômeno religioso. Três sociólogos clássicos contribuíram para essa área de estudo: Marx, Durkheim e Weber.

Muito do que se é conhecido sobre a obra de Marx<sup>2</sup> está atrelada às suas ideias igualitárias de sociedade. Ele era a favor de uma sociedade comunista e totalmente contra o sistema capitalista. Seus estudos estão mais voltados para a relação sociedade e economia: *O Manifesto do Partido Comunista* (1848); a coleção *O Capital* (1867, 1885, 1894, 1905) demonstram isso. Não há nenhuma obra em que ele se dedique apenas ao estudo do fenômeno religioso. Mas, isso não o impede de vez ou outra expor o seu pensamento crítico a respeito do comportamento religioso em alguns de seus escritos. Aliás, Freund (2010, p. 130) afirma que “as pesquisas sociológicas sobre a religião se tornam ao mesmo tempo pesquisas relativas à sociologia econômica ou política e, sobretudo, à sociologia da moral”.

Três palavras definem o que Marx pensava sobre a religião: ilusão, alienação e ópio. Marx considera a religião uma espécie de ilusão, pois ela estaria fazendo com que o homem projetasse no mundo sobrenatural a vida ideal que gostaria de ter na terra e não a teria por uma espécie de resignação. Essa conformação impediria o homem de pensar e de revolucionar a sua própria realidade: “A religião é apenas o sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não circula em torno de si mesmo”. (MARX, 2006, p. 46).

---

<sup>2</sup> Karl Marx, um dos precursores da Sociologia, nasceu em 1818 em Tréves, cidade da antiga Prússia renana, hoje Alemanha e morreu em 1883 em Londres. Ele deu início aos seus estudos de Direito em 1835 na Universidade de Bonn. Em 1836, deu continuidade aos estudos de Direito em Berlim e iniciou também seus estudos de Filosofia e História. Em 1841, se tornou Doutor em Filosofia na Universidade de Iena. Entre 1842 e 1852, Marx passou uma estada em vários países da Europa: Paris, Bélgica e Londres. Nesse mesmo período, ele foi redator do jornal *Gazeta Renana* (1842), fundou a *Nova Gazeta Renana* (1848) e colaborou no *New York Tribune* (1851). Atuou no jornalismo até 1856. Em 1857 retomou seus trabalhos de economia. Em 1864, Marx colaborou na Fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores. Em 1869, Marx lutou contra o teórico político russo, Bakunin, uma das figuras mais importantes do Anarquismo durante a Associação Internacional dos Trabalhadores. (CASTRO; DIAS, 1992).

Depois que a sociedade se fragmentou em classes sociais e essas provocaram uma desigualdade social, o homem se apegou ainda mais a religião como um conforto, o aliviando do sofrimento e o alienando de sua realidade, como uma espécie de ópio. Dessa forma a religião é em seu ponto de vista “o suspiro do ser oprimido, o íntimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. É o ópio do povo”. (MARX, 2006, p. 45-46).

A visão marxista da religião não é unívoca, ou seja, não possui apenas a interpretação de Marx. Conta com vários estudiosos, dentre eles, Engels e Feuerbach, que acreditam que “[...] a religião é mistificadora e alienante, enquanto oculta as reais forças que conduzem a mudança e escamoteia os conflitos que se verificam na esfera da produção, impedindo a autodeterminação do homem”. (Martelli, 1995, p. 32-33 apud ORO, 2004, p. 303).

Émile Durkheim<sup>3</sup>, outro precursor da Sociologia, lecionou no primeiro curso de Sociologia das universidades francesas. Seu estudo sociológico é diversificado e isso se reflete nas suas principais obras: *Da divisão do trabalho social* (1893), resultado da sua tese de doutoramento; *As regras do método sociológico* (1895); *O Suicídio* (1897), entre muitas outras.

Em *As formas elementares da vida religiosa* (1912), Durkheim dispôs-se a estudar a religião mais primitiva e simples conhecida na época a fim de se descobrir como a religião nasce. Por isso, ele propôs analisar e explicar as religiões totêmicas australianas, pois para ele “Se a tomamos como objeto de nossa pesquisa é que nos pareceu mais apta que outra qualquer para fazer entender a natureza religiosa do homem, isto é, para nos revelar um aspecto essencial e permanente da humanidade”. (DURKHEIM, 1996, p. 6).

Esse cientista social considerava todas as religiões verdadeiras e igualmente importantes:

No fundo, portanto, não há religiões falsas. Todas são verdadeiras a seu modo: todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana. Certamente não é impossível dispô-las segundo uma ordem hierárquica. [...] Todas são igualmente religiões, como todos os seres vivos são igualmente vivos, dos mais humildes plásticos ao homem. (DURKHEIM, 1996, p. 7).

---

<sup>3</sup> Nasceu em 1858 na cidade de Épinal localizada na fronteira Nordeste da França. Sua família era de ascendência judaica. Em 1879, ele entrou na *École Normale Supérieure*. Em 1882, ele foi nomeado professor de filosofia nas comunas francesas de *Sens* e *Saint- Quentin*. Em 1885, solicitou licença para estudar ciências sociais em Paris e depois na Alemanha. Em 1887 foi nomeado professor de pedagogia e ciência social na Faculdade de Letras da Universidade de *Bordeaux*. Primeiro curso de sociologia nas universidades francesas. Em 1893, defendeu tese de doutorado, três anos depois fundou o jornal *L'année Sociologique*, voltado aos estudos sociológicos. Em 1902 foi nomeado professor-substituto na cadeira de pedagogia na Sorbonne, quatro anos depois foi nomeado professor-titular da cadeira de pedagogia da Faculdade de Letras de Paris, onde ensinou sociologia e pedagogia. Em 1913, a cadeira de que era titular passou a se denominar Cadeira de Sociologia de Sorbonne. Em 1915, o sociólogo perdeu seu único filho durante a 1ª Guerra Mundial e publicou dois livros inspirados nessa circunstância: *A Alemanha acima de tudo. A mentalidade alemã e a guerra* (1915) e, *Quem quis a guerra? As origens da guerra segundo documentos diplomáticos* (1915). Dois anos depois ele morreu em Paris. (CASTRO; DIAS, 1992).

Para ele, por mais que as religiões fossem diferentes umas das outras elas possuíam características em comum: “Como todas as religiões são comparáveis, e como todas são espécies de um mesmo gênero, há necessariamente elementos essenciais que lhes são comuns”. (DURKHEIM, 1996, p. 10).

Nessa obra, Durkheim (1996, p. 32) conceitua a religião como “um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem”. Para ele, a ideia de religião é inseparável da ideia de igreja e, portanto, eminentemente coletiva:

A conclusão geral do livro que se irá ler é que a religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas, os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos. Mas, então, se as categorias são de origem religiosa, elas devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: também elas devem ser coisas sociais, produtos do pensamento coletivo. (DURKHEIM, 1996, p. 16).

Portanto, para esse sociólogo a principal função da religião é a preservação e a integração da sociedade. Martelli afirma que para esse estudioso francês, “a própria natureza da sociedade é intrinsecamente religiosa, embora em sentido avesso, quanto ao sentido comum do termo: na realidade, o sentimento religioso venera, na divindade, o todo social”. (Martelli, 1995, p. 32 apud ORO, 2004, p. 304).

Completando as três perspectivas clássicas da Sociologia da Religião, resta citar Max Weber<sup>4</sup>, que dedicou-se a princípio a estudar a economia e depois em uma fase mais madura a religião:

Embora Weber tenha iniciado sua carreira de sociólogo com uma reflexão sobre a economia, parece que, tomando-se por base sua obra como nos é conhecida, a sociologia religiosa foi o tema central da pesquisa na época de sua maturidade. Weber estudou, sobretudo, a influência do comportamento religioso sobre a ética e a economia, mais acessoriamente sobre a política e a educação. (FREUND, 2010. p. 130).

---

<sup>4</sup> Nascido em 1864 na cidade alemã de Erfurt. Iniciou seus estudos universitários em Direito, História, Economia, Filosofia e Teologia em Heidelberg no ano de 1882. Um ano depois interrompeu seus estudos por causa do serviço militar. Em 1884, reiniciou os estudos em Berlim e Gotinga. Em 1889, se tornou doutor em Direito com tese sobre a história das empresas comerciais medievais. Em 1890, começou a investigação sobre a situação do campesinato da Prússia Oriental. Em 1891, Weber começou em Berlim sua vida como professor universitário. Em 1894 se tornou professor de Economia Política em Fribourg. Dois anos depois, catedrático em Heidelberg. Em 1908, fundou a Associação Alemã de Sociologia. Em 1920, morreu em Munique. (CASTRO; DIAS, 1992).

Weber estudou a relação entre a religião e a economia, no caso, entre as religiões orientais e ocidentais com o capitalismo e concluiu que as religiões orientais, ao contrário das religiões ocidentais, não ofereciam condições para a organização do capitalismo. Já as religiões cristãs, principalmente, o protestantismo, ou melhor, o calvinismo incentivava o trabalho sob o rótulo da prosperidade, sendo o enriquecimento e o sucesso material, sinais de predileção divina.

Em *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo* (1904-5) Weber identifica a origem da cultura capitalista moderna nos fundamentos do puritanismo. Para ele o protestantismo/calvinismo contribuiu para a consolidação do capitalismo. O sociólogo brasileiro Pierucci considera essa obra o primeiro tratado de Weber sobre Sociologia da Religião, embora não o considere um sociólogo da religião. Pierucci (2013, p. 16) explica “Weber tem de fato uma grande Sociologia da Religião, mas não é, repito, um ‘sociólogo da religião’ como os hoje conhecemos ou somos”.

Os três pilares da Sociologia Moderna, Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber deixaram suas contribuições para o estudo do fenômeno religioso. Cada um à sua maneira e como reflexo do período histórico em que viveram:

Traduzindo a relação que existe entre o pensamento e a organização social, sofrendo as influências particulares das sociedades em que viviam e da posição que dentro de cada sociedade assumiam e, dos pontos de partida filosóficos em que se fundava, os criadores da ciência da sociedade conseguiram lançar as bases de uma nova ciência na proporção em que refletiam, em suas obras, os problemas de seu tempo. (COSTA PINTO, 1965, p. 38 apud CASTRO; DIAS, 1992, p. 1).

Marx via a religião como uma alienação da sociedade, uma triste consolação de muitos, enquanto Durkheim enxergava a sua função social, a vendo como um fenômeno social ou um fato eminentemente social. Já em Weber a associação entre sociedade e fenômeno religioso fica ainda mais evidente como esfera valorativa. Para ele a religião tinha muita influência sobre as diversas esferas de valores da sociedade até o advento da modernidade:

Max Weber vai defender a tese que antes da modernidade, a esfera religiosa possuía uma importante – e decisiva – influência sobre as demais esferas de valores da sociedade, balizando a religião os comportamentos políticos, econômicos, sexuais, entre outros. Com o processo de racionalização ocorrido no ocidente, a religião perdeu esse caráter determinante em relação às outras esferas de valores, mas ainda possuindo capacidade relativa de influenciar as demais esferas. (LEÃO, 2015, p. 19).

Há um senso comum sociológico que explica que a decrescente força da religião está associada à sociedade moderna secularizada e laica do século XIX e XX. Aliás Silva e Silva

(2012, p. 297) definem a modernidade como “um conjunto amplo de modificações nas estruturas sociais do Ocidente, a partir de um processo longo de racionalização da vida”. Isso por que como explica Oro:

Segundo uma noção muito difundida nas Ciências Sociais, vivemos numa sociedade secularizada, onde a religião não se constitui mais em instância instituinte e fundante do social e do existir humano, pois desde o advento da modernidade ela perdeu sua importância simbólica, sua credibilidade e plausibilidade social. Ainda segundo esta noção, as demais instâncias do agir social – ciência, política, economia, justiça, a gestão da saúde, o sistema educativo etc – se autonomizaram da religião, encontrando legitimação em si mesmas, ficando a religião restrita à esfera subjetiva do ser humano. (ORO, 2004, p. 301).

Os conceitos racionalização e secularização são recorrentes na obra de Max Weber e muitas vezes são atrelados ao termo desencantamento do mundo.

O conceito de “racionalização” em Weber era complexo e ele se utilizou desse termo para abranger três conjuntos de fenômenos relacionados entre si: (1) o que ele referia diversamente como (no aspecto positivo) “intelectualização” ou (no aspecto negativo) como “desencantamento” (Entzauberung) do mundo; (2) o crescimento da racionalidade no sentido do “elo metodológico entre um determinado fim prático estabelecido e o uso de um cálculo crescentemente preciso dos meios adequados”; (3) e o crescimento da racionalidade no sentido da formação de uma “ética que fosse sistematicamente e de modo não ambíguo orientada pra objetivos fixados”. (GIDDENS, 1998, p. 55 apud ALCÂNTARA, 2007, p. 187).

Na visão do sociólogo britânico Giddens o termo racionalização abarca esses três conjuntos de fenômenos que se inter-relacionam. Porém a racionalização moderna de Weber é constantemente associada ao primeiro grupo, principalmente ao termo desencantamento do mundo, que por sua vez é relacionado também a secularização. O que gera uma confusão, já que o termo desencantamento está ligado a ‘magia’ e o termo secularização a ‘religião’.

Falar em “desencantamento” significa já dizer que o mundo se encontrava antes “encantado” de alguma maneira. Essa maneira, como se poderá ver adiante, é a da *magia*. Falar em “racionalização” significa dizer que o desencantamento se processa em um sentido determinado: aquele de uma vitória progressiva do “racional” sobre o “mágico”. (NOBRE, 2008, p. 286).

Mas alguns sociólogos entendem que os conceitos de magia e religião, na verdade, se misturam, se confundem na obra desse estudioso, pois “ao contrário de Durkheim, Weber rejeita dualismos. Magia e religião não se excluem, se solidarizam, se imiscuem” e “de Weber, podemos compreender como a racionalização moderna atua no desgaste das instituições religiosas e na constituição da história econômica das civilizações”. (ARAÚJO JR., 2013, p.7).

Se olharmos a tradução da palavra desencantamento que provem do alemão *Entzauberung*, podemos chegar à conclusão de que essa expressão está definitivamente ligada a ‘magia’, pois em sentido literal significa ‘desmagificação’. Mas como ela é usualmente aliada aos termos racionalização e secularização parece que acaba por incorporar suas significações.

Segundo Alcântara (2007), Weber ingenuamente acreditava que o processo de racionalização retiraria de nossas vidas os elementos da “magia”, nos colocando no que ele designou de “jaula de ferro”, sendo essa a condenação do indivíduo moderno, qual seja, transformando o mundo e nós em seres “desencantados”. Ela inclusive corrobora que racionalizar implica, entre outras coisas, em desencantar (p. 187) e que a secularização implica numa racionalização do mundo (p. 188).

Mas a secularização, por sua vez, implica não na ausência da magia e sim no abandono da religião, liberação com relação a ela. Pois bem, nesse sentido, a secularização faz parte do processo de “desencantamento do mundo” que, por sua vez, representa parte do que ele considerou ser o processo de racionalização da vida social. (ALCÂNTARA, 2007, p. 190-191).

Entre discordâncias sobre o entendimento do conceito weberiano desencantamento do mundo. Conceito esse que é tido por alguns estudiosos, MacRae, Koch e Ghosh, como um empréstimo de Weber do poeta Schiller, fato que Pierucci (2013) discorda. É dessa maneira que concluímos este tópico. No seguinte apresentaremos o conceito que guia este estudo no que cabe a respondermos o segundo problema desta pesquisa.

### 3.2 O DESENCANTAMENTO DA TOPONÍMIA

Após revisitar a Sociologia clássica no que tange ao fenômeno religioso em Marx, Durkheim e principalmente em Weber. Nessa parte final da dissertação nos resta responder ao segundo problema ao qual nos propomos desde o início: Quais as implicações desse processo denominativo na sociedade local?

A análise da relação religião-sociedade por meio do processo de nomear pode refletir, entre outras coisas, a cosmovisão da sociedade local. Mas primeiro antes de dar prosseguimento a explicação é necessário entendermos o conceito desencantamento da toponímia. Tal termo foi criado em 2004, pelo historiador brasileiro Sérgio da Mata<sup>5</sup> e foi inspirado no conceito

---

<sup>5</sup> Professor adjunto de Teoria e Metodologia da História da Universidade Federal de Ouro Preto. Graduado (1990) e mestre (1996) em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Sua tese de doutorado em História, defendida em 2002 na Universidade de Colônia, obteve a distinção 'summa cum laude'. Atuou como pesquisador convidado no Instituto Max Weber para Estudos de Ciência Social e Ciência Cultural da Universidade de Erfurt

desencantamento do mundo de Weber, e aparece em textos (2004, 2005), de mesmo nome, de sua autoria. Em todos esses textos, da Mata aborda a questão da progressiva laicização dos nomes de povoações em Minas Gerais, ocorrida na primeira metade do século XX.

Antes de entendermos o termo desencantamento da toponímia se faz necessário explicar que o historiador Sérgio da Mata alia de forma análoga o conceito weberiano desencantamento do mundo ao termo racionalização: “por um processo de progressiva racionalização - signo lingüístico evidente daquilo que Max Weber chamou ‘desencantamento do mundo’”. (MATA, 2005, p. 124). Portanto é nesse sentido que o termo desencantamento da toponímia precisa ser compreendido, como a racionalização dos nomes de lugares. Por diversas vezes, da Mata se faz entender dessa forma. A respeito do processo de laicização sofrido pelos nomes de povoações em Minas Gerais durante o século XX, ele afirma que

Veremos que o desencantamento da toponímia foi resultante da adoção de determinadas políticas públicas - produto de uma *racionalização compulsória*, se assim podemos dizer. Essa racionalização não expressava, portanto, uma transformação estrutural da visão de mundo tradicional. A um desencantamento da toponímia não necessariamente corresponde um desencantamento do mundo. (MATA, 2005, p. 128. Grifos do autor).

Para esse estudioso, desencantamento do mundo e racionalização caminham juntos na análise de Max Weber. (2006b, p. 21). Outro termo que ele associa de maneira símile ao conceito de desencantamento do mundo é a palavra secularização:

A “secularização”. Este termo traduz uma idéia extremamente difundida (basta mencionar a “morte de Deus” nietzscheana ou o famoso ensaio “O futuro de uma ilusão”, de Freud), segundo a qual, na modernidade, o espaço da religião tende a se estreitar cada vez mais em virtude da afirmação do pensamento racionalista. Weber ofereceu uma expressão que consolidou-se como a imagem deste suposto refluxo do religioso. Ele fala em progressivo *Entzauberung der Welt*, desencantamento do mundo. (MATA, 2000, p. 185).

Aliás, da Mata sempre que pode comenta sobre o caráter enganador do termo secularização (2006a, p. 42). Inclusive pautando-se no sociólogo, Thomas Luckmann, ele afirma em um de seus textos, que a secularização é um mito moderno.

Para os que ainda acreditam no mito da secularização, a persistência da religião nas sociedades modernas é um escândalo. Ao pensar a religião como uma expressão da *conditio humana*, Thomas Luckmann nos permite escapar das aporias em que caíram as teorias tradicionais do religioso. (MATA, 2014, p. 204).

---

(2008). Pós-doutorado (2009-2010) pela Faculdade de Ciências Culturais da Europa-Universität Viadrina (Frankfurt/Oder). Pesquisa os seguintes temas: Max Weber e seu contexto intelectual, conhecimento histórico e história intelectual na Alemanha dos séculos XIX-XX, religião e modernidade. (MATA, 2018).

Isso porque “Para Luckmann, se por secularização se entende o esvaecimento do religioso, a secularização não passa de um mito. Não podemos nos livrar da religião porque a ela é uma constante antropológica”. (MATA, 2014, p. 196).

E apesar desse historiador ter se inspirado no conceito weberiano, desencantamento do mundo para criar o seu, desencantamento da toponímia. Ele entende que Weber errou ao criar essa tese:

Um dos erros de Max Weber foi o de ter apostado na tese do «desencantamento do mundo». A experiência do sagrado encontrou sempre novas formas de expressão social, de maneira que nenhum analista atento se negaria a reconhecer que o homem contemporâneo vive num universo tão «encantado» quanto o dos seus antepassados. A crença generalizada na astrologia, o sucesso da chamada literatura de auto-ajuda, a proliferação de cursos de motivação (« Motivationstraining ») ou a revalorização da mística oriental são apenas algumas das formas por meio das quais indivíduos ou grupos vivenciam atualmente aquilo que em outras épocas – a nível cognitivo, normativo, associativo ou emocional – era gerenciado quase que exclusivamente por seitas ou Igrejas. (MATA, 2002, p. 52).

Esse historiador chega a chamar o desencantamento do mundo de a metáfora weberiana (2014, p. 193):

Para voltar ao nosso ponto de partida: “desencantamento do mundo” é inegavelmente uma bela metáfora. Mas, como toda metáfora, ela mais evoca que explica. Se um virtuoso do secularismo como Antônio Flávio Pierucci acerta ao dizer que há, em Max Weber, uma “plácida certeza da perda de valor cultural da transcendência religiosa”, então o melhor – em vista dos desenvolvimentos ocorridos nas últimas décadas – então o melhor mesmo seja virar esta página da história das ideias sociológicas. (MATA, 2014, p. 201).

Apesar das conjecturas racionalistas anunciarem um desencantamento do mundo, Sérgio da Mata afirma que a religião ainda preserva sua importância na contemporaneidade e atesta isso em um de seus estudos intitulados “O desencantamento da toponímia”. Neles da Mata estudou e analisou a presença efetiva dos motivos religiosos relacionados ao catolicismo nos topônimos de Minas Gerais no século XIX, e os comparou com dados obtidos nos fins do século XX. Os topônimos escolhidos, no caso, foram os nomes dos arraiais que posteriormente se tornaram cidades. Aliás a intenção dele era estudar a relação entre as crenças, as práticas religiosas e a proto-urbanização, que ele define como “a fase inicial de formação dos antigos arraiais”. (MATA, 2005, p. 116). No final da pesquisa, ele sintetiza suas conclusões em seis pontos:

a) Motivos religiosos apareciam de forma visível apenas nos nomes de populações oitocentistas, sendo praticamente residuais nos nomes de fazendas e sítios. A presença dos hagiopônimos nunca foi tão esmagadora quanto pretendiam os historiadores

católicos; b) Desencantamento da toponímia não implica, necessariamente, em desencantamento do mundo; c) Somente nas primeiras décadas do século XX o Estado passa a legislar no campo da toponímia, estendendo a ela a lógica da racionalização presente em outras esferas da vida social; d) A racionalização dos nomes de povoações baseou-se em dois princípios básicos: ênfase na *simplicidade* e no *autóctone*; e) Se não se pode falar em "extermínio sistemático" da toponímia mineira tradicional, um dos claros resultados desta política - elaborada em consonância com as diretrizes ideológicas do Estado brasileiro na primeira metade do século XX - foi o inevitável expurgo de motivos ligados ao sobrenatural católico nos nomes das povoações; f) É impróprio postular a indissociabilidade histórica entre religião e espaço, mas não a indissociabilidade entre representações coletivas (que podem ou não ser religiosas *tout court*) e espaço. (MATA, 2005, p. 135-136).

Isso posto, ele concluiu que houve um desencantamento na toponímia mineira, ou seja, aconteceu uma simplificação dos nomes, houve a perda da influência religiosa nos topônimos por ele estudado, e essa foi resultante da adoção de determinadas políticas públicas, produto de uma racionalização compulsória da modernidade.

A conclusão à qual chegamos acerca do termo criado por da Mata foi a seguinte. Ele aproxima o termo desencantamento da toponímia das palavras secularização e racionalização, o mesmo que alguns estudiosos o fazem com o vocábulo desencantamento do mundo. Dessa forma, é como se a expressão desencantamento da toponímia fosse sinônima de secularização e com isso passasse a ideia de ‘perda da motivação religiosa dos topônimos’ e, por sua vez, sinônima de racionalização transmitindo a ideia de ‘simplificação dos nomes de lugares’. Dessa forma, pautando-se no conceito criado por esse historiador desejamos verificar se alguns nomes de bairros, topônimos, em algum momento perderam sua motivação religiosa.

Antes de dar prosseguimento à análise, é importante dizer o quão curioso é ver um historiador utilizar a onomástica para fazer um estudo. Inclusive ele chega a afirmar em um de seus textos no qual aborda essa pesquisa o seguinte: “De todos os inúmeros recursos à disposição do historiador interessado em analisar a relação entre religião e sociedade, é provável que a onomástica seja um dos mais fascinantes – e um dos menos utilizados”. (MATA, 2004, p. 1).

Dando prosseguimento, como foi respondido no capítulo anterior, dos 298 bairros de Anápolis, sessenta apresentam motivação religiosa, ou seja, cerca de 20% do total. Depois de analisar a documentação existente de todos esses bairros foi verificado nesse momento que apenas três perderam a motivação religiosa. E são os seguintes:

#### QUADRO 63 - FICHA 1 ANA PAULA

<b>Topônimo:</b> Ana Paula.
-----------------------------

<p><b>Localização:</b> área total do perímetro: 215.985,00m<sup>2</sup>; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Jardim Gonçalves através da Rua Joel; Vila Santa Rosa, através da Rua Alfredo Jacomossi - Rua Pérola, Rua Monteiro Lobato; Vila João Luiz de Oliveira, através de quadras de lotes; Vila Miguel Jorge, através da Rua José Ribeiro Guimarães e quadras de lotes; Estádio Jonas Duarte, através da Rua 13; Córrego Góis.</p>
<p>ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.</p>
<p><b>Elemento Geográfico:</b> bairro Jardim.</p>
<p><b>Ano do loteamento:</b> 1982.</p>
<p><b>Taxionomia:</b> Antropotopônimo.</p>
<p><b>Origem linguística:</b> Hebraico + Latim.</p>
<p><b>Etimologia:</b> Ana, hebraico <i>Hanah, Hannah</i>: “graça, clemência, mercê”. Outra forma: Anna. (GUÉRIOS, 1994, p. 65). + Paulo - A, latim <i>Paulus, Paullus</i>: “pequeno”. Compare os adjetivos <i>paulus</i> e <i>paucus</i>. A forma latina com dois <i>-ll-</i> é um diminutivo expressivo ou afetivo. Os romanos usavam-no muito como sobrenome. (GUÉRIOS, 1994, p. 263).</p>
<p><b>Histórico:</b> O Prefeito Municipal de Anápolis, usando de suas atribuições, e, tendo em vista o que consta do processo nº 3.061/62, de 12/11/1962. RESOLVE: Aprovar o loteamento denominado “SÃO MIGUEL”, desta cidade, de propriedade do Sr. Miguel Elias.</p> <p>ANÁPOLIS. Portaria nº 805, de 01 de dezembro de 1964. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.</p> <p>O PREFEITO MUNICIPAL DE ANÁPOLIS, usando de suas atribuições legais e, considerando os autos do Processo nº 010982, de 09 de novembro de 1982, que contém pedido da firma Salem, Jorge &amp; Cia Ltda., para mudança do nome do Loteamento São Miguel, de sua propriedade para “Jardim Ana Paula”. Considerando que foi o antigo Loteamento São Miguel aprovado pela Portaria nº 805, de 1º de dezembro de 1964.</p> <p>ANÁPOLIS. Portaria nº 2785, de 27 de novembro de 1982. In: Mapoteca de Anápolis, 2017.</p>
<p><b>Designações anteriores:</b> Vila <i>São Miguel</i>.</p>
<p><b>Causa da designação:</b> A motivação religiosa foi o primeiro motivo para a nomeação desse bairro, como consta na Portaria nº 805/64, cujo nome foi Vila <i>São Miguel</i>. Em um segundo momento, em 1982 o nome do bairro perde essa motivação e passa a ser nomeado Jardim <i>Ana Paula</i>.</p>

#### QUADRO 64 - FICHA 2 GRANVILLE

<p><b>Topônimo:</b> Granville.</p>
<p><b>Localização:</b> área total do perímetro: 899.834,32m<sup>2</sup>; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelo loteamento Jardim Primavera 1ª etapa, através de áreas públicas de terreno; Residencial Vila Feliz, através da Avenida Ayrton Senna; Conjunto Filostro Machado, através da Avenida Ayrton Senna; Residencial Morada Nova, através da Avenida Ayrton Senna; Córregos Bananal e São Silvestre, através de quadras; áreas não loteadas de propriedade particular.</p> <p>ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.</p>
<p><b>Elemento Geográfico:</b> bairro.</p>
<p><b>Ano de loteamento:</b> 1979.</p>

<b>Taxionomia:</b> Corotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Francês.
<b>Etimologia:</b> Podemos crer que tal termo seja uma palavra composta por aglutinação dos termos <i>Gran</i> do francês <i>Grand</i> ‘grande’ (MAROTE, 2009, p. 169) + <i>Ville</i> do francês ‘cidade’ (MAROTE, 2009, p. 346).
<b>Histórico:</b> O PREFEITO MUNICIPAL DE ANÁPOLIS, no uso de atribuições de seu cargo e, Tendo em vista o requerimento do Engenheiro Toichi Hashigoshi pedindo a aprovação do loteamento denominado “Paraiso”. Considerando que o requerente satisfaz as exigências, legais, RESOLVE: Aprovar o loteamento denominado Paraiso.  ANÁPOLIS, Portaria nº 570, de 11 de setembro de 1957. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.  O Dr. TOICHI HASHIGOSHI e sua mulher requerem a alteração do nome de seu loteamento denominado “Paraiso” para “GRANVILLE”, alegando que posteriormente à aprovação daquele loteamento a municipalidade aprovava o “Paraiso SS” o que poderá lhes trazer confusões e possíveis prejuízos.  ANÁPOLIS, Parecer nº 121/78, de 06 de setembro de 1978. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.  O loteamento Paraiso, de propriedade de TOICHI HASHIGOSHI, aprovado pela Portaria nº 570, de 11 de setembro de 1977, (SIC) passa a denominar-se “Loteamento Granville”.  ANÁPOLIS, Portaria nº 107, de 08 de março de 1979. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> bairro <i>Paráiso</i> .
<b>Causa da designação:</b> O primeiro nome desse bairro foi <i>Paráiso</i> , nome atribuído em 1957 pelo proprietário. Como em 1960 foi criado o bairro <i>Paráiso ‘SS’</i> , o proprietário pediu para que o seu loteamento mudasse para <i>Granville</i> . Por curiosidade, <i>Granville</i> é o nome de uma comuna francesa no departamento de Mancha localizada na Baixa Normandia, o que reforça que a etimologia dessa palavra deva ser de origem francesa.

#### QUADRO 65 - FICHA 3 CENTRAL

<b>Topônimo:</b> Central.
<b>Localização:</b> área total do perímetro: 2.550.773,34m <sup>2</sup> ; limites e confrontações: situado entre seus diversos lados pelos loteamentos: Vila Santana, através da Avenida Brasil; Andracel Center através da Avenida Brasil, Beira Rio e Córrego das Antas; Vila Santa Maria de Nazareth, através do Córrego das Antas; Bairro Cidade Jardim, através da Avenida Fayad Hanna e Xavier de Almeida; Vila Corumbá, através da Avenida Fayad Hanna; Bairro Maracanã, através da Avenida Xavier de Almeida e Ruas Dona Sandita, Dona Doca, Visconde de Itaúna, Afonso Prado -Rua 10 e quadras de lotes; Jardim Alexandrina, através da Avenida Tiradentes e quadras de lotes; Itaramaraty 3ª etapa, através pela Rua A. Galdino; Anexo Bom Sucesso, através da Travessa Dom Bosco; Vila Santa Helena, através de quadras de lotes; Bairro São Lourenço, através da Rua Firmo de Velasco, quadras de lotes e área do Cemitério São Miguel; Vila São João, através da Rua João Pedro Rosa -Rua B, Benjamin Constant, quadras de lotes e Cemitério São Miguel; Vila Menino Jesus, através da Rua Menino Jesus e Rua Firmo de Velasco; Vila São Jorge, através da Rua Oscar Niemeyer; Vila Santa Maria, através da Avenida Doutor Luiz de Lima –Avenida Federal, Ruas Quintino Bocaiúva, Firmo de Velasco e quadras de lotes; Vila Brasil, através da Rua Martinho de Oliveira, Erasmo Braga, Belmiro César, Avenida

Goiás e quadras de lotes; Bairro Dom Pedro II, através do Córrego Catingueiro; Vila União, através da Rua Sócrates Diniz, Rua Doutor Zaqueu C. - Amazonas, Rua Jornalista Arlindo Cardoso e quadras de lotes; Vila Falluh, através da Doutor Zaqueu Crispim - Amazonas e quadras de lotes; Jardim Bela Vista, através da Rua Benedito Gonçalves de Carvalho -Pará e Avenida Professor Benvindo Machado; Jardim Nações Unidas, através da Ruas Portugal, Sírio Libanesa e quadras de lotes; Vila Góis, através Marginal Ayrton Senna e Miguel João; Vila Santa Terezinha, através da Avenida Pedro Ludovico, Engenheiro Portela e quadras de lotes; Vila de Lourdes, através da Rua Eugênio Jardim e quadras de lotes; Vila Tocantins, através da Rua Eugênio Jardim e quadras de lotes; Vila Jussara, através da Rua Amazílio Lino de Souza e Córrego Góis; Vila Goiás, através de quadras de lotes; Bairro Jundiáí Industrial, através da Avenida Presidente Vargas; Bairro Jundiáí, através da Avenida JK; Vila Santana, através de quadras de lotes.
ANÁPOLIS, Lei complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009.
<b>Elemento Geográfico:</b> bairro Setor.
<b>Ano de loteamento:</b> -
<b>Taxionomia:</b> Cardinotopônimo.
<b>Origem linguística:</b> Latim.
<b>Etimologia:</b> Central 1813. Do latim <i>centralis -e</i> . (CUNHA, 1982, p. 172).
<b>Histórico:</b> O PREFEITO MUNICIPAL DE ANÁPOLIS, usando de suas atribuições, RESOLVE: Aprovar a modificação no loteamento da “Vila Santa Izabel” desta cidade, já aprovado anteriormente pelo alvará de licença nº 354/45, de 19 de setembro de 1945, conforme requerimento do proprietário Sr. Abrão Felipe Zacharias.
ANÁPOLIS, Portaria nº 47/55. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.
<b>Designações anteriores:</b> bairro <i>Vila Santa Izabel</i> .
<b>Causa da designação:</b> O bairro <i>Vila Santa Izabel</i> , criado em 1945, não aparece em nenhum documento atual da prefeitura e nem no <i>google maps</i> . Após a análise do mapa encontrado na pasta desse bairro na Mapoteca, pôde ser constatado que ele ficava localizado entre a Rua <i>Barão de Cotegipe</i> e a Avenida <i>Goiás</i> , hoje Setor <i>Central</i> . O mais provável que tenha ocorrido é que esse bairro tenha sido incorporado ao que hoje conhecemos como <i>Setor Central</i> , pois ele não existe mais.

Após essa análise o que podemos constatar foi que não houve um desencantamento da toponímia local com grande expressividade, no que se refere aos nomes de bairros. Apenas esses três bairros perderam a motivação religiosa e a perderam não por imposição de seus governantes, talvez somente no último caso, nos dois primeiros os proprietários pediram a mudança dos nomes.

No caso do bairro Jardim *Ana Paula*, o proprietário pediu a mudança do nome sem maiores explicações. No segundo caso, no bairro *Granville*, o proprietário explica porque resolveu mudar o nome, porém não o fez para outro nome de motivação religiosa, assim como o primeiro também não o fez. O que dá margem para uma possível racionalização no momento da segunda nomeação.

Respondendo ao segundo problema desta pesquisa: Quais as implicações desse processo denominativo na sociedade local? A resposta é simples, não houve um desencantamento significativo na toponímia local no que tange aos nomes de seus bairros e o pouco desencantamento que houve não está atrelado a nenhum desencantamento do mundo em Anápolis. Com exceção, desses três bairros, os demais nomes de bairros de motivação religiosa continuam assim sendo até hoje, por sua vez, a população local também continua sendo religiosa como foi explicado nos capítulos anteriores.

A título de curiosidade, o mesmo não ocorreu com alguns hodônimos da cidade. Alves (2014) comenta que a Rua *Coronel Batista* se chamava *São Bento* e a Rua *São José* hoje é a atual Rua *Primeiro de Maio*. Ele lamenta não ter conseguido descobrir os nomes atuais de outros hodônimos com nomes de santos e explica porque teria ocorrido essas mudanças:

Infelizmente, faltou-se descobrir quais ruas de hoje seriam a Rua São Pedro, a Rua de Santo Antônio e a Rua de São Joaquim. Os dados foram insuficientes para comprovar quais dessas ruas seriam respectivamente as atuais ruas 10 de março, Desembargador Jayme e Manoel d'Abadia. Como se observou, as primeiras ruas de Anápolis eram batizadas com o nome de santos católicos, e isso, se deu na época do Império. Com a proclamação da República, inspirada em ideais positivistas e fomentando a secularização do Estado, o governo republicano determinara como primeiras providências: a separação entre o Estado e a Igreja, pondo fim ao regime do Padroado. [...] Houve também a mudança de nome de grande parte dos municípios brasileiros, que recebiam nomes de santos. As ruas não ficaram de fora, as que possuíam nomes de santos foram renomeadas com datas ou personalidades político-históricas, atendendo aos interesses locais. Na Vila de Sant'Ana das Antas, o intendente municipal Manoel d'Abadia determinará a mudança de nome nos logradouros públicos em 1897, quando então, as ruas da vila receberam os nomes de Cel. Batista, 1º de Maio, 10 de Março, Dr. Jayme, Comercial. (ALVES, 2014, p. 57-58).

Alves relata nessa citação, que muitos nomes de municípios brasileiros que receberam nomes de santos sofreram mudanças após a Proclamação da República. No entanto, esse não foi o caso de Anápolis, que permanece com o nome de influência religiosa desde os tempos em que era um povoado. Pouquíssimos bairros perderam a motivação religiosa, ao contrário de algumas ruas muito importantes da cidade, mas cabe a uma outra pesquisa estudar mais detalhadamente os hodônimos locais. A conclusão a que se chega, neste capítulo, embasados na afirmação de Sérgio da Mata, “a um desencantamento da toponímia não necessariamente corresponde um desencantamento do mundo”. (MATA, 2005, p. 128), é que não houve desencantamento da toponímia e nem do mundo na localidade, não de maneira considerável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do princípio de que a cidade de Anápolis carrega em seu nome, história e realidade uma forte influência religiosa, que por sua vez se reflete em sua população local. Foi interessante, nesta pesquisa, analisar se o processo denominativo, que teve início com o nome da cidade se perpetuou em outros topônimos, no caso, nos nomes de seus bairros.

Anápolis, cidade que surgiu de um aglomerado humano contrapondo-se as cidades planejadas de Goiânia e Brasília, assim como muitas cidades brasileiras criadas no período Imperial sob o regime do Padroado, deve seu ‘surgimento’ a um patrimônio religioso. Nesse caso, ao patrimônio de Santana, padroeira dessa localidade e inspiração para o seu nome. Aliás a história inicial da cidade gira em torno de um mito, sendo que em suas duas versões lendárias o nome de Santa Ana aparece.

A religiosidade presente nessa cidade é notória e permanece bem enraizada na cultura local, tanto que durante o Carnaval, a população tem a sua disposição, inúmeras festividades religiosas, ao invés de festas típicas dessa época. O cenário religioso da cidade compõe-se da Igreja Católica Apostólica Romana, do Espiritismo, do Protestantismo, da Igreja Ortodoxa, do Islamismo, entre outras. O que demonstra sua diversidade religiosa.

As três religiões com o maior número de adeptos na cidade, o Catolicismo, o Protestantismo e o Espiritismo, se fazem presente e estão ligadas a diversas instituições da cidade, sendo esse o caso do Colégio São Francisco, da Santa Casa de Misericórdia, da Rádio São Francisco, do Hospital Evangélico Goiano, da Associação Educativa Evangélica mantenedora do Colégio Couto Magalhães e da Unievangélica, do Hospital Espírita de Psiquiatria, conhecido hoje como Instituto de Medicina do Comportamento Eurípedes Barsanulfo (INMCEB), do Lar da Criança Humberto de Campos, da Casa da Criança de Anápolis.

A respeito dos topônimos, objeto de estudo desta pesquisa, foi concluído que os nomes de bairros da cidade não seguem nenhum tipo de lei que regulamenta o processo de nomeação dos logradouros públicos, assim como ocorrem em outras cidades brasileiras. O que acaba sendo positivo, pois nos permitiu ter acesso a cosmovisão da população local e não a dos chefes do poder executivo municipal. Com este estudo foi constatado que essa cidade possui 298 bairros. A maioria desses, surgiram durante a década de 50, talvez como reflexo do aumento populacional ocasionado pela construção de Brasília.

O estudo onomástico-toponímico, ainda recente no Brasil em comparação com a Europa, teve como seu precursor o geógrafo e historiador brasileiro Theodoro Sampaio. Sua

obra *O Tupi na Geographia Nacional* (1901) é considerada a mais antiga ao tratar da toponímia brasileira. Depois dele, vieram muitos outros estudiosos de diferentes áreas, principalmente, da Linguística. E mesmo esse estudo estando concentrado nas mãos de pesquisadores da área das letras, esses têm tentado garantir a presença da interdisciplinaridade, o que tem tornado esse tipo pesquisa ainda mais enriquecedora.

Lembrando que a nossa intenção com esta pesquisa era estudar a relação entre sociedade e religião tendo como fonte, os nomes, ou melhor, o processo denominativo dos bairros de Anápolis. Essa análise nos permitiu verificar que apenas sessenta bairros da cidade, cerca de 20% do total, possuem motivação religiosa. Sendo a maioria, hagiotopônimos, nomes de santos e santas, portanto, relacionados a religião Católica. O que demonstra uma certa coerência com os dados do IBGE (2010), pois dos 92,65% declarados cristãos, 56,84% são católicos. É no mínimo curioso ver a religião católica tendo o maior número de fiéis e sendo a religião com maior influência nesse processo de nomear. Com certeza esse não era o resultado esperado, visto que Anápolis é famosa por seus fiéis evangélicos.

Com relação aos topônimos que perderam a motivação religiosa, apenas o nome de três bairros se encaixam nesse padrão, quer dizer, cerca de 1% do total. O que nos permite afirmar que a toponímia anapolina, no que se refere aos nomes de seus bairros, não sofreu o que o historiador Sérgio da Mata denominou desencantamento da toponímia, e por sua vez, a população local não sofreu uma espécie de “desencantamento do mundo”, pois Anápolis, a cidade de Santa Ana, ainda é uma cidade reconhecidamente religiosa. Por fim, a respeito do conceito de Weber, desencantamento do mundo, se desencantar é desmagificar, ele claramente teve seu sentido ampliado.

## REFERÊNCIAS

### Bibliografia

A BÍBLIA da Mulher: leitura, devocional, estudo. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

AIRES NETO, Abílio Wolney. *O diário de Abílio Wolney*. Goiânia: Kelps, 2006.

ALCÂNTARA, Fernanda Henrique Cupertino. *Os clássicos no cotidiano*: Auguste Comte, Karl Marx, Aléxis de Tocqueville, Émile Durkheim, Max Weber. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

ALMEIDA, Juliano Florczak. O curioso caso de padre Eustáquio: catolicismo, curas e fluxos de materiais. *Avá*, Buenos Aires, n. 27, dez. 2015. p. 29-46. Disponível em: <<http://www.scielo.org.ar/pdf/ava/n27/n27a02.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

ALVES, Daniel Araújo. *De Antas a Anápolis*: a história de formação do município. Goiânia: Kelps, 2014.

ANANIAS, Anna Carolina Chierotti dos Santos; ZAMARIANO, Marcia. Estudo toponímico do Caminho do Peabiru: contribuição ao resgate da história do Paraná. *Revista Patrimônio e Memória*, São Paulo, Unesp, v. 10, n. 2, p. 141-164, julho-dezembro, 2014. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/449/765>>. Acesso em: 07 jul. 2017.

ANÁPOLIS. *Economia*. Prefeitura. 2017. Disponível em: <<http://www.anapolis.go.gov.br/portal/anapolis/economia/>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

ANÁPOLIS. *História da Cidade*. Prefeitura. 2017. Disponível em: <<http://www.anapolis.go.gov.br/portal/anapolis/historia-da-cidade>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

ANÁPOLIS, Lei Complementar nº 115, de 28 de dezembro de 2005. Dispõe sobre a contribuição de iluminação pública - CIP e dá outras providências. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/go/a/anapolis/lei-complementar/2005/11/115/lei-complementar-n-115-2005-dispoe-sobre-a-contribuicao-de-iluminacao-publica-cip-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: 13 out. 2017.

ANÁPOLIS, Lei Complementar nº 218, de 28 de dezembro de 2009. Estabelece os limites, confrontações e áreas totais dos loteamentos e desmembramentos aprovados neste município, caracterizados como parcelamentos de solo, para fins comerciais. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/go/a/anapolis/leicomplementar/2009/21/218/leicomplementar-n-218-2009-estabelece-os-limites-confrontacoes-e-areas-totais-dos-loteamentos-e-desmembramentos-aprovados-neste-municipio-caracterizados-como-parcelamentos-de-solo-para-fins-comerciais>>. Acesso em: 13 out. 2017.

ANÁPOLIS. Projeto de Lei Complementar nº 001, de 15 de fevereiro de 2016. Dispõe sobre o Plano Diretor Participativo do Município de Anápolis. Disponível em: <<http://www.anapolis.go.gov.br/portal/arquivos/files/03Lei%20do%20Plano%20Diretor%20PDF.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

ANDRADE, Karylleila Santos. Atlas Toponímico do Tocantins (ATT): criação de um software para catalogação dos dados das fichas lexicográfico-toponímicas. *Revista PERcursos Linguísticos*, Vitória, v. 3, n. 7, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3902/4583>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

ANSEDE, Manuel. Fragmentos da cruz de Cristo dariam para “lotar um navio inteiro”. *El País*, 2016. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/23/ciencia/1458763912\\_305135.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/23/ciencia/1458763912_305135.html)>. Acesso em: 16 nov. 2017.

ANTIQUEIRA, Virgilio. *Cada Nome Uma História: dos Nomes Geográficos de São Bernardo do Campo aos Nomes das Ruas e Vilas do bairro de Rudge Ramos*. 2011. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-28092011-130233/pt-br.php>>. Acesso em: 24 ago. 2017.

ARAÚJO JR. Benedito Carlos. Prefácio. In: SILVA, Antonio Leandro da. *Indivíduos sem-religião: Desencantamento Metafísico do Mundo*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

BALANÇO Social: 2011. Anápolis: Centro Universitário de Anápolis/UniEVANGÉLICA, 2011.

BORGES, Humberto Crispim. *História de Anápolis*. Goiânia: Kelps, 2011.

BORGES, Shayene Fernandes. *Ocupar, morar e viver: a análise do processo de formação dos aglomerados subnormais Novo Paraíso I e II no município de Anápolis (GO)*. 2015. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades:TECCER, Universidade Estadual de Goiás. Anápolis, 2015. Disponível em: <[http://www.cdn.ueg.br/source/teccer/conteudoN/4862/DISSERTAO\\_SHAY\\_FINAL.pdf](http://www.cdn.ueg.br/source/teccer/conteudoN/4862/DISSERTAO_SHAY_FINAL.pdf)>. Acesso em: 28 fev. 2018.

CAFÉTORAH. O Jardim das Oliveiras ou Jardim do Getsêmani em Jersusalém. Disponível em:<<https://www.cafetorah.com/o-jardim-das-oliveiras-ou-jardim-do-getsemani-em-jerusalem-2/>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

CANDIOTA (RS), Lei Municipal nº 160/94. Regulamenta a denominação de bairros, logradouros públicos e bens públicos. Disponível em: <<http://www.camaracandiota.rs.gov.br/leis/Lei%20160.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

CARDOSO, Levy Armando. *Toponímia Brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1961.

CARTER, Joseph. *Os Evangelhos Apócrifos*. Higienópolis: Isis, 2003.

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. Estudos de Onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; MARÇALO, Maria João; MICHELETTI, Guaraciaba; MARTIN, Vima Lia de Rossi. (Org.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008, v. , p. -. Disponível em: <[http://dlev.fflch.usp.br/sites/dlev.fflch.usp.br/files/01\\_10.pdf](http://dlev.fflch.usp.br/sites/dlev.fflch.usp.br/files/01_10.pdf)>. Acesso em: 27 abr. 2017.

CARVALHO, Maria Aparecida de. A importância das fichas lexicográfico-toponímicas na elaboração do Atlas Toponímico do estado de Mato grosso. *Caderno Seminal Digital*, Rio de Janeiro, ano 19, v. 19, n. 19, p. 95-110, 2013. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/viewFile/12063/9444>>. Acesso em: 25 de ago. 2017.

CASTRO, Ana Maria de; DIAS, Edmundo Fernandes Dias. (Org.). *Introdução ao pensamento sociológico*. 9 ed. São Paulo: Editora Moraes, 1992.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Tradução: Luís Fugazzola Pimenta, Margareth de Castro Afeche Pimenta. 4 ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2014.

CERVI, Henrique E. *Santos e santas, patronos e protetores*. Aparecida: Editora Santuário, 1997.

CHIAROTTI, Miriam Vanessa de Moraes; CHIAROTTI, Tiziano Mamede. Os 140 anos da Igreja Sant'Ana: O marco histórico oficial de Anápolis (1871-2011). In: CADERNO de Pesquisas – Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”, Anápolis, ano 3, nº. 1 e 2. Anápolis, GO, 2011.

COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. Tradução: Fernando de Aguiar. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CRUZ, Frei Marco Aurélio da. Anápolis Filha de Sant'Ana. *Jornal Anunciai*, ano XI, n. 114, julho 2011.

CUNHA, Natalina Fernandes da. *A história do teatro em Anápolis*. Goiânia: Kelps, 2011.

CURVELO-MATOS, Heloisa Reis. *Análise Toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/MA*. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Fortaleza, 2014. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8930/1/2014\\_tese\\_hrcurvelo.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8930/1/2014_tese_hrcurvelo.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2017.

CRUZ terra santa. Santos e ícones católicos. 2018. Disponível em: <<http://cruzterrasanta.com.br/lista-completa-de-santos-e-icone-caticos/>>. Acesso em: 01 mar. 2018.

DI TIZIO, I. L. Santo André. *A causa toponímica na denominação dos seus bairros*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/sony/Downloads/IBERE\_LUIZ\_DI\_TIZIO.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2017.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo: 1554-1897*. São Paulo: Annablume, 1996a.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A terminologia nas ciências onomásticas. Estudo de caso: o Projeto ATESP (Altas toponímico do estado de São Paulo). In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Orgs.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Volume II. Campo Grande: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 459 - 471.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas Toponímico: um estudo de caso. In: *Acta Semiotica Et Linguistica*. v. 6. São Paulo: Plêiade, 1996b.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O problema das taxionomias toponímicas. Uma contribuição metodológica. *Língua e Literatura*, São Paulo, v. 4, p. 373-380, 1975. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/lingueliteratura/article/viewFile/122791/119267>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na Onomástica brasileira. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Volume II. Campo Grande: UFMS, 2004. p. 121 - 131.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DRUMOND, Carlos. Homenagem. Professor Plínio Marques da Silva Ayrosa. [1895-1961]. *Revista de História*, São Paulo, v. 29, n. 60, p. 407-418, 1964. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123257/119613>>. Acesso em: 03 mar. 2018.

ECKERT, Kleber; FROSI, Vitalina Maria. Os hodônimos da cidade de Lajeado-RS: sua natureza, suas interfaces. *Revista Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 8, n. 1, p. 228-249, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/articloe/viewFile/24499/14639>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

FAGGION, Carmen Maria; MISTURINI, Bruno. Toponímia e memória: nomes e lembranças. *Revista Linha D'Água*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 141-157, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/83370>>. Acesso em: 17 dez. 2016.

FERREIRA, Haydée Jayme. *Anápolis, sua vida, seu povo*. 2 ed. Goiânia: Kelps, 2011.

FILGUEIRAS, Z. F. Antroponímia italiana em Belo Horizonte: o caso da Regional Barreiro. *Linguasagem*, São Paulo, v. 1, p. sn-sn, 2012. Disponível em: <[http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao19/artigos/artigo\\_012.pdf](http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao19/artigos/artigo_012.pdf)>. Acesso em: 25 abril 2017.

FREITAS, Revalino Antonio de. *Anápolis: Passado e Presente*. Anápolis: Voga, 1995.

FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. Tradução de Luís Claudio de Castro e Costa. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

G1. João XXIII, o 'Papa bom', preparou a Igreja Católica para os novos tempos. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/04/joao-xxiii-o-papa-bom-preparou-igreja-catolica-para-os-novos-tempos.html>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

IBGE. *Anápolis*. 2010, 2016, 2017. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&coJ8>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

LEÃO, Rodrigo Augusto. Teoria Sociológica Clássica: o fenômeno religioso em Durkheim, Marx e Weber. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, ano 8, n. 22, maio-ago. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/28499/15664>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

MAGALHÃES, Erasmo d'Almeida. Resenhas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 2, p. 123-124, 1967. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/45653/49250>>. Acesso em: 03 mar. 2018.

MARX, Karl. Tradução: Alex Marins. *Manuscrisos Econômicos-Filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

MARX, Murillo. *Cidade no Brasil. Terra de quem?* São Paulo: Edusp. 1991.

MATA, Sérgio da. *Chão de Deus*. Catolicismo popular, espaço e proto-urbanização em Minas Gerais, Brasil. Séculos XVIII-XIX. 1. ed. Berlim: Wissenschaftlicher Verlag Berlin, 2002.

MATA, Sérgio da. *Currículo do Sistema Currículo Lattes*. Brasília, 07 mar. 2018. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4718332Z0>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

MATA, Sérgio da. O desencantamento da toponímia. In: IV SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE ESPAÇO E CULTURA, 2004, Rio de Janeiro. *Religião e Espaço: o debate interdisciplinar*, 2004.

MATA, Sérgio da. O desencantamento da toponímia. In: ROSENDAHL; Zeny; CORRÊA; Roberto Lobato. (Org.). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005. p. 115-140.

MATA, Sérgio da. O escândalo da religião à luz da protosociologia de Thomas Luckmann. *SÆculum – Revista de História*, João Pessoa, n. 30, p. 191-204, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/22244/12337>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

MATA, Sérgio da. O espaço da religião. *Caminhos*, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 31-47, jan./jun. 2006a. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

MATA, Sérgio da; MATA, Giulle Vieira da. Os irmãos Grimm entre romantismo, historicismo e folclorística. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, Belo Horizonte, v. 3, ano 3, n. 2, p. 1-24, abr./maio/jun. 2006b. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/PDF7/09%20ARTIGO%20SERGIO%20DA%20MATA.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

MATA, Sérgio da. Passado e Presente da Religião Civil. *Varia Historia*, Belo Horizonte, n. 23, p.180-204, jul. 2000. Disponível em: <[https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/5724bca1f699bb5ad641b49e/1462025381206/11\\_Mata%2C+Sergio.pdf](https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/5724bca1f699bb5ad641b49e/1462025381206/11_Mata%2C+Sergio.pdf)>. Acesso em: 05 mar. 2018.

MELO, Pedro Antonio Gomes. Um recorte do léxico toponímico indígena municipal alagoano: motivações toponímicas. *Interfaces*, Guarapuava, v. 4, n. 2, p. 39-51, dez. 2013. Disponível em: <[http://revistas.unicentro.br/index.php/revista\\_interfaces/article/view/2342/0](http://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/2342/0)>. Acesso em: 15 fev. 2017.

MENEZES, Joara Maria de Campos. *O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompéu*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR-7R6HCK/1258m.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 24 maio 2017.

MORALDI, Luigi. *Evangelhos Apócrifos*. São Paulo: Paulus, 1999.

NOBRE, Marcos. Racionalização e Desencantamento do Mundo. In: NOBRE, Marcos (Org.). *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas: Papirus, 2008.

NUNES, Veronica Ramalho; ANDRADE, Karylleila dos Santos. O Onoma e sua relação com a interdisciplinaridade nos parâmetros curriculares do ensino fundamental de Geografia: um estudo preliminar com foco na toponímia. *Revista Língua & Literatura*, Frederico Westphalen, v. 14, n. 23, p. 195-210, dez. 2012. Disponível em:

<<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/viewFile/379/1251>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

ORO, Ari Pedro. O apelo à religião. In: BOMBASSARO, Luiz Carlos; RI JÚNIOR, Arno Dal; PAVIANI, Jayme. (Org.). *As Interfaces do Humanismo Latino*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 301-316.

PIEL, Joseph M. Considerações gerais sobre toponímia e antroponímia galega. *Verba*, Santiago de Compostela, n. 6, p. 5-11, 1979. Disponível em: <[https://minerva.usc.es/xmlui/bitstream/handle/10347/3556/pg\\_007-014\\_verba6.pdf?sequence=1](https://minerva.usc.es/xmlui/bitstream/handle/10347/3556/pg_007-014_verba6.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 04 mar. 2018.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *O Desencantamento do Mundo: Todos os Passos do Conceito Em Max Weber*. 3 ed. São Paulo: FFLCH/USP/Editora 34, 2013.

PIRES, Orisvaldo. ESPECIAL 110 ANOS. As histórias de fé e devoção na construção de Anápolis. *Jornal Estado de Goiás*, 2017. Disponível: <<http://www.jornalestadodegoias.com.br/2017/08/01/especial-110-anos-as-historias-de-fe-e-devocao-na-construcao-de-anapolis/>>. Acesso em: 14 set. 2017.

POLONIAL, Juscelino Martins. *Anápolis nos tempos da ferrovia*. Goiânia: Kelps, 2011.

RAMOS, Eucarice de Souza. *História de Anápolis – Cidade de Ana: o começo*. Goiânia: Kelps, 2013.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim; BASTOS, Gleyce Ramos. Onomástica e possibilidades de releitura da história. *Revista Augustus*, Rio de Janeiro, ano 15, n. 30, p. 86-92, ago./ 2010. Disponível em: <[http://apl.unisuam.edu.br/augustus/images/edicao30/pdf/rev\\_aug\\_30\\_art10.pdf](http://apl.unisuam.edu.br/augustus/images/edicao30/pdf/rev_aug_30_art10.pdf)>. Acesso em: 09 ago. 2017.

RESENDE, Keila. (Coord.). *Anápolis 1907-2007: Cem anos de História*. Anápolis: Gráfica Terra Azul, 2007.

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na Geographia Nacional*, Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1901.

SANTO protetor. Santos Católicos. Conrado de Piacenza. 2011. Disponível em: <<http://www.santoprotetor.com/sao-conrado-de-piacenza/>>. Acesso em: 01 mar. 2018.  
SANTOS, Lúcia dos. *Os 50 santos mais venerados: suas histórias e orações*. São Paulo: Ediouro, 2006.

SARMATZ, Leandro. Espiritismo, que religião é essa? *Super Interessante*, 18 jan. 2017. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/espiritismo-que-religiao-e-essa/>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

SARTORI, T. O (2010). *Ruas de minha cidade: um estudo hodonímico*. 82 p. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade). Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/jspui/bitstream/11338/518/1/Dissertacao%20Trissia%20Ordovas%20Sartori.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

SHIAKU, Karen Iwata. Novo Paraíso: uma nova perspectiva para o Morro do Cachimbo. Disponível em: <<http://morrodocachimbo.blogspot.com.br/2012/02/apresentacao-1-9.html>>. Acesso em: 22 de julho de 2017.

SILVA, Antonio Leandro da. *Indivíduos sem-religião: Desencantamento Metafísico do Mundo*. Jundiá: Paco Editorial, 2013.

SILVA, Danúbia Aline. Toponímia Bíblica: Um Estudo dos Montes nas Escrituras Sagradas. In: I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (I SIMELP), 2008, São Paulo. I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa? (I SIMELP), 2008. Disponível em: <<http://dlev.fflch.usp.br/sites/dlev.fflch.usp.br/files/02-1.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

SILVA, Fernando Moreno da; SILVA, Anderson Camilo Machado da. A toponímia da região paranaense do norte pioneiro. *Revista (Con) Textos Linguísticos*, Vitória, v. 10, n. 17, p. 69-82, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/14792/10809>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. Currículo do Sistema Currículo Lattes. Brasília, 16 dez. 2017. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4739507dmun=520110&search=goias|anapolis|infograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

SOUSA, Alexandre Melo de. O sagrado na toponímia da Amazônia Ocidental Brasileira: as colocações do Seringal Alagoas. In: IX Fórum de Estudos Linguísticos e I Colóquio de Semiótica, 2007, Rio de Janeiro. Atas do IX FELIN. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2007. v. 01. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/52.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

SOUZA, Renato Dias de. A Participação Política dos Frades Franciscanos na Guerra Fria em Anápolis (1943-1964). In: TOSCHI, Mirza Seabra. *100 anos: Anápolis em pesquisa*. Anápolis: [s.n.], 2007. p. 93-110.

VIANA, Nildo. *Introdução à Sociologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VITOR, Frederico. Goiás começa a ser destino de refugiados da guerra civil na Síria. *Jornal Opção*, 8-14 set. 2013. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/posts/reportagens/goi-as-comeca-a-ser-destino-de-refugiados-da-guerra-civil-na-siria>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZILLES, Urbano. *Evangelhos Apócrifos*. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

### **Dicionários**

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DICIONÁRIO de sociologia. Porto Alegre: Globo, 1963.

DICIONÁRIO MICHAELIS, *online*, Editora Melhoramentos, 2017. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 03 set. 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio de língua portuguesa*. Coordenação: Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 4 ed. Curitiba: Positivo, 2009.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Nomes & Sobrenomes. Tudo o que você gostaria de saber e não lhe contaram*: Dicionário Etimológico. 4 ed. São Paulo: A M Edições., 1994.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

KADMON, Naftali (Ed.). Glossário de termos para a padronização de nomes geográficos (versão concisa em português), 2009. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/6779498-Glossario-de-termos-para-a-padronizacao-de-nomes-geograficos-versao-concisa-emporugues.html>>. Acesso em: 09 dez. 2016.

MORAES, Elias Soares. *Dicionário etimológico de nomes bíblicos*. São Paulo: Beit Shalom, 2010.

MAROTE, João Teodoro d'Olim (Org.). *Minidicionário. Francês – Português. Português – Francês*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2009.

SANTIDRIÁN, Pedro R.; ASTRUGA, Maria del Carmem. *Dicionário dos Santos*. Tradução: Elizabeth dos Santos Reis. Aparecida: Editora Santuário, 2004.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

### **Documentos**

ANÁPOLIS, Atestado de Salubridade nº6, de 20 de março de 1975. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Certidão, de 15 de setembro de 1955. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Decreto 33.846, de 04 de maio de 2012. In: Diário Oficial Município de Anápolis, de 07 de maio de 2012.

ANÁPOLIS, Decreto 40.404, de 29 de dezembro de 2016. In: Diário Oficial Município de Anápolis, de 29 de dezembro de 2016.

ANÁPOLIS, Decreto nº 10.269, de 01 de fevereiro de 2000. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Decreto nº 10.445 de 11 de maio de 2000. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Decreto nº 10.511, de 14 de julho de 2000. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Decreto nº 10.515 de 14 de julho de 2000. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Decreto nº 10.576 de 29 de setembro de 2000. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Decreto nº 10.577 de 29 de setembro de 2000. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Decreto nº 2.398, de 22 de outubro de 1980. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Decreto nº 2.689, de 23 de julho de 1982. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Decreto nº 2.755 de 18 de novembro de 1982. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Decreto nº 2.841, de 13 de abril de 1983. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Decreto nº 2.887, de 17 de junho de 1983. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Decreto nº 2.969, de 13 de outubro de 1983. In: Mapoteca de Anápolis, 2017.

ANÁPOLIS, Decreto nº 31.349, de 26 de novembro de 2010. In: Diário Oficial Município de Anápolis, de 26 de novembro de 2010.

ANÁPOLIS, Decreto *online*, 2009.

ANÁPOLIS, Decreto, de 25 de abril de 1991. In: Mapoteca de Anápolis, 2017.

ANÁPOLIS, Despacho, de 18 de março de 2011. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Documento de 24 de setembro de 1959. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Documento, 4 de junho de 1951. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Documento, de 11 de agosto de 1959. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Parecer nº 041, de 25 de março de 1983. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Parecer nº 121/78, de 06 de setembro de 1978. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria 131, de 12 de outubro de 1955. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria 205, de 20 de novembro de 1975. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria 516, de 30 de dezembro de 1960. In: Mapoteca de Anápolis, 2017.

ANÁPOLIS, Portaria nº 091, de 07 de abril de 1975. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 107, de 08 de março de 1979. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 116 de 23 de junho de 1975. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 117, de 07 de novembro de 1951. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 130, de 12 de outubro de 1955. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 130, de 12 de outubro de 1955. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 133, de 12 de janeiro de 1954. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 135, de 10 de dezembro de 1951. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 193, de 12 de maio de 1952. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 277, de 14 de dezembro de 1954. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 290, de 29 de outubro de 1952. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 356 de 20 de setembro de 1956. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 368, de 23 de maio de 1960. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 423, de 19 de outubro de 1962. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 458 de 04 de outubro de 1960. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 47/55. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 488, de 28 de novembro de 1960. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 507 de 17 de abril de 1957. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 513, de 28 de dezembro de 1960. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 570, de 11 de setembro de 1957. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 745, de 01 de setembro de 1964. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 809, de 27 de maio de 1958. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Portaria nº 92 de 15 de outubro de 1953. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Proc. 10979, de 07 de junho de 1984. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Relação de lotes do Jardim Santa Cecília. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS. Documento, de 16 de julho de 1959. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS. Portaria nº 2785, de 27 de novembro de 1982. In: Mapoteca de Anápolis, 2017.

ANÁPOLIS. Portaria nº 398, de 12 de novembro de 1956. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS. Portaria nº 805, de 01 de dezembro de 1964. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

## **Mapas**

ANÁPOLIS, Mapa do bairro Menino Jesus. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Mapa do bairro Nossa Senhora Aparecida. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Mapa do bairro Paraíso SS 2ª etapa. In: Mapoteca de Anápolis, 2015.

ANÁPOLIS, Mapa do bairro São Conrado. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS, Mapa do bairro Setor Santa Clara. In: Mapoteca de Anápolis, 2015.

ANÁPOLIS, Mapa do bairro Vila Santa Isabel 2ª etapa. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.

ANÁPOLIS. Mapa do bairro Residencial Arco-Íris. In: Mapoteca de Anápolis, 2016.